

ARIANE KUHNEN

**RECICLANDO O COTIDIANO**  
**O LIXO COMO POLÍTICA PÚBLICA E COMO**  
**REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia Política da Universidade  
Federal de Santa Catarina, para  
obtenção do Grau de Mestre em  
Sociologia Política, sob orientação  
da Professora Ilse Scherer-Warren.

Florianópolis

1994

ARIANE KUHNEN

**RECICLANDO O COTIDIANO  
O LIXO COMO POLÍTICA PÚBLICA E COMO  
REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia Política da Universidade  
Federal de Santa Catarina, para  
obtenção do Grau de Mestre em  
Sociologia Política, sob orientação  
da Professora Ilse Scherer-Warren.

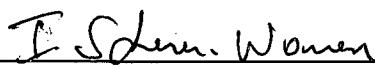
Florianópolis

1994


ARIANE KUHLEN

**RECICLANDO O COTIDIANO**  
O LIXO COMO POLÍTICA PÚBLICA E COMO  
REPRESENTAÇÃO SOCIAL

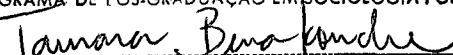
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, avaliada pela Comissão formada pelos professores:

  
Orientadora: Professora Ilse Scherer-Warren  
Sociologia-UFSC

\_\_\_\_\_  
Professora Julia Silvia Guivant  
Sociologia-UFSC

  
Professora Louise Lulhier  
Psicologia-UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Tamar Benakouche  
COORDENADORA

Florianópolis, Setembro de 1994

*Dedico essa dissertação ao Armando por muitas coisas que só ele sabe e por essas que aqui tornarei públicas. Esse trabalho foi construído desde o início com ele por padrinho, oferecendo incentivo nas alegres e amargas etapas.*

*Quando trouxe para minha vida, seu conhecimento e sensibilidade, pude acreditar que o trabalho que eu desenvolvia tinha mais possibilidades além dos ideais vividos. Também por isso Te Amo.*

## AGRADECIMENTOS

"Talvez seja importante ter, ser e poder, mas importante mesmo é fazer. Só fica o que se faz...e o que se faz é de todos." (Hemingway)

Que seria de um trabalho se não tivesse agradecimentos?

Por certo estaria faltando alguma coisa. Não pela tradição daquela página já esperada, mas porque ninguém faz um trabalho sozinho.

Começarei pela criação: aos meus pais, irmãos e avós que juntos e em cada uma de suas especificidades ensinaram-me a enfrentar a vida, e que me fizeram estar aqui hoje. Em especial, deixaram suas marcas no meu encantamento e respeito pelo meio ambiente, refletida numa maneira de olhar as coisas com simplicidade e alegria.

À Capes pelos meses de bolsa. Ao Mestrado, representado pelos meus professores, Terezinha Volpato, Tamara Benackouche, Paulo Kriske, Júlia Guivan, Héctor Leis e Eduardo Viola, em especial aos professores Paulo V. Freire que me ensinou o gosto pela pesquisa e Ary Minella pelo seu interesse no crescimento acadêmico dos alunos do curso. À Albertina e Fátima pela dedicação profissional e pelo carinho muitas vezes dispensado. Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo e amizade sempre presentes nas etapas de euforia e ansiedade por que passamos, tão peculiares ao nosso momento e que só era possível ser dividido entre nós, pois somente era compreensível entre os que estavam sentindo as mesmas coisas. Valeu!!

Agradeço especialmente à minha orientadora Ilse. É comum ao se agradecer orientadores, falar de sua paciência; sobre a Ilse gostaria de dizer o inverso: agradecer a sua impaciência com o mundo, com a realidade que aí está, e também agradecer o seu compromisso social e a sua dedicação às pessoas em geral. E particularmente, agradecer a dedicação dispensada a este trabalho, e ao aprendizado pessoal que me ofereceu no decorrer dele.

Aos meus colegas da Comcap, principalmente à antiga equipe do Programa Beija-Flor. Juntos inauguramos novas maneiras de trabalhar, conviver e sonhar. Por tantas vezes que sofremos e vibramos com nossos ideais e realizações. Com certeza muito desse trabalho deve-se às reflexões emergidas no nosso cotidiano, de nossas saudosas reuniões das sextas-feiras. Obrigada também pelo auxílio que me ofereceram na pesquisa documental e em avaliações preliminares.

Aos amigos, tão especiais, Jane e Vicente, que juntos já somamos tantos sonhos. Velhos companheiros, que vêm comprovando que a amizade é a mais preciosa das relações. À Lorena, principalmente pelos profundos dois meses que vivemos sobre o mesmo teto. À Katita, pelas etapas divididas e pelo apoio ao meu crescimento acadêmico.

E, finalmente aos atores sociais pesquisados para esse trabalho, que com sua disponibilidade possibilitaram essas reflexões e me fizeram acreditar que é possível fazer muita coisa para mudar a realidade.

## SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	01
PARTE I	
1. CAPÍTULO 1 A PROBLEMÁTICA DOS RESÍDUOS URBANOS E A COLETA SELETIVA	
1.1 A PRODUÇÃO DE RESÍDUOS.....	10
1.2 OS RESÍDUOS SOB A ÓTICA DA QUESTÃO URBANA.....	18
1.4 OS RECURSOS NATURAIS E O APROVEITAMENTO DE RESÍDUOS.....	29
1.5 A COLETA SELETIVA NO BRASIL.....	39
CAPÍTULO 2 FLORIANÓPOLIS E OS RESÍDUOS URBANOS	
2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	46
2.2 1986. O MARCO DA ABERTURA.....	50
2.3 A CONTÍNUA BUSCA DE SOLUÇÕES.....	58
2.4 UMA NOVA FORMA DE ENCARAR OS RESÍDUOS.....	62

PARTE II

CAPÍTULO 3 "RECICLANDO" O COTIDIANO-A TEORIA DAS  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1	O COTIDIANO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	72
3.2	O NASCIMENTO DE UM CONCEITO.....	73
3.3	A ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO.....	79
3.4	AS REPRESENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.....	85

CAPÍTULO 4 ESTUDO COM A POPULAÇÃO

4.1	INTRODUÇÃO.....	90
4.2	O CONTEXTO DA PESQUISA.....	91
4.3	A POPULAÇÃO, O BAIRRO E O PODER PÚBLICO.....	94
4.4	ECOLOGIA, SANEAMENTO E LIXO DOMÉSTICO.....	99
4.5	EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O LIXO.....	107
4.6	ENFRENTANDO NOVOS CONCEITOS - O LIXO REVISITADO.....	113
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	131
	ANEXOS.....	140



## LISTA DE SIGLAS

<b>APROCOM</b>	-	Associação Pró-Comunidade do Monte Verde
<b>CAPROM</b>	-	Centro de Apoio e Promoção do Migrante
<b>CEMPRE</b>	-	Compromisso Empresarial para Reciclagem
<b>CETESB</b>	-	Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental-SP
<b>COMCAP</b>	-	Companhia Melhoramentos da Capital-Florianópolis
<b>ECO-RIO 92</b>	-	II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.
<b>FATMA</b>	-	Fundação de Amparo e Tecnologia do Meio Ambiente-SC
<b>IBAM</b>	-	Instituto Brasileiro de Administração Municipal
<b>IBGE</b>	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBAMA</b>	-	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
<b>IPEA/CNDU</b>	-	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas/Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano
<b>MEL</b>	-	Movimento Ecológico Livre
<b>ONG's</b>	-	Organizações Não-Governamentais
<b>PNUD/BIRD</b>	-	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/Banco Interamericano de Desenvolvimento
<b>UFECO</b>	-	União Florianopolitana de Entidades Comunitárias

## RESUMO

Este trabalho visa avaliar, a nível de população, os resultados de uma política pública de valorização e tratamento de resíduos sólidos-lixo no município de Florianópolis. Inicialmente, apresenta aspectos gerais da problemática dos resíduos no contexto da crescente produção destes, a nível mundial e especificamente no Brasil. Analisa a situação dos resíduos em Florianópolis e o surgimento, em 1986, de uma proposta de envolvimento da população a partir de uma política pública de recuperação dos resíduos. Este estudo pretende avaliar como os valores ecológicos desta proposta foram incorporados nos bairros onde foi implantada esta nova política. A análise teve por referência as representações sociais destes atores. Foi buscada a forma como novos valores são incorporados no cotidiano, quais os processos cognitivos presentes nesta reelaboração, tendo em vista os valores já existentes. As conclusões demonstram aspectos positivos da metodologia de educação ambiental empregada.

**"Assim, o começo do período moderno gerou sentimentos que tornariam cada vez mais difícil os homens manterem os métodos implacáveis que garantiram a dominação de sua espécie. Por um lado, eles viram um aumento incalculável do conforto, bem-estar e felicidade materiais dos seres humanos; por outro lado, davam-se conta de uma impiedosa exploração de outras formas de vida animada.**

**Havia, dessa maneira, um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana. Uma combinação de compromisso e ocultamento impediu até agora que tal conflito fosse resolvido.**

**É possível afirmar ser essa uma das contradições sobre as quais assenta a civilização moderna. Sobre as suas consequências finais, tudo o que podemos é especular."**

**Keith Thomas, em "O Homem e o Mundo Natural"**

## INTRODUÇÃO

A dinâmica de desenvolvimento industrial e a crescente complexidade da vida social têm gerado inúmeras questões problemáticas para os atores sociais e políticos. Entre elas, os problemas ambientais urbanos são, sem dúvida, alvo de inquietação nos mais diversos meios. A nível mundial busca-se o equacionamento do que poder-se-ia chamar de "a consequência do século" <sup>1</sup>.

A falta de respostas adequadas às demandas urbanas contribuiu inegavelmente para a deterioração da qualidade de vida, traduzindo-se em comprometimento social e ambiental das populações das cidades brasileiras. A complexidade sócio-ambiental, decorrente de um longo crescimento predatório, tanto no que diz respeito ao meio ambiente quanto às condições de vida da população, culmina na emergência de uma nova postura de enfrentamento desta problemática. Esta postura deve orientar modos de viver alinhados num esforço coletivo, direcionados à formulação de propostas concretas, deslocando-se do campo teórico/intelectual às práticas políticas e sociais.

O impacto que a ecologia e seus valores trouxeram para a humanidade parece-nos incontestável. O olhar que tem sido dirigido para o meio ambiente ao considera-lo além de seus aspectos biológicos e físicos, a dizer, os aspectos sociais e culturais, tem levado as discussões desde o meio científico até a vida cotidiana da sociedade.

Quanto à questão dos resíduos urbanos(lixo), que será aqui estudada, vê-se que tem se tornado, entre os problemas

---

<sup>1</sup> Neste sentido têm sido debatido temas voltados para os problemas ambientais urbanos em eventos internacionais como Fórum de Cidades para o Século 21, entre outros.

ambientais urbanos, um dos assuntos mais discutidos, tanto por governantes como pela sociedade civil. É importante observar que a perspectiva cultural predominante, de encarar os resíduos como algo sem utilidade e valor, sendo desprezados como "sujeira" é a raiz de uma série de problemas associados a estes materiais. Contudo pouco tem sido feito para tentar equacionar este problema. Algumas iniciativas, contudo têm merecido destaque por estarem se dirigindo a possibilidades de reflexão e equacionamento do problema.

Entendo que políticas de valorização dos resíduos através do seu reaproveitamento, além de representarem uma alternativa na questão do destino final representam uma ação ecológica, pois trata-se de proteção do meio ambiente.

2

Tomemos como exemplo o papel, que não exige processos químicos para sua reciclagem, situação inversa à da transformação da celulose, evitando-se a poluição do ar e rios, como também reduzindo a necessidade do corte de árvores para a produção de matéria-prima. Processo semelhante ocorre com outros materiais (metal, plástico, vidro).

Estes aspectos nos permitiram visualizar algumas possibilidades de estudo, a partir da experiência do Programa Beija-Flor <sup>3</sup>, na cidade de Florianópolis. Escolhi essa política pública como cenário para este estudo, por entender que trata-se de um proposta institucional que pressupõe interação social conjugada com mudança de valores em relação ao meio ambiente. Pretendia apreender a diversidade das maneiras pelas quais o ser humano percebe o

---

<sup>2</sup> A pesquisa "O Que O Brasileiro Pensa Da Ecologia"(1992) apresenta dados quanto à disponibilidade dos brasileiros para adotar atitudes condizentes com seu manifesto interesse pelo meio ambiente. Dentre as alternativas oferecidas de mudança de hábito, a maioria respondeu que estaria disposta a SEPARAR O LIXO.

<sup>3</sup> Sempre que me referir ao Programa Beija-Flor, tratá-lo-ei por Programa.

seu meio e tentar, a partir deste estudo, elaborar uma especificação do modo pelo qual os seres humanos, situados em quadros sociais e culturais distintos, vêem o próprio ambiente e a ele reagem.

Entendendo que a percepção de um indivíduo sofre influência dos processos sócio-culturais, questiono como se configura o conhecimento dos moradores a partir da sua interação com uma política pública ambiental de tratamento dos resíduos. A partir destas primeiras questões, decidimos apreender a linguagem dos moradores enquanto representações sociais, buscando elucidar como se dão as relações entre as representações e as práticas sociais.

Chegaremos à resposta, descrevendo as representações sociais do meio ambiente presentes neste processo de mudança. O conceito de representação social é estudado nas Ciências Humanas, e indica que esta é elaborada através de percepções, de informações, de conhecimentos, de sistemas de valores, das relações vividas historicamente e no cotidiano. Observando as condições sociais e as circunstâncias históricas em que essas representações ocorrem, teremos as suas diferenciações segundo os meios sociais que as elaboram. Estas condições e circunstâncias são entendidas como pano de fundo através do qual serão analisadas as representações e as vivências da população selecionada.

Tomamos como referencial teórico a perspectiva das representações sociais, pois estudos têm demonstrado que este conceito, enquanto fenômeno significa uma modalidade particular de conhecimento; expressão específica de um pensamento social que decorre das representações estabelecidas entre os indivíduos. Uma representação não é jamais isolada, ela se integra, é uma elaboração psicológica complexa onde se integram em uma imagem

significante a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade, que podem conviver com representações que as reafirmam ou entram em contradição com elas.

Entendendo que a proposta do Programa Beija-Flor apresenta-se como provocadora de tensão entre valores, quando apresenta um paradigma ético subjacente de participação, responsabilidade com as gerações futuras e principalmente ao indicar linhas de recomposição das práxis humanas nas ações coletivas e individuais, surgiram algumas questões:

Como se deu o impacto do Programa na sociedade, já que este implica na participação efetiva da população? Como se comporta a população que participa frente a forma de tratamento "qualitativo" dos resíduos? Como se encontram as representações sociais do meio ambiente nesta população, já que na sociedade encontramos representações sociais distintas entre si, que evidenciam diferentes formas de relação interindividuais, intergrupais e destes (indivíduos e grupos) com o meio natural?

Esta pesquisa pretende mostrar como esses elementos inovadores atingiram individualidades e coletividades a ponto de possibilitar uma nova representação social de valorização ecológica. Interessa-nos nesta pesquisa, o conhecimento do senso comum, atribuindo significado à realidade da vida cotidiana. O objetivo principal, aqui perseguido, foi o de entender como as representações sociais orientavam a ação de um grupo de pessoas que atenderam a uma solicitação do poder municipal, num sentido que modificaria seu modo de convivência com os seus resíduos. A ação proposta exigia que esses resíduos fossem triados nos domicílios, de forma que possibilitassem o seu aproveitamento.

Este trabalho está dividido em duas partes que se completam, sendo que cada uma delas é apresentada em dois capítulos. Na primeira parte, o capítulo inicial representa a busca de um estado da arte da situação dos resíduos sólidos no contexto ambiental, e das possibilidades de aproveitamento destes por programas de coleta seletiva. As informações e conclusões deste capítulo foram sendo elaboradas a partir de uma pesquisa bibliográfica.

O segundo capítulo enfoca a situação dos resíduos no município de Florianópolis. Foram utilizados os seguintes instrumentos para a coleta e tratamento dos dados e informações: pesquisa bibliográfica sobre o tema, pesquisa documental na Prefeitura, COMCAP (Companhia Melhoramentos da Capital)<sup>4</sup>, Câmara de Vereadores, pesquisa hemerográfica (jornais e revistas que tenham dado cobertura aos fatos neste período) e quatro entrevistas abertas semi-estruturadas com informantes-chave, feitas entre os meses de agosto e setembro de 1992.

As entrevistas seguiram um roteiro pré-estabelecido para cada informante, considerados aqui como precursores do Programa no município. Foram entrevistados, os sujeitos participantes do processo de elaboração, fruto da união entre MEL (Movimento Ecológico Livre) e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a via institucional através da COMCAP, assim como com sua vertente comunitária através do depoimento da direção da associação de moradores no primeiro bairro que "abraçou" a tarefa de mobilizar-se em torno de uma novidade: participar de uma proposta do governo municipal no tratamento dos resíduos urbanos.

---

<sup>4</sup> Nesta empresa o Programa Beija-Flor foi institucionalizado, é uma empresa de economia mista sendo a Prefeitura a acionista majoritária. É responsável, entre outras coisas pela limpeza urbana do município.



Os depoimentos tiveram por objetivo resgatar a história desde sua idealização até a comprovação de suas possibilidades. Este percurso possibilitou perceber como seus objetivos foram elaborados e viabilizados. A contextualização histórica trouxe-nos dados do momento político onde eles foram gerados, e como os "ventos da democracia" sopraram favoravelmente nessa direção.<sup>5</sup>

Na segunda parte do trabalho, o que vem a ser o terceiro capítulo apresentamos uma perspectiva teórica necessária para uma análise em termos de representações sociais e o quarto capítulo corresponde ao estudo de campo com a população envolvida. O enfoque metodológico adotado aqui será o qualitativo, a medida que não emprega um referencial estatístico como base do processo de coleta e análise dos dados. Esta escolha justifica-se por entender que a forma mostra-se adequada para entender a natureza de um fenômeno social, e ainda, tendo em vista, o objetivo de clarificar e compreender um processo dinâmico vivido por esses grupos sociais, assim como possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento desses indivíduos.

Essa parte do estudo almeja identificar e entender como se deu a modalidade de conhecimento nos atores sociais que participam na elaboração deste novo modo de se relacionarem com o meio ambiente. Ou seja, como se processou nos agentes a articulação entre os modelos da tradição e os novos valores com os quais se defrontaram.

A escolha da amostra foi aleatória e não proporcional à população participante. Buscou-se o critério da uniformidade dos dados coletados. Inicialmente, observei alguns critérios na escolha dos bairros a serem

---

<sup>5</sup> Quando os depoimentos de entrevistados da pesquisa forem explicitados nesse trabalho serão apresentados em *itálico*, diferenciando-se, assim, das demais citações.

pesquisados. Foram escolhidos dois bairros entre os onze que participavam da proposta. Na época o Programa atendia dois bairros de classe média e oito de classes menos favorecida economicamente. Após um conhecimento exploratório sobre as características destes bairros, estabeleceu-se que o universo empírico da pesquisa seria constituído pelo bairro Balneário e Loteamento Ilha-Continente, por possuírem populações e características homogêneas.

Os dois bairros possuem elementos marcantes e distintos (classe média e menos favorecida economicamente), que os diferenciam entre si enquanto classes sociais. Outra característica favorável diz respeito à população, homogênea em cada bairro, no que se refere ao estrato sócio-econômico. Entretanto, possuem características semelhantes entre si: ambos os bairros possuem as componentes de participação e não-participação ao Programa e são bairros beneficiados também por outros projetos do poder público municipal.

A amostra de onze residências de cada bairro permitiu a comparação entre estas populações, pois o conteúdo das entrevistas não apresentou grande heterogeneidade. A ausência de variações marcantes possibilitou uma uniformidade dos dados a serem analisados. Para as entrevistas foram abordadas algumas residências de forma aleatória, respeitando alguns critérios que pudessem garantir a representatividade nas entrevistas com os moradores em cada bairro. Para alcançar estes critérios selecionei residências localizadas em regiões que indicassem as aglomerações populacionais naturais dos bairros. As entrevistas ocorreram entre os meses de junho e julho de 1993.

No Loteamento Ilha-Continente há nove pequenas quadras, onde se agrupam cerca de vinte casas em cada uma, nestas entrevistei uma ou duas pessoas. No Balneário há treze ruas principais, assim consideradas por mim, por serem as mais habitadas (anexo mapas com o arruamento dos bairros). Dentre essas foram entrevistadas dez pessoas em residências térreas e uma em edifício. Todos os entrevistados foram muito prestativos e se dispuseram a colaborar com a pesquisadora com bastante simpatia.

Esquemáticamente pretendo: a) avaliar a capacidade de interferência do Programa no sentido de provocador de tensão entre valores tradicionais e valores inovadores; b) identificar e avaliar como o Programa tornou-se um indutor de educação ambiental; c) identificar e explicar como se dá a modelação (passar a triar resíduos) na forma de participação do Programa a nível de bairro, no que concerne à tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos; d) descrever e explicar as variáveis presentes (informação, atitude, campo de representação ou imagem, simpatias políticas, crédito do governo local, participação comunitária...) quando respostas positivas e negativas (triar e não triar os resíduos) são dadas por parte da população.

Assim como, almejo a nível secundário: a) auxiliar a eficácia à nível de programas de reciclagem de resíduos (em especial o Programa Beija-Flor), ao conhecer como se incorpora e se reproduz o novo comportamento social; b) oferecer uma avaliação acadêmica da experiência, objetivando tanto, enriquecer a metodologia de implantação e manutenção do trabalho desenvolvido como a possibilidade de expansão desta metodologia para outras experiências similares; c) ampliar os estudos acerca de propostas ecológicas, sob o enfoque das Ciências Sociais e da Psicologia Social, elevando assim a possibilidade de

estudos interdisciplinares quando se referem a problemáticas ambientais.

Ao final teço algumas conclusões, sendo que algumas destas também já se apresentaram dentro do próprio corpo da dissertação. Vale ainda ressaltar que, o fenômeno estudado foi abordado aqui, apenas em algumas de suas facetas e que certamente não pretendo esgotar o entendimento da problemática neste estudo, tendo em vista a variabilidade de possibilidades de análises, assim como as particularidades de quem faz uma pesquisa.

## A PROBLEMÁTICA DOS RESÍDUOS URBANOS E A COLETA SELETIVA

### 1.1 A PRODUÇÃO DE RESÍDUOS

Uma das grandes questões colocadas às sociedades urbanas e industriais tem como tema a relação entre o crescimento econômico, o demográfico e o meio ambiente. O crescimento econômico brasileiro promoveu uma rápida e extensa industrialização concentrada em alguns centros urbanos. Estes conseqüentemente caracterizam-se por um crescimento demográfico elevado e desordenado conjuntamente com uma degradação ambiental, sem ainda uma contrapartida de políticas públicas. Políticas que poderiam regular as externalidades sócio-ambientais do crescimento econômico, através de um planejamento eficaz.

A forma como as pessoas habitam nas cidades, necessitam de bens de consumo e utilitários para desenvolverem suas funções vitais, conseqüentemente devolvem para o meio os produtos em formas de gases, águas servidas e resíduos sólidos. Nota-se que na atual conjuntura, não se verificam condições de equilíbrio.

Os problemas começam quando se registram sensíveis perturbações na ordem natural dos fenômenos responsáveis pela reintegração das substâncias ao meio ambiente e dele retiradas para satisfação das necessidades dos organismos vivos.

A era industrial tem se caracterizado por uma separação entre o ciclo ecológico e o ciclo econômico. Mas, ainda assim, o sistema econômico é totalmente enraizado num sistema físico com o qual troca matéria e energia. A teoria

econômica dominante (neo-clássica) propõe a circularidade do processo de produção e consumo.

Este modelo mecanicista imagina um sistema fechado, onde os processos econômicos se limitam a absorver matérias (recursos naturais de valor) e energia para rejeita-las (dejetos sem valor) continuamente.

A produção industrial, gradativamente, cria um aumento de resíduos de transformação muito lenta e, mais recentemente, de elementos não degradáveis, que provocam graves transtornos quanto à conservação do meio ambiente. Já o consumo exacerbado de produtos descartáveis, ou que geram muitos resíduos, provoca situações difíceis de resolver no tocante à coleta, eliminação e destino final destes materiais que precisam ser bem planejados para que não comprometam a qualidade de vida no meio ambiente.

A sociedade pós-revolução industrial, avançada e desenvolvida, gera dejetos também industriais (sub-produtos dos processos de fábricas, etc), o que traz profundas modificações nos componentes do lixo doméstico. Atualmente eles têm novos elementos, como metais, plásticos, etc) sobretudo inorgânicos. Estes materiais, recentemente inseridos no "menu" do lixo, têm por assim dizer um caráter artificial, que torna ainda mais difícil o seu tratamento natural de reciclagem, agravado ainda pela imensa concentração destes produtos.

Historicamente podemos verificar que vários fatos ajudaram a criar as enormes quantidades de dejetos e a voraz demanda de matéria-prima que caracteriza as sociedades de consumo de hoje. Depois da II<sup>a</sup> guerra mundial, os Estados Unidos criaram e exportaram um novo estilo de vida, baseado no consumismo. A quantidade de

produtos comercializados por uma nação demonstrava o avanço e o saneamento econômico que esta se encontrava.

Aliado a esta quantidade estavam os diferentes desenhos que os produtos poderiam apresentar para serem mais consumidos. Houve necessidade de desenvolver produtos com baixa durabilidade para propiciar as trocas no mercado, utilizando-se novos produtos que vinham sendo desenvolvidos em nome do moderno.

Foi o declínio dos produtos duradouros e reaproveitáveis. Temos o advento do que costumou-se chamar de "Obsolescência Programada". Os fabricantes limitam deliberadamente a vida útil de um bem. Só para ilustrar tal comprometimento, em 1988, a embalagem constituía 32% dos resíduos norte-americanos e 21% dos resíduos domésticos na Holanda, e era responsável por um terço dos resíduos domésticos e comerciais na antiga Alemanha Ocidental em anos recentes. (YOUNG, 1991, p.97)

O aumento do consumo de matéria-prima e de energia é consequência do aumento do nível de vida nas sociedades industriais ocidentais. Isto é acompanhado sempre de uma inevitável aparição de novas necessidades cuja criação não tem limites e por cuja satisfação se exploram cada vez mais os recursos naturais, a um ritmo mais rápido do que o que a terra pode produzir, e gerando dejetos a uma velocidade que não lhes permite serem absorvidos.

Está-se então, diante de uma situação de confrontação entre um consumo de bens cada vez mais acelerado e o imperativo de uma eliminação de dejetos compatível com o meio ambiente. Devem-se pensar em soluções que conjuguem os elementos meio físico, meio urbano, população e os resíduos sólidos "...tradicionalmente predominou uma concepção escapista de 'se livrar do lixo', cujo pressuposto básico

consistia em destinar o mais afastado possível os resíduos produzidos ('out of sight, out of mind') sem qualquer preocupação maior com os impactos decorrentes desse procedimento." (SAMPAIO DE ALENCAR, 1993)

Resíduo é um conceito vinculado e relativo a um contexto tecnológico, de aprimoramento da produção, portanto cultural e histórico. Pode-se dar-lhe um valor de uso, por exemplo como matéria-prima numa nova produção, assim ele deixa de ser dejetos para se tornar uma fonte, um valor de troca potencial. Também pode-se compreender os resíduos como sendo parte significativa dos ciclos da natureza e da economia.

A quantidade de resíduos sólidos que a sociedade está produzindo é uma das fontes indiscutíveis de deterioração ambiental. O crescimento da população associado à inadequação produtiva e de consumo constituem os fatores globais que explicam o crescente descarte dos resíduos no meio ambiente. O problema da poluição causada pelos resíduos aumenta na medida em que as cidades crescem e se congestionam.

Um dos problemas centrais é a destinação do lixo sólido, devido à escassez de áreas adequadas e resistências da população vizinha, (o conhecido NIMBY)<sup>6</sup>. Na verdade os resíduos sólidos vêm se convertendo num dos mais sérios problemas ambientais para as grandes cidades, na medida em que persiste a inadequação tecnológica dos processos industriais e igualmente a inadequação no comportamento do consumo.

---

<sup>6</sup> NIMBY quer dizer Not In My Backyard (não em meu quintal). É o símbolo de ações de resistência da população em aceitar depósitos de resíduos em lugares próximos à residências. No livro de Kent E. Portney, a questão é chamada: "The NIMBY syndrome."



Nunca produzimos tantos resíduos como hoje, conseqüentemente acarretando problemas para equacionar esse montante de resíduos-sobras. O excesso de resíduos é o expoente de uma problemática gerada pelo estilo de vida adotado, um modelo de desenvolvimento baseado na industrialização, no excesso de consumo, no desperdício. O modelo econômico adotado, está na origem do problema dos dejetos, intimamente dependente está a maneira que sentimos, pensamos, percebemos, representamos os resíduos individuais do cotidiano.

No Brasil, em 1977, o IBGE fez uma projeção da relação população/produção de lixo e os dados estimados naquele ano não se confirmam nos anos 80 e 90. O CENSO de 1991 conferiu que a população brasileira encontra-se aproximadamente em 147 milhões de habitantes e a produção de resíduos chega a 97.000 ton/dia, contrariando a projeção estimada para quantidades em torno de 60.000 ton/dia, para a mesma população.

Pensar o tema dos restos - do lixo - no momento em que a questão ecológica começa a ser mais amplamente discutida deve ultrapassar os debates de técnicos e especialistas. Trata-se de buscar reinserir o tema da natureza na ótica do próprio homem, avaliando o alcance de suas próprias ações e decisões. Trata-se, não apenas de discutir políticas públicas ou novas tecnologias mas, sobretudo, de discutir estas questões no campo das mentalidades. (PEREIRA, et al. 1992)

A sociedade moderna deveria preocupar-se mais com o lixo que produz, minimizando-o, reciclando-o e incorporando-o ao sistema como fontes alternativas de energia e matéria-prima, tal qual acontece com a natureza. Em nossa sociedade, de caráter urbano-industrial, vive-se num ambiente onde a natureza foi profundamente alterada. É como se vivêssemos numa tecnosfera. Isso nos leva a pensar

que dominamos a natureza, tal a artificialidade do nosso ambiente. Nos últimos 200 anos, por exemplo, a população mundial não só cresceu muito, como também mudou sua distribuição geográfica, concentrando-se cada vez mais nas cidades.

Certamente as mudanças possíveis nesta tendência devem incluir modificações nas ações dos fabricantes. Para ajudar a deter o crescente volume de resíduos provocados pelo excesso de embalagens e produtos similares apenas com desenho diferente, há que se colocar uma alternativa que contenha em si a possibilidade de prejudicar menos o meio ambiente. Vê-se que o consumidor não tem sequer a escolha no mercado de produtos que não prejudiquem o meio. Em geral os produtos que não agridem o meio ambiente são mais caros, ficando ainda o ônus para o consumidor consciente. Ou também o consumidor não tem a escolha por produtos reutilizáveis, a exemplo de trocas de garrafas.

Em alguns países isto já se constitui como realidade. Dinamarca, Holanda, Suécia e Suíça estão colocando à prova diferentes medidas para reduzir os resíduos. Dinamarca, por exemplo, proibiu em 1977 as embalagens descartáveis para bebidas não alcoólicas, e em 1981 para a cerveja. Esta medida vem sendo anunciada para os países membros da comunidade europeia. Desta forma, assim como muitas outras que são possíveis podem vir a reduzir os resíduos produzidos. (YOUNG, 1991, p.88)

Nos países ricos - e nas classes privilegiadas dos países pobres - as sociedades da abundância praticam o esquema produzir-descartar/acumular, deve-se sempre produzir mais para poder consumir mais. Queiramos ou não, os dejetos serão sempre o resultado de nosso consumo: corolário disto, mais consumimos, mais os produzimos. A necessidade de descartar é omnipresente e inelutável: descartamos porque os processos de produção têm sempre seus sub-produtos- 'inúteis', porque a utilidade dos bens é finita. (BARROS, 1993, p.200)

A constatação evidente é que os dejetos escapam à planificação convencional da maioria dos países, baseada numa ideologia que defende o crescimento custe o que custar e que ignora o que não é econômico. A consideração dos dejetos é marginal, normalmente técnica, não faz parte senão da administração dos serviços públicos de limpeza (coleta e eliminação), mas nunca num quadro de uma abordagem mais ampla, que ultrapasse as discussões sobre a disponibilidade dos recursos materiais e que até mesmo questione a 'inevitabilidade' desta situação. (idem p.203)

Avaliando o quadro que se segue, a qual apresenta o consumo mundial e os resíduos gerados, pode-se por certo entender como se dá a vinculação entre desenvolvimento, ou tipo de desenvolvimento com produção de resíduos. Vale ressaltar que os índices de consumo sempre estarão diretamente relacionados com a situação sócio-econômica dos países e a preocupação ambiental com os resíduos.

#### Quantidade e Composição de Resíduos Municipais

Geração Composição	Países de Baixa Renda(1)	Países de Alta Renda(2)
Geração Resíduos (Kg/hab./dia)	0,4 - 0,6	0,5 - 0,9
Papel, papelão	01 - 10	15 - 40
Vidro, cerâmica	01 - 10	01 - 10
Metais	01 - 05	01 - 05
Plásticos	01 - 05	02 - 06
Couro, borracha	01 - 05	-
Madeira, osso	01 - 05	-
Têxteis	01 - 05	02 - 10
Matéria orgânica	40 - 85	20 - 65
Inertes	01 - 40	01 - 30
Partículas	05 - 35	-

(1) países com renda per capita ≤ US\$360 (1978)

(2) países com renda entre US\$360 e 3.500 (1978)

Fonte: Adaptação de COING e MONTANO, 1985, p.16)

Não se pode eliminar os dejetos de um todo, é necessário conhecer suas propriedades para orienta-los em direção de vias de eliminação apropriadas. Antes de tudo a idéia é evitar sua produção. Em seguida, a redução do desperdício passa pelo aumento da longevidade dos produtos e pela recuperação de matéria-prima já transformadas.

A problemática dos dejetos se insere num contexto mais amplo, onde esta produção não pode mais ser vista isoladamente. As sociedades industriais avançadas atingiram uma situação crítica quanto aos níveis de poluição.

Como o homem usa tecnologias não adequadas, padrões não adequados de consumo, produz uma exagerada poluição, degradando o meio ambiente. Por isso, diz-se que a poluição é uma consequência lógica da ação do homem na sua irracionalidade produtiva e na sua irracionalidade de consumo que é determinada pelo sistema político-econômico-social vigente. Aqui nasce o mais simples princípio: a melhoria da qualidade ambiental está diretamente correlacionada ao aproveitamento dos resíduos decorrentes da produção e do consumo.

Por causa da disparada da produção de dejetos, as políticas começam a se orientar em direção à triagem, à reciclagem e valorização. E, ainda mais importante, a idéia é agir preventivamente: diminuir a produção, de maneira a diminuir a pressão sobre os recursos naturais e as necessidades de tratamento, de estocagem e de eliminação dos dejetos.

Logicamente para alcançar esses parâmetros, a sociedade obrigatoriamente terá que optar por uma nova ordem econômica -social, isto é, mudanças na organização político-econômica que levariam a uma adequação tecnológica

e de consumo. Os princípios que regem a estrutura político-econômica da sociedade moderna são princípios poluidores.

Além disso, faz-se necessário criar novos valores que orientem as pessoas a não jogar lixo nas ruas, em terrenos baldios, nos pátios das escolas, até refletir sobre nosso modo de vida, a quantidade e a qualidade do lixo que produzimos e o que fazemos para nos livrar dele.

Aliado à representação que temos dos resíduos também interligamos a nossa concepção afetiva e cognitiva da natureza. O modo de vida urbano se manifesta nos resíduos que produzimos, traços últimos das práticas sociais e marcas da escolha e do uso de bens.

## 1.2 OS RESÍDUOS SOB A ÓTICA DA QUESTÃO URBANA

A questão urbana está vinculada à agudização das condições de vida nas cidades, onde a precariedade dos serviços urbanos tem se apresentado como fonte de inúmeras reivindicações da população. Há de se esclarecer, no entanto que essa precariedade tem afetado sobremaneira as populações menos favorecidas economicamente. Os efeitos dos comprometimentos urbanos são sem dúvida mais imediatamente sentidos por determinados grupos sociais.

A acelerada devastação ambiental urbana das grandes metrópoles, o ritmo acelerado e desordenado do crescimento urbano e a proliferação de moradias precárias, vinculam-se ao crescente aumento dos resíduos sólidos. Esta situação, que comumente não vem recebendo atenção dos governantes, no sentido de implementação de políticas públicas

minimizadoras ou preventivas, tem provocado por certo deterioração ambiental e social.

No Brasil, o levantamento da Frente Nacional de Ação Ecológica na Constituinte, realizado em 1988, apontou 14 grandes temas críticos ambientais, destes 8 estão diretamente ligados a problemas urbanos. (LOUREIRO, et al, p.3). Hoje a problemática urbana tem sido evidenciada como uma questão do cotidiano, no que diz respeito à qualidade das condições de vida dos habitantes dos centros urbanos, ou cidades.

A abordagem aqui adotada é a de entender que os problemas ambientais estão intimamente relacionados com questões sócio-econômicas e culturais que afetam as condições de vida na cidade. Alguns querem reduzi-los a um problema natural e, portanto, afeito às ciências naturais. Outros insistem em dizer que se parte de uma questão social e, portanto, afeita às ciências do homem.

Mas o fato é que a questão ambiental requer novas formas de abordagem, integrando vários conhecimentos, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de vida. Todo e qualquer trabalho de educação ambiental está voltado para o futuro, pensando a relação homem-natureza numa perspectiva de respeito pelas novas gerações.

O meio ambiente degradado é a manifestação concreta da degradação das relações que os homens estabelecem entre si e que são a sustentação do nosso modelo de desenvolvimento e do nosso modo de vida. Cuidar do meio ambiente sem cuidar das relações sociais (normas, valores e regras de conveniência), ou vice-versa é fazer as coisas pela metade. //

A problemática ambiental não é ideologicamente neutra. Sua gênese está dada num processo histórico marcado pela expansão de um modo de produção, por padrões tecnológicos gerados por uma racionalidade econômica guiada pelo propósito de maximizar as ganâncias e os excedentes econômicos em curto prazo, por uma divisão de trabalho e um intercâmbio desigual de mercadorias entre nações. Assim, os efeitos econômicos, ecológicos e culturais da problemática ambiental sobre diferentes regiões, populações, nações, grupos e classes sociais são desiguais e diferenciados. (LEFF, p.75)

O fenômeno urbano é complexo e apresenta múltiplas implicações econômicas, políticas e sociais. Os sistemas de limpeza urbana são o complemento dos sistemas de abastecimento de bens de consumo. Para obter-se bens de consumo, os recursos são extraídos, tratados ou processados, armazenados e distribuídos aos consumidores.

Após sua utilização estabelece-se o processo inverso. Os rejeitos ou resíduos sólidos devem ser coletados, concentrados, transportados, tratados e dispostos na natureza, por isto constituem-se em preocupação cotidiana dos gestores das coletividades e defensores do meio ambiente.

No Brasil, o sistema de saneamento básico é bastante vulnerável e deficitário. Na zona urbana, 73 milhões de habitantes não têm acesso à rede de esgotos, 13 milhões não são beneficiados por abastecimento de água, e cerca de 34 milhões de pessoas não têm acesso à coleta de lixo. Estima-se que apenas 60% dos moradores urbanos são atendidos por sistemas de drenagem. (ANNICHINO, 1993, p.31)

Esta situação, por si só alarmante, fica ainda mais agravada quando sabe-se que a carência dos serviços atinge especialmente a população de baixa renda. Estatísticas de 1980 mostram que aproximadamente 21 milhões de brasileiros com renda inferior a 3 salários mínimos não tinham seus

domicílios atendidos por redes de abastecimento de água e nem contavam com instalações sanitárias adequadas. (idem)

A partir dos dados obtidos de pesquisas na área de saneamento, assim como dados mais recentes da última pesquisa do IBGE (Pesquisa Nacional de Saneamento Básico-PNSB/1991), pode-se ainda notar o forte comprometimento ambiental provocado pela má destinação dos resíduos urbanos no decorrer dos últimos anos no Brasil.

Os dados mais recentes desta pesquisa do IBGE, que tomou como base o ano de 1989, podem ser bastantes reveladores de algumas mudanças, mas estão ainda bastante longe do esperado para que se tenha uma qualidade de vida satisfatória. A destinação final destes resíduos é um dos maiores problemas que desafiam os governantes, já que a produção proveniente das diversas atividades dos centros urbano é muito maior que a capacidade natural de auto depuração no meio ambiente.

Objetivando acompanhar a evolução das ações políticas para o setor, mostrarei o quadro a seguir.

**Formas de Tratamento dos Resíduos Urbanos  
no Brasil (% em peso)**

Tipos de Tratamento	1977	1983	1989
Aterro Sanitário	20,1	24,9	23,0
Aterro Controlado	22,9	14,3	21,7
Incineração	1,2		0,2
Compostagem	4,7		3,0
Disposição Céu Aberto	45,8	60,8	48,3
Despejo em Águas e Mangues	5,3		1,6
Reciclagem	-	-	2,2

Fonte : IPEA/CNDU/CETESB, 1977 e IBGE, 1991



A comparação destes dados deve servir para alertar sobre a situação sanitária da destinação final dos resíduos sólidos no país. As formas de tratamento, como aterro controlado <sup>7</sup> e disposição a céu aberto, onde não há tratamento do líquidos percolados ou chorume <sup>8</sup> trazem grandes riscos ambientais de poluição do ar, solo e águas. Assim como a disposição em regiões alagadas, onde a contaminação pelo chorume é direta. A coerência nos leva a alertar que estas formas de destinação final não podem ser consideradas como tratamento, tendo em vista a inexistência de qualquer técnica ou tecnologia ambiental.

Pelo dados do quadro apresentado podemos perceber que somente 28,2% dos resíduos coletados nas cidades brasileiras são tratados de forma ambientalmente ou sanitariamente adequada. Pode-se considerar como forma adequada de tratamento, o aterro sanitário (23,0%), incineração (0,2), compostagem (3,0%) e a reciclagem (2,2%).

Deve-se entender estes dados considerando que as grandes cidades brasileiras, conseqüentemente tornaram-se as grandes produtoras de resíduos e são as que possuem formas de tratamento adequada. Ou seja do volume de resíduos gerados no país, 28,2% recebem tratamento e as formas de tratamento são políticas de saneamento das grandes cidades brasileiras. O quadro a seguir mostra dados das cidades brasileiras e o tipo de tratamento dado aos resíduos coletados.

---

<sup>7</sup> Não se caracteriza por uma técnica de engenharia. Consiste no simples aterramento do lixo e cobertura por camadas de terra.

<sup>8</sup> Líquido escuro proveniente da degradação dos resíduos.

**Distritos, por Unidades de Destinação Final dos  
Resíduos Coletados no Brasil (1989)**

Tipos de Tratamento por Número de Distritos	(%)
Aterro sanitário	1,1
Aterro controlado	10,2
Incineração	0,4
Compostagem	0,7
Disposição a céu aberto	85,1
Despejo em águas/mangues	1,4
Outros	1,1

Fonte :IBGE, 1991

Pode-se observar que somente 2,2% das cidades brasileiras contam com sistemas de destino final adequado. Enquanto que a grande maioria, 96,7%, ainda não está investindo em políticas adequadas para os resíduos. O dado mais alarmante, nos diz que 86,5% dos resíduos são despejados inadvertidamente no solo, em mangues e rios.

Esta situação é bastante característica nas cidades de pequeno porte, onde há pouca pressão de movimentos ecológicos, e pouco interesse das administrações por projetos de saneamento. É mais comum, em função de interesses eleitoreiros dedicar-se a obras que apareçam, como exemplo ginásios de esporte, ao invés de obras que ficam escondidas, como é o caso de sistemas de esgoto.

Aliado ainda ao descaso com o saneamento, os poderes públicos dessas cidades contam com a existência de locais distantes da população para depositar os resíduos, evitando o incômodo visual e os odores, o que aparentemente parece não prejudicar os moradores das cidades.

Do total de municípios brasileiros 6,2% não têm serviços de coleta, deve-se considerar entretanto que os dados não apresentam a percentagem do atendimento do serviço. A exemplo de Florianópolis, onde o serviço de coleta não atinge a totalidade da população, estima-se que em torno de 10% da população da capital catarinense ainda recebe um serviço precário de coleta, e 4% não vem sendo atendida. É comum nas cidades brasileiras das áreas carentes não serem cobertas por esse serviço. (IBGE, 1991 e IBAM, et AL, 1994) O quadro a seguir demonstra essa realidade em Florianópolis, onde somente 20% das áreas carentes recebem coleta de resíduos, em contrapartida quase a totalidade das não carentes, em torno de 95%, são beneficiadas por esse serviço público.

**Número e Percentual de Habitantes Atendidos pela Coleta de Lixo em Áreas Carentes e Não Carentes de Florianópolis**

Coleta de Lixo	Áreas Carentes		Áreas Ñ-Carentes		Total	
	Hab.	%	Hab.	%	Hab.	%
Existente	6.543	20,3	211.429	94,9	217.972	85,5
Precária	15.228	47,3	11.310	5,1	26.538	10,4
Inexistente	10.431	32,4	-	-	10.431	4.1
Total	32.202	100,0	222.739	100,0	254.941	100,0

Fonte: IBAM, et al, 1994

As chuvas então passam a atuar como 'varredouras naturais' dos detritos espalhados no solo, que passam a ser transportados em função do volume das precipitações e da inclinação do solo. Além disso, a água precipitada percola os montes de lixo, nos depósitos finais, e ao se infiltrar vai dissolvendo substâncias, mesclando-se com o chorume e termina, dependendo da localização, poluindo corpos d'água superficiais e subsuperficiais, assim como obstruindo canais de escoamento destas águas de chuvas.

Estas mesmas conseqüências são notadas em locais de depósito de lixo - os lixões - só que aumentada as proporções dos danos ambientais. De acordo com dados da pesquisa desenvolvida no Programa de Gestão Urbana e Meio Ambiente (PNUD/BIRD/Habitat, 1991), os problemas enfrentados pelos serviços de limpeza urbana em países em desenvolvimento, de um modo geral são: a) limitação financeira: orçamentos inadequados, fluxo de caixa desequilibrado, arrecadação insuficiente e inexistência de linhas de crédito; b) falta de capacitação técnica e profissional das equipes; c) falta de cooperação da população; d) descontinuidade política e administrativa. (PINTO, 1991, p.36)

Do ponto de vista político e social, identifica-se a escassez de envolvimento, participação e motivação tanto institucional como da população em geral. Talvez uma forma de equacionar esta questão seja pela via da integração com outros setores da saúde pública, meio ambiente, desenvolvimento urbano, habitação, infra-estrutura e serviços públicos. Discute-se comumente tal problemática em fóruns do setor. Esta realidade não vem acompanhada de alternativas de mudanças, no sentido de equacionar ou mesmo melhorar tal situação. Há atualmente um certo movimento entre os técnicos para discutir estas questões, no interior de suas atividades, ou mesmo com os membros dos níveis de decisão.

Quanto ao item que diz respeito à população, percebe-se a pouca atenção dispensada, começando pela não inclusão de técnicos da área nas equipes das Prefeitura ou órgãos responsáveis. Ao mesmo tempo, quando há disponibilidade de técnicos estes serviços não recebem apoio por parte dos governantes<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Uma abordagem nesse sentido verifica-se em : EPA-Sites for our solid waste-A guide book for effective public involvement. 1990

Há que se avaliar os custos destinados a limpar as cidades. Poder-se-ia tomar por princípio a educação de não sujar as cidades. Certamente para isto teríamos que contar com a população, com o real exercício da cidadania.

Há neste sentido, muito trabalho por fazer. Os resíduos constituem preocupação cotidiana dos gestores das coletividades locais e defensores do meio ambiente. A pressão popular, promovida pelos múltiplos movimentos, associações e grupos de cidadãos de motivações variadas, leva o debate para a arena política, que desemboca em novas disposições legais e regulamentos, em particular em favor da recuperação dos resíduos domiciliares. Observando a composição dos resíduos das cidades pode-se verificar várias possibilidades neste sentido.

A cidade ficará limpa se a população estiver efetivamente junto à administração municipal nesta tarefa. Sem este apoio, mesmo que a prefeitura dobre o número de equipamentos e de empregados, o problema não será resolvido. Inicialmente, o apoio se define em dois comportamentos simples: não colocar lixo na rua e deixar o lixo doméstico devidamente ensacado no dia e hora de passagem dos caminhões coletores.

Estudos têm demonstrado que a composição dos resíduos é bastante heterogênea, em função de alguns fatores como hábitos de consumo, variações sazonais e climáticas, alterações na economia, evoluções tecnológicas, entre outras. A composição do lixo de uma cidade varia em função de vários parâmetros ligados à população e ao aspecto físico da cidade. As características qualitativas e quantitativas dos resíduos urbanos variam com aspectos sócio-econômicos e culturais, condições climáticas e ocupação da área, hábitos e outros que se modificam com o decorrer do tempo.

As tendências evolutivas das características qualitativas e quantitativas expressam a variação percentual dos elementos componentes da massa de lixo. O conhecimento da composição gravimétrica fornece subsídios para estudos de viabilidade técnica sobre a forma adequada de tratamento e também para o dimensionamento de sistemas de coleta e transporte (BORGES DE CASTILHOS, 1991). A título de comparação, pode-se avaliar os componentes físicos dos resíduos sólidos urbanos de Florianópolis, no ano de 1988 e de outras cidades brasileiras.

**Composição Média dos Resíduos de 20 Cidades  
Brasileiras de Grande Porte**

Componentes	% em peso (variação)
Matéria orgânica	59,0 +/- 15,0
Papel	21,0 +/- 7,0
Plástico	5,5 +/- 1,5
Vidro	3,0 +/- 1,0
Metal	3,0 +/- 1,0
Outros (rejeitos)	8,0 +/- 4,0

Fonte: Adaptação de Rousseaux, et al, 1989, p.528

**Composição dos Resíduos Urbanos de Florianópolis**

Componentes	% Em Peso
Matéria orgânica	47,33
Papel	25,01
Papelão	6,89
Plástico	8,88
Vidro	1,95
Metal	3,71
Outros (rejeitos)	4,7

Fonte: BORGES DE CASTILHOS E SILVEIRA, 1992

É de igual importância, no estudo dos resíduos sólidos, examinar também, o comportamento e a relação que tem a população na produção de lixo. A produção de lixo vai depender de fatores sociais como estrutura etária, nível sócio-econômico, setores de ocupação da população economicamente ativa etc. Contudo, a produção de lixo sofre alterações no tempo, provocadas pela própria dinâmica populacional, onde se inclui o crescimento demográfico devido à natalidade e aos fluxos migratórios. Esses antecedentes são fundamentais para a coleta e escolha do destino final. (BERRIÓS, 1986, p.87)

Os conhecimentos científicos e tecnológicos têm indicado que as políticas públicas na área de saneamento podem ser ampliadas ou até podem receber um tratamento totalmente diverso do que vêm recebendo atualmente. Universidades, centros de pesquisas, instituições internacionais, entre outros, vêm apresentando possibilidades técnicas para a mudança e a inversão na aplicação dos recursos disponíveis.

Reivindica-se um saneamento básico orientado para a preservação, para a remediação e para novas possibilidades de equacionar os problemas decorrentes de infra-estrutura básica. Deve-se ter em mente que este problema repercute em outros infinitos problemas. Os desequilíbrios ambientais decorrentes das dificuldades sanitárias que se encontra a maioria dos países do chamado Terceiro Mundo, revertem sobretudo, em custos sociais que, devem ser contabilizados no processo de desenvolvimento econômico e social desses países.

A mudança do discurso, embora repleta de significados, é insuficiente para viabilizar efetivas melhorias na qualidade do uso que fazemos dos recursos naturais disponíveis. O esperado é que dentro de cada setor, sejam

incorporadas as variáveis ambiental e social, na vivência individual, assim como uma dimensão de planejamento, conferindo-lhe sua real importância.

Fundamental neste sentido é buscar a coerência nas posições adotadas, que permita perceber a estreita relação entre pobreza e degradação ambiental, ou seja, avaliando que o enfrentamento da miséria é condição indispensável ao enfrentamento dos problemas ambientais. Dentro desta perspectiva é que deve-se incorporar as tecnologias, como uma condição para viabilizar o acesso ao conhecimento indispensável à melhoria dos indicadores sociais e ambientais. Deve-se ter em mente esses aspectos ao tratar das questões pertinentes ao resíduos sólidos urbanos, seja produção, coleta ou tratamento.

No enfrentamento desta problemática, há a necessidade premente, de uma ação preventiva de controle ambiental e de qualidade de vida, que deve apontar para um desenvolvimento tecnológico relacionado com o aproveitamento econômico dos resíduos. Também se faz necessária a mobilização de segmentos da sociedade, ligados direta ou indiretamente à produção de resíduos, de modo a aperfeiçoar, do ponto de vista humano, as tecnologias, apropriando-as para o equacionamento da problemática. O viver nas cidades deve ser enfrentado com políticas que levem a humanização das relações entre os homens com o mundo natural.

### 1.3 OS RECURSOS NATURAIS E O APROVEITAMENTO DE MATERIAIS

O uso humano de matéria-prima, com exceção da madeira, foi historicamente quase insignificante, comparando aos tempos atuais. A aparição das economias modernas no século



19 mudou esta situação. Desde então vem crescendo em ritmo acelerado a exploração de diversos bens da natureza, em especial no campo dos minerais. (YOUNG, 1991, p.74-5)

A produção e consumo per capita de matérias-primas por parte das nações industrializadas seguem aumentando até as últimas décadas. Entre os países industrializados e em vias de desenvolvimento as diferenças são ainda mais notáveis. (idem)

A extração e o processamento de matéria-prima têm se constituído em uma das atividades humanas mais destrutivas. O principal perigo de altos níveis de consumo está no dano continuado que sua extração e processo causam ao meio ambiente.

A maior parte das matéria-prima, que entram nas economias industrializadas, acaba saindo por um outro extremo em forma de resíduos. Assim o crescimento de resíduos acaba seguido de danos que a eliminação de dejetos e a produção de materiais causam ao meio.

A tendência verificada mundialmente, em relação a gestão de resíduos, é considerar uma abordagem ampla para a questão; não se limitando apenas ao lixo produzido, mas atuando também de forma incisiva em todas as fases anteriores à própria geração do resíduo.

As diretrizes internacionais para o setor de resíduos, orienta para a minimização <sup>10</sup> destes, a maximização do reaproveitamento e a destinação final adequada. A tradução dessa idéia pode ser observada na seqüência, demonstrada no

---

<sup>10</sup> A minimização de resíduos pode ser compreendida como uma série de medidas que, se tomadas, permitiram a redução da quantidade a ser disposta a redução na fonte, reciclagem, tratamento e disposição final.

esquema a seguir: EVITAR - MINIMIZAR - RECICLAR - TRATAR - DISPOR. (EPA, 1986, p.iii)

Para minimizar o impacto ambiental da poluição de resíduos sólidos, existem duas alternativas políticas: a primeira estratégia é redimensionar e adequar os processos de produção e o comportamento de consumo, a segunda é a reciclagem. A reciclagem parece ter se transformado nos últimos tempos em um fenômeno de moda e salvadora do excesso de consumo de embalagens. Há que se avaliar cada programa, pois muitos se tornaram desencargo de consciência de alguns governantes, ou ainda "figuração" para os ecologistas.

Ainda que possa ser uma iniciativa importante para o problema dos resíduos, a reciclagem não deve ser vista como um alibi para os excessos dispensáveis de consumo. Tanto a redução na fonte como a reutilização são superiores à reciclagem dos materiais, em termos de impacto geral para o meio ambiente.

Contudo os programas de reciclagem comunitários, em especial os que implicam na separação dos resíduos nos domicílios, podem ajudar as pessoas a serem mais conscientes do volume e dos tipos de resíduos que geram. O objetivo geral destas alternativas, está em reduzir o volume de materiais que entram e saem da economia, evitando deste modo os custos que representam para o meio ambiente a extração e o processamento de matérias virgens e a eliminação dos resíduos.

O grande problema de resíduos sólidos, no momento, é a forma como são tratados e disposto no meio ambiente. A preocupação maior das municipalidades, e da população em geral, é de se livrarem do lixo, pouco importando como a disposição final está sendo feita.

Neste aspecto, observa-se que a maioria dos municípios brasileiros lança seus resíduos nos lixões, que não apresentam as mínimas condições técnicas ou ambientais de implantação, submetendo a população e o meio a graves riscos sanitários e à deterioração dos recursos naturais da região. Além disso, a existência de pessoas que sobrevivem da coleta de elementos reaproveitáveis dos lixões, os catadores, submetidos a condições degradantes, incorpora uma face social no espectro dos problemas causados por este tipo de destinação final.

É crescente no Brasil o interesse pela questão dos resíduos sólidos. Atualmente é reconhecida a importância que a correta gestão dos resíduos tem com os aspectos de conservação de recursos naturais, de manutenção da saúde pública e de preservação do meio ambiente.

Permeiam a discussão as considerações de ordem técnica e econômica, fatores que condicionam as diversas soluções de gestão de resíduos, como os aspectos de conservação de recursos naturais, contudo percebe-se que está hoje implantado no Brasil um quadro caótico na imensa maioria das municipalidades brasileiras.

Muitas nações industrializadas têm um enfoque oficial comum com respeito aos resíduos, uma hierarquia no tratamento dos dejetos, esta consiste em uma lista de opções de tratamento por ordem de prioridade: redução na fonte (evitar em primeiro lugar a geração de resíduos), a reutilização direta dos produtos, a reciclagem, a incineração (com recuperação de energia) e, como último recurso, os aterros.

O Plano das Nações Unidas para o Meio Ambiente apóia esta hierarquia. No entanto o que ocorre na prática, são ações contra este princípio. A maioria dos governos têm

concentrado suas atenções e recursos na eliminação e não na redução de dejetos. (YOUNG, 1992, p.82)

A incineração tem sido uma das práticas mais adotadas pelos países desenvolvidos, embora ao mesmo tempo venha crescendo em determinados países o interesse pela reciclagem e sistemas afins, tendo em vista as alternativas ecológicas presentes em cada uma dessas soluções.

Ainda que, muitos incineradores produzam energia, a quantidade recuperada é consideravelmente menor que a necessária para produzir os artigos que queimam. Por exemplo, a reciclagem do papel pode arrolar até 5 vezes mais energia do que se pode recuperar através da incineração, segundo o tipo de papel. Ainda deve-se considerar que a reutilização repetida de uma embalagem duradoura pode acrescentar mais benefícios ambientais. (idem p.83)

Ainda assim deve-se ter em mente que queimar resíduos pode produzir toneladas de cinzas e contaminar o ar e a água. O reaproveitamento de materiais pode diminuir no solo o impacto ecológico da eliminação de resíduos como também os danos maiores causados ao meio pela extração e o processo de matéria-prima. (idem)

A redução na fonte é a opção favorita em praticamente todas as listas de estratégias de tratamento de resíduos, por ser a única opção que faz diminuir a necessidade de eliminação, de extração e de processo de matérias virgens, e oferece a menor necessidade de energia e a contaminação reduzida da reciclagem.

No entanto, reduzir os dejetos é, na maioria das vezes, descartado por parecer irrealista. Muitos dizem que a redução de resíduos é pouco prática nas sociedades

industrializadas atuais, que as populações querem e necessitam as coisas que compram, utilizam e jogam fora. É claro está-se falando de um tempo onde os termos pessoa e consumidor são intercambiáveis <sup>11</sup>. (RATTRAY 1990, p.64-5).

A sociedade como um todo sofre os impactos sobre a saúde e arca com os custos sócio-econômicos da contaminação do solo, da água, do ar e dos alimentos, causada pelo modelo de desenvolvimento atual. A produção indiscriminada de resíduos causa grave desequilíbrio ambiental ameaça a integridade dos ecossistemas e intensifica os danos sobre o bem-estar social, econômico e cultural dos habitantes da Terra.

O homem é responsável pela revolução tecnológica e dependente dela, o homem não sabe mais simplesmente viver sem a produção industrial. O rápido crescimento da espécie é acompanhado por um crescimento concomitante das necessidades de matéria-prima industriais.

Freqüentemente as tecnologias do desenvolvimento e do progresso não têm sido aliadas às ciências do meio ambiente, tornando-se, muitas vezes, incompatíveis com a preservação do mesmo. Parâmetros ambientais não foram determinantes no processo de desenvolvimento econômico, o que coloca em risco e, portanto, em debate a relação do homem com o mundo natural.

Por outro lado, justamente pela história deste modelo de desenvolvimento, a questão ambiental, os valores intrínsecos a esta abordagem não são parte integrante de nossa cultura. Através da análise do lixo é possível sintetizar aspectos do processo cultural de toda uma sociedade.

---

<sup>11</sup> Assunto discutido em Packaging- The environment and the consumer, de David Pechard-PIRA Reviewws of Packaing, 1991.

O evento da ECO-92 na cidade do Rio de Janeiro, conviveu paralelamente com o evento do Fórum Internacional de ONG'S e Movimentos Sociais. Observando seus documentos apresento algumas diretrizes, seus pressupostos por exemplo:

Item 9: "A adoção de qualquer tecnologia ou processo industrial deve incluir o princípio da precaução em relação a geração de resíduos antes de iniciar o processo de fabricação." (TRATADO SOBRE RESÍDUOS) ;

Item 15: "A adoção de regulações nacionais e internacionais que objetivam implementar tecnologias limpas de produção, resgatar os resíduos na sua origem e eliminar as embalagens que não sejam biodegradáveis, reutilizáveis ou recicláveis, é um passo essencial para a criação de novas atitudes sociais e para prevenir os impactos negativos do consumismo ilimitado."(idem) ;

Item 17: "As indústrias e o governo devem assumir plena responsabilidade pelo tratamento adequado no decorrer do ciclo de vida do processo de produção. Se houver produtos residuais, eles devem ser tratados onde forem produzidos, e não transportados através de fronteiras nacionais." (TRATADO SOBRE O CONSUMO E O ESTILO DE VIDA)

As empresas de embalagem e distribuição devem implantar sistemas efetivos de devolução de depósitos para recipientes e outras embalagens. Assim como oferecer subsídios para as indústrias que utilizem materiais reciclados antes de usar materiais virgens. A agressão ao meio, seja por exaustão ou excesso de lixo, acaba por agredir também a economia e a sociedade como um todo e, deve ser assim avaliada, quando forem necessários altos custos sociais para equacionar o destino destes resíduos.

Também pode-se notar que, muitas vezes, diante da falta de alternativas começa a aparecer a alternativa da reciclagem, que há pouco estava em segundo plano. E aí os valores aparecem invertidos: o lixo, que sempre foi um problema, torna-se uma solução.

A vantagem da reciclagem é, segundo os seus defensores, dupla; por um lado reduz o volume final dos resíduos que têm de ser incinerados ou aterrados (calcula-se que 25% do lixo urbano pode ser reciclado, como foi indicado anteriormente no quadro que traz a composição dos resíduos). Por outro lado, a recuperação dos resíduos e a sua reintegração em determinados processos produtivos assegura relevante economia de matéria-prima e de energia, representando, assim, uma boa alternativa para enfrentar as oscilações do mercado abastecedor e, sobretudo, para preservação dos recursos naturais; assim como melhoramento do solo com incorporação de composto orgânico.

**Reciclagem é um termo que se usa desde os anos 70, quando se tornou maior a preocupação ambiental, reforçada em função do racionamento do petróleo. Reciclar significa fazer retornar ao ciclo de produção materiais que foram usados e descartados. Este procedimento é adotado por países com poucos recursos naturais, por países em crise energética e por países pobres, mas, basicamente, é uma exigência do mundo moderno, que se convence de não ser mais possível desperdiçar e acumular de forma poluente materiais recuperáveis. (O LIXO PODE SER UM TESOURO, 1992, p.14)**

A triagem domiciliar com a posterior coleta seletiva dos materiais, que anteriormente foram considerados como lixo, contribui com a sociedade no sentido de se repensar o consumismo, o desperdício de materiais que podem ser reciclados e que, se enterrados, não serão degradados e, se atirados nas vias públicas, causarão o entupimento das canalizações, etc.

Enfim, acredita-se que este projeto contribui para o exercício da cidadania dos moradores desta cidade. Recentemente, com o advento de uma maior preocupação com as questões ambientais, uma nova fase se configura tendo como ponto de partida a recuperação de materiais descartados pela população.

A tendência, ao que tudo indica é uma desvio na velha Lei de Lavoisier: *"Na natureza, nada se perde, nada se cria. Tudo se transforma."* A esta máxima recorreram com frequência os defensores da idéia de que o meio ambiente é suficientemente rico capaz de absorver toda a poluição causada pelo ser humano.

Embora isto se aplique perfeitamente a experiência bastante recentes no emprego de bactérias e fungos na despoluição de manchas de óleo, lixos tóxicos, para grande parte da enorme massa de resíduos que se produz e se acumula dia a dia, não há outra escolha: o que o homem faz, o homem tem de transformar.

Assim, tem-se esboçado situações, na questão do lixo urbano, indicadoras de um novo tempo, em que o estigma da morte cede lugar a possibilidades que mudam radicalmente muitos de nossos valores tradicionais...O lixo é reciclável, algo pode renascer. Vida em abundância..., no caso do lixo doméstico, a reciclagem o reintroduz direta e claramente no 'ciclo' da natureza, superando assim a sua 'morte'. (CARREGAL, 1992, p.39)

A reciclagem de materiais do lixo urbano tem cada vez maior aceitação no mundo, uma vez que possui forte conteúdo ecológico, contribuindo para reduzir o volume de lixo a eliminar, para a economia de energia e de matéria-prima, para a geração de renda e para a proteção do meio ambiente.



O reaproveitamento dos restos da produção industrial e do consumo urbano vem se impondo em todo o mundo como imperativo deste final de século para a conservação e a preservação do planeta.

Associadas a este objetivo vem se difundindo em todo o mundo práticas diferenciadas de coleta seletiva. No sistema de coleta porta a porta, o poder público ou entidades, empresas dirigem-se aos domicílios para recolher os materiais previamente selecionados. No sistema de aporte voluntário, ao contrário, o cidadão se dirige a locais apropriados, isto é, definidos e devidamente equipados para receberem o lixo reciclável, ali depositando o seu material para a coleta.

A coleta seletiva constitui processo de valorização dos resíduos, em que estes são selecionados e classificados na própria fonte geradora, visando seu reaproveitamento e reintrodução no ciclo produtivo. Ao invés de simplesmente eliminar os resíduos, passa-se a valoriza-los, reciclá-los.

A prática da coleta seletiva reveste-se de forte conteúdo comunitário, qualquer que seja a abrangência do projeto. Seu potencial transformador a recomenda como exercício cotidiano de solidariedade entre os indivíduos. É na adesão da população que reside seu principal triunfo. Respeitar, portanto, o tempo de maturação de cada experiência, para que suas condições de reprodução se realizem, é necessário e imprescindível.

As principais vantagens da implantação de um programa de reciclagem de lixo são:

1. o aumento da vida útil de aterros e lixões, pois reduzir-se-ia a quantidade de lixo a eles encaminhada;

2. o ponto de partida para a consciência da comunidade sobre a esgotabilidade dos bens, da relação homem/meio ambiente, dos atuais sistemas de produção;

3. a redução no consumo de energia para indústria;

4. a diminuição dos custos de produção, por causa do aproveitamento de recicláveis pelas indústrias de transformação;

5. a intensificação da economia local, com a criação de empregos e, até mesmo, o surgimento e a concorrência de empresas recicladoras;

6. a economia para o país na importação de matéria-prima e na exploração de recursos naturais não renováveis. (CEMPRE/IBAM 1993)

Os esforços para conseguir que as famílias triem seus resíduos devem se constituir em um meio e não em um fim. A reciclagem é tão só uma peça em uma estratégia que deve também incluir intensos esforços para reduzir os resíduos em sua origem e reutilizar diretamente os produtos. A reciclagem por fim oferece a possibilidade de solucionar os problemas criados pela existência de resíduos sem provocar riscos ecológicos.

Contudo a coleta seletiva não é panacéia para os males ambientais da sociedade contemporânea. O seu exercício, porém, representa efetiva contribuição para a melhoria ambiental e a afirmação da cidadania.

#### 1.4 A COLETA SELETIVA NO BRASIL

O sistema utilizado na coleta seletiva no Brasil é basicamente o mesmo em todas as cidades. Notadamente algumas cidades são expoentes no cenário nacional.

Curitiba, capital do Paraná, sempre foi uma cidade com preocupações urbanísticas, e tornou-se a capital ecológica do país.

Em 1989 esta cidade iniciou a coleta seletiva e a compra do lixo em áreas de difícil acesso, que por seus desdobramentos resultou no reconhecimento internacional através da ONU (Organização das Nações Unidas), premiando cidades do mundo que criaram políticas inovadoras para o meio ambiente. (LERNER, 1991, p.29)

O papel de destaque da capital paranaense se deve a um conjunto de programas de urbanização, entre transportes, praças, parques, e outros. Quanto à experiência de Curitiba com o lixo, este acabou tornando-se um modelo para o país, contudo a situação de precariedade econômica da maioria dos municípios não possibilitou que o modelo fosse ampliado.

O sucesso do projeto se deve sobretudo a investimentos em educação ambiental da população. Batizado de "Lixo Que Não é Lixo" o projeto foi ancorado por uma forte campanha publicitária. A estrutura que dispõe dispendeu por certo altos custos de investimento e manutenção, o que dificilmente pode servir como modelo para a maioria dos municípios brasileiros.

Todo o material coletado vai para uma usina de separação controlada pela FREI (Fundação Rural de Educação e Integração) que foi designada como gestora e comercializadora do material, revertendo os fundos para obras de cunho social.

A experiência de Niterói, no bairro São Francisco, é singular visto que a Universidade Federal Fluminense e do Centro Comunitário do bairro, em abril de 1985 implantou um novo sistema de coleta seletiva de lixo, tornando-se assim

a pioneira no Brasil. Afirma o professor Eigenheer, que além dos clássicos benefícios ligados a coleta seletiva, outros benefícios paralelos foram se somando, como:

1. O fortalecimento da associação de moradores e da própria noção de bairro;
2. A facilidade para a implantação de novos projetos e o desenvolvimento e sofisticação deste (incentivo à compostagem doméstica, bazares comunitários, racionalização do uso da madeira, etc.). (1993, p.17)

E ainda preconiza o idealizador do projeto: "...a coleta seletiva pode ser alavancadora de interessantes desdobramentos de atividades comunitárias e de educação ambiental." (idem) O trabalho desenvolvido nesse bairro possibilitou a implantação de novos projetos semelhantes. Estendeu-se e deu lugar, a partir de 1986, a novos projetos em unidades militares, escolas, edifícios entre outros. Sendo que o enfoque característico sempre tem sido a busca da compreensão dos estigmas e tabus que interagem com a noção de lixo.

A cidade portuária de Santos, no litoral paulista deu uma importância muito grande ao aspecto social dos resíduos. O Programa Lixo Limpo foi implantado pela Prefeitura em maio de 1990 e atingiu cerca de 1/3 dos domicílios do município em fins de 1992, totalizando 110 ton/mês de resíduos coletados. A separação dos materiais na estação de triagem está sendo realizada por um grupo de pessoas em processo de recuperação e reintegração social, provenientes do Centro de Atendimento à População. O Programa desenvolve também um trabalho junto aos catadores de rua. Orientados por técnicos, o pessoal recrutado trabalha 4 horas diárias e recebe um salário mínimo por mês; isto proporciona terapia ocupacional e reintegração à sociedade. Este trabalho está integrado a um projeto maior do município de desospitalização e condições de vida de pacientes psiquiátricos.

Bastante peculiar também foi a iniciativa de uma comissão formada por membros de associações de moradores de Santos, que apoiaram o projeto. Em fevereiro de 1992, iniciaram uma coleta de assinaturas propondo a alteração da Lei Orgânica do município, na verdade uma emenda popular, para garantir a obrigatoriedade da coleta seletiva pela prefeitura.

Fez parte também do trabalho de divulgação, uma campanha publicitária na cidade. Mas alertam os organizadores do programa: "Só o constante trabalho educativo e de articulação com a comunidade produz resultados efetivos." (SOUZA E ANDRADE, 1993, p.66)

Um dos resultados do programa foi o levantamento dos aspectos do lixo e integração do tema aos currículos das escolas. Temas relacionados como ocupação do solo urbano, saneamento básico, características e formas de preservação da flora e fauna, patrimônio histórico e natural, condições de vida da população, aspectos ecológicos, geográficos, culturais, históricos, sociais e políticos da região, foram trabalhados em todas as áreas do conhecimento, com uma visão global do meio ambiente. (idem, p.23)

Em Porto Alegre, o programa de coleta seletiva iniciou em julho de 1990, e se insere dentro de um programa mais amplo do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, visando o saneamento da cidade.

Inicialmente foi implantada uma coleta em sistema piloto no bairro Bom Fim, "...eleito em função de caracterizar-se como um bairro que aglutina vários grupos e entidades ambientalistas, de pequena área e situado na zona central." Esta experiência foi se implantando gradativamente. Em agosto de 1993, 54 bairros recebiam o

novo serviço, o que corresponde a 76% dos bairros da cidade, onde reside cerca de 60% da população, em torno de 800 mil habitantes. (KUHN, et al. 1993, p.321)

Nas escolas é feito um trabalho junto aos professores. É colocado à disposição material para a realização de atividades. As escolas do município também recebem material específico, uma cartilha com estória sobre o lixo e a reciclagem. Faz muito sucesso entre as crianças a cartilha "Lixo prá cá, lixo prá lá", elaborada em linguagem apropriada para alunos de 3ª a 7ª séries.

Em muitas escolas a separação do lixo ocorre integrada com o programa de Hortas Educativas. O lixo orgânico da cozinha é designado a adubar essas hortas. (Fonseca, 1993, p.37) Todo lixo seco recolhido é encaminhado para associações autônomas de catadores e papeleiros, que fazem a classificação dos materiais e seu acondicionamento adequado para posterior comercialização. São em torno de 150 "profissionais" que desenvolvem essas atividades com 60 indústrias recicladoras da região. (KUHN, idem, p.322)

São Paulo, a maior cidade da América do Sul e do Brasil, assim como uma das maiores do mundo, implantou experimentalmente, em dezembro de 1989, o programa de reciclagem de lixo no bairro de Vila Madalena. Posteriormente implantou em mais 12 bairros. Paralelo à coleta porta-a-porta, também instalou postos de entrega voluntária em parques e locais de circulação de público. O dinheiro arrecadado com a venda é dirigido ao Corpo Municipal de Voluntários, que aplica em remuneração dos trabalhadores que selecionam os materiais no Centro de Triagem, são desempregados selecionados para a função, e em projetos sociais desenvolvidos com desempregados, idosos e crianças.

O espírito do programa está expresso nas palavras do Secretário Municipal de Serviços e Obras à época, Lúcio Gregori: a coleta seletiva torna as pessoas participativas na questão ambiental de uma maneira concreta, dando a oportunidade da população agir imediatamente em defesa do meio ambiente" (Projeto Reciclagem esp. 1992, p.17)

Ocorre no entanto que na troca de administração municipal, em janeiro de 1993, o projeto sofreu questionamentos e foi anunciado o seu fim pelo prefeito Maluf. No entanto, entidades ligadas ao meio ambiente, valeram-se da lei que oficializou o programa, tornando-o obrigação do poder público municipal. Seis entidades ambientalistas, entre elas a seção brasileira do Greenpeace, se reuniram numa ação conjunta contra o fim da coleta seletiva residencial. (Folha de SP 11.03.93). Atualmente, ao que se sabe (Folha de SP, março de 1994), o Programa continua sem investimentos em ampliação.

No ano de 1989, diversas experiências de coleta seletiva foram implantadas pelas Prefeituras municipais. No bojo dessas experiências ocorreu o que poderíamos chamar de uma proliferação de projetos autônomos, como em empresas, fábricas, escritórios, escolas, hospitais, órgãos públicos, edifícios e muitos outros. No período da Conferência da ECO 92, tivemos conhecimento de inúmeras iniciativas promocionais de reciclagem (Brahma e outros).

Inúmeras outras experiências de coleta seletiva tem sido implantadas no Brasil sem divulgação externa. Pode-se computar em torno de 12 municípios onde os programas estão mais sedimentados. Por ordem cronológica de implantação temos: Niterói-RJ em abril de 1985, Florianópolis-SC em abril de 1987, São Sebastião-RJ em abril de 1989, Curitiba-PR em outubro de 1989, São Paulo-SP em dezembro de 1989, Santos-SP em maio de 1990, Porto Alegre-RS em junho de

1990, São José dos Campos-SP em outubro de 1990, Limeira-SP em maio de 1991, Itabira-MG em junho de 1992, Maceió-AL em junho de 1992, Brazlândia-DF em outubro de 1992. (COMCAP, 1993).

Em torno de 30 cidades brasileiras, iniciam seus serviços de aproveitamento de materiais do lixo, com o apoio da ABIVIDRO, Associação Brasileira das Indústrias de Vidro, que oferece lixeiras especialmente para a coleta de vidros, assim como uma campanha de divulgação. Este tem sido em muitos locais o marco inicial da coleta seletiva. Todo o vidro recolhido é destinado a benefícios sociais. (Projeto Reciclagem Especial, 1992, p.5)

Em 1992, uma organização de grandes empresas preocupadas com a reciclagem no Brasil organizou o CEMPRE, Compromisso Empresarial para a Reciclagem, e vem desenvolvendo pesquisas no setor. No final de 1993, concluíram uma pesquisa intitulada Pesquisa Ciclosoft, em 7 cidades brasileiras que possuíam coleta seletiva.

Os resultados dessa pesquisa têm trazido para os municípios brasileiros inúmeras informações a respeito do assunto. A seguir mostraremos alguns dados genéricos que podem auxiliar na avaliação sobre este sistema e o que representa para o viver nas cidades e em relação ao meio ambiente.

Quanto ao impacto provocado pela coleta seletiva nessas cidades, os dados nos fornecem que, 4,8% do lixo dos bairros onde há coleta seletiva, está sendo reciclado pelas indústrias, sendo que o índice máximo alcançado foi de 10,7%. O potencial máximo estipulado pelo CEMPRE é de 25%, portanto verifica-se que o padrão alcançado pelas 7 cidades ainda é baixo. Pode-se cogitar que esses sistemas precisam



de reajustes em suas estruturas para que alcancem índices ainda mais altos.

## 1 FLORIANÓPOLIS E OS RESÍDUOS URBANOS

### 2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

É notável no desenvolvimento das cidades as dificuldades que enfrentam as populações ao darem conta da sua sobrevivência. Os problemas com transporte, escola, saúde, alimentação, água, eletricidade, coleta de lixo, são freqüentemente motivo de reivindicações por parte da população desprovida, ou mal atendida pelo poder público nas cidades.

No espaço urbano estas carências servem de mediação entre os movimentos reivindicatórios e as administrações municipais. E assim Estado e sociedade civil se modificam influenciando-se mutuamente, vê-se a influência que as práticas reivindicatórias urbanas têm sobre o Estado, como também o impacto das políticas públicas sobre os movimentos. (JACOBI, 1990)

No início do século as administrações municipais de Florianópolis já se preocupavam com processos de implantação de estruturas básicas para o saneamento da

cidade. Conta-nos o historiador catarinense Átila Ramos (1986, p.55) que a implantação das primeiras redes de água e de esgotos sanitários, a construção de um forno para queimar o lixo, assim como a primeira rede elétrica e a primeira ligação Ilha-Continente elevaram a capital em relação a outros centros urbanos, por ocasião destas obras avançadas para a época. Ramos afirma que até então, o aliado do saneamento no município era o vento sul <sup>12</sup> que limpava e arejava a cidade.

Anteriormente a essas obras, escravos ou empregados transportavam os resíduos de esgotos e o lixo, e despejavam nas praias mais próximas. Mais tarde, um "carroção" recolhia o lixo e os dejetos da cidade e levava até as praias situadas na baía norte da ilha.

Quanto à solução para o lixo, conta-nos Ramos (idem, p.81) que:

...Para acabar com o problema do acúmulo do lixo nas praias construiu-se no início do século (entre 1910 e 1914) o forno de lixo... o referido sistema funcionou por mais de meio século queimando o lixo da capital e arredores..." Em 1956 a solução encontrada pelo poder público para a destinação final destes resíduos, foi o simples despejo numa área de mangue : o mangue do Itacorubi. O bairro encontra-se hoje densamente povoado, mas naqueles tempos, sem população a volta, ilusoriamente parecia não comprometer a saúde e a qualidade de vida da população. Apesar dos avanços tecnológicos no que tange às alternativas de soluções adequadas, percebe-se que esse fato não vinha sendo levado em consideração pelas autoridades locais.

Isto pode ser constatado pelo comprometimento da qualidade do ambiente causado pela má disposição dos resíduos no local (poluição das águas, ar e solo, proliferação de vetores, comprometimento visual da

---

<sup>12</sup> Vento característico no município, forte e comumente é conhecido por trazer chuva.

paisagem, riscos à saúde pública, etc). A região devido suas características físicas e biológicas já não favorecia este tipo de controle, e o sistema de destino final ali empregado não cumpria normas técnicas para execução de um aterro sanitário.

Esse tipo de despejo caracteriza-se pelo que se costuma chamar de "lixão". Ficou conhecido pela população em geral como "Lixão do Itacorubi". Ramos (idem), demonstra em sua história do saneamento que,

Com o aumento populacional iniciou-se em 1958 o aterro sanitário do Itacorubi, transportando-se para lá todo lixo recolhido através dos caminhões da COMCAP. A continuidade do "lixão", nos mangues da UFSC próximo ao cemitério, tornou-se inviável a cada ano, gerando os mais diversos protestos tanto dos moradores próximos como dos movimentos ecológicos.(p.83)

Com o crescimento da cidade, a área receptora dos resíduos passou a localizar-se no centro do triângulo cujos vértices indicam as praias do norte e leste(lazer e turismo), centro da cidade(comércio) e universidade(educação). A existência deste "Lixão" trouxe vários problemas para a população em geral, devido ao mau cheiro, presença de urubus e vetores, desvalorização imobiliária, entre outros problemas advindos da convivência diária com um despejo indiscriminado de resíduos domésticos, industriais e até hospitalar.

Em 1979, os técnicos da CETESB(Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental-SP), recomendavam a desativação do Lixão. Em 1980 a COMCAP promete a desativação deste despejo no prazo de 2 meses, com a posterior recuperação da área do mangue. Essa promessa não efetuiu-se. Uma comissão formada por membros da CETESB e COMCAP apresentou uma solução conjunta para Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu.

Somente em 1980, a população, especificamente os moradores do bairro Itacorubi, começou a discutir a necessidade de escolher outro local para a destinação final dos resíduos. A questão virou polêmica quando a Prefeitura sugeriu que os resíduos fossem colocados no distrito de Santo Antônio de Lisboa. No dia 19 de agosto do mesmo ano, um abaixo-assinado com 400 assinaturas levou o prefeito, na época Francisco Cordeiro, a mudar de idéia. (Jornal "O Estado" 01.09.87).

Em agosto de 1982 foi elaborado o PMLV/AUF-Projetos de Melhoria do Sistema de Limpeza Urbana do Aglomerado Urbano de Florianópolis, que objetivava melhorias na coleta dos resíduos elaborado por diversos órgãos dos municípios, COMCAP, Governo Federal-Minter, Governo do Estado de SC. Planejava-se a coleta de lixo integrada nos municípios de Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Estes estudos serviram para reformular o sistema de coleta de lixo da capital.

Em junho de 1984, a FATMA (Fundação de Amparo e Tecnologia do Meio Ambiente) realizou o 1º Seminário Catarinense sobre Tratamento de Resíduos Sólidos, com o intuito de marcar a Semana do Meio Ambiente com soluções concretas para este problema no Estado, já que outras cidades também encontravam-se em situação semelhante.

Na ocasião o então Superintendente do órgão declarou à imprensa que o tema fora escolhido, entre outros, por ser "talvez o maior problema enfrentado pelos municípios catarinenses." Quanto a Florianópolis, declara que: "... a situação do depósito do lixo da capital continua na estaca zero, mas a prefeitura continua a buscar soluções." (Jornal "O Estado" 01.06.1984)

Em setembro do mesmo ano, membros de uma comissão, que auxiliou o então prefeito, Cláudio Ávila da Silva, faziam declarações à imprensa sobre a escolha de outro local para a disposição do lixo:

Depois de realizados os estudos e sugeridas as áreas possíveis de receber o lixo, a comissão entrega o caso à Prefeitura Municipal e caberá a ela conversar com a comunidade escolhida, esclarecendo o projeto para que os moradores não sintam ameaçados com a presença do aterro... não se deve confirmar nada por enquanto porque teme-se movimentos de protesto prematuros da comunidade que for escolhida para receber o lixo. (Jornal "O Estado" 05.09.1984)

Arrasta-se por mais um ano a questão. Em dezembro de 1985, a FATMA, a ABES-Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental e a Associação Catarinense de Engenheiros realizam o 2º Seminário, onde conclui-se que: "...a saída para o impasse deverá ser uma atitude política. Será necessária uma campanha urgente de conscientização da população sobre o que é um aterro sanitário." Na ocasião o prefeito Aloísio Piazza afirma que concorda que o aterro seja a mais imediata e mais viável solução, mas esbarra na necessidade de esclarecer a população para que aceite a instalação de um aterro em algum lugar da Ilha ou do Continente. (Jornal "O Estado" 05.12.1985)

## 2.2 1986. O MARCO DA "ABERTURA" NO MUNICÍPIO

Ao assumir a Prefeitura, em 1986, o primeiro prefeito eleito da Capital, Edison Andrino, comprometeu-se com a população, ainda em campanha eleitoral, a resolver o conhecido "problema do lixo". No contexto político-social

de Florianópolis, a questão do lixo foi debatida entre atores fortalecidos pelo sufrágio de 1986 e por uma atuação marcante do MEL (Movimento Ecológico Livre), de segmentos de ecologistas informais e movimentos de bairro organizados. O presidente da COMCAP na época declara que: "...Logo no início da administração resolvemos colocar o lixo em destaque, a discussão do tratamento do lixo em destaque na sociedade, a ver a possibilidade de tratamento alternativo. Para isso, na época, nós chamamos os componentes do MEL para assessorar a COMCAP." (BAGNATTI)

Com o intuito de auxiliar a prefeitura, o MEL, no início de 86, promoveu debate sobre a problemática do lixo. No debate tiveram destaque os relatórios e um diagnóstico, feitos por técnicos da Prefeitura e pelo representante do MEL, que por indicação deste movimento foi incorporado à COMCAP como assessor, o arquiteto Francisco Ferreira.

Os relatórios tiveram origem a partir das visitas a outros estados para conhecer e estudar algumas alternativas que vinham sendo desenvolvidas. Podemos notar que para o MEL o debate foi politicamente marcante. O MEL, assim como outros movimentos locais, observavam que a eleição do Andrino apresentava-se com a característica favorável de proximidade com grupos que estavam emergindo, devido certamente à participação da sociedade civil no movimento das DIRETAS JÁ. Lembra Ferreira:

*A gente já tinha noção de um poder local muito fechado e gerando uma série de problemas ambientais já identificados. Percebeu-se, em contrapartida, outro político acenando com uma série de possibilidades de atuação conjunta e de uma ação participativa via COMCAP. O debate foi efetivado nesse clima, mas também um clima muito contraditório porque ao mesmo tempo que a gente avançava num debate*

*público, algumas iniciativas administrativas da COMCAP se contrapunham a essa abertura....ao mesmo tempo que trabalhavam num clima de abertura se reproduzia a prática de decisões ou clientelistas ou muito tecnicistas ou ainda muito populistas. O debate promovido gerou o início da quebra da aparência da abertura.*

O MEL ocupou espaços, "...foi um processo de concessão" afirma Ferreira. A polêmica e sua ampliação para a sociedade civil foi de fundamental importância. O MEL e a UFSC exigiram a ampliação da discussão também com a sociedade civil. Após as discussões o MEL assumiu, junto à prefeitura, a tarefa de apresentar uma solução alternativa, uma forma de tratar os resíduos, que envolvesse a população como co-responsável nas decisões e ações.

A decisão da participação do MEL, coincidiu com a convocação do prefeito de, naquele mesmo ano (1986), constituir uma comissão de técnicos que envolvesse diversas instituições, objetivando o estudo do problema. O professor da UFSC, psicólogo José Luiz de Abreu, e Francisco Ferreira elaboraram um dos projetos, que foi incluído no Relatório Final da Comissão Interdisciplinar, como ficou conhecida. Na opinião de Abreu, esta comissão constituiu-se, na verdade, de um conjunto de pessoas com aspectos diferenciados da ideologia a respeito de participação da sociedade civil em questões como a do lixo do município. Na sua opinião:

*...havia pessoas que defendiam soluções meramente técnicas centralizadas e convencionais, mais eficazes do que as que existiam na época. Mas também havia pessoas que propunham soluções mistas e pessoas que propunham soluções que envolvessem aspectos culturais.*



Como resultado dos estudos, a Prefeitura apresentou um conjunto de soluções à população quanto ao:

1. Tratamento dos resíduos domiciliares :

a) construção de duas usinas de compostagem<sup>13</sup>: uma no bairro de Santo Antônio de Lisboa<sup>14</sup> que receberia os resíduos da Ilha e outra que receberia os resíduos do Continente (local a ser definido);  
b) valorização dos resíduos nas comunidades que os geram, recuperando-os a partir da triagem domiciliar e coleta seletiva, possibilitando a utilização dos materiais na indústria e na agricultura. Nos objetivos do projeto, o processo passaria a ser administrado pelas entidades de bairro, com assessoria técnica da COMCAP. O projeto foi concebido com a participação da UFSC e MEL. Foi intitulado Projeto Viva Melhor, mais tarde chamou-se Programa Beija-Flor.

2. Tratamento dos resíduos hospitalares e congêneres, através da incineração destes materiais com equipamentos apropriados (COMCAP, 1986)

Também foram efetuados estudos sobre Usina de Compostagem e avaliação de áreas para sua instalação. A área escolhida pelos técnicos ficava na comunidade de Santo Antônio de Lisboa. A população deste bairro não aceitou a implantação da usina no local, culminando com a Ação Popular contra a continuidade das obras naquele local (Jornal "O Estado", 16.03.87).

---

<sup>13</sup> Sistema mecânico(esteira) de separação de itens comercializáveis e o restante é encaminhado para a compostagem(insumo utilizado na agricultura) .

<sup>14</sup> A escolha do local seguiu critérios: impacto ambiental, facilidade de acesso, situação de vizinhança, local para que se usasse o composto, infra-estrutura adequados. (Jornal editado pela Prefeitura em 1988)

Em setembro, o Tribunal de Justiça proibiu a instalação da usina, autorizando entretanto, o acesso da Prefeitura ao local para que fosse elaborado o EIA (Estudo de Impacto Ambiental), que ainda não havia sido elaborado. No entanto, a resistência dos moradores fez com que a Prefeitura desistisse do empreendimento e a instalação da usina na Ilha não ocorreu, trazendo como consequência o retorno da problemática com a destinação do lixo. O aparecimento destas questões na sociedade geraram repercussões negativas à administração municipal.

Pretendia-se diminuir o problema com a instalação da usina destinada aos resíduos do Continente, no município de São José. O que tornou-se fato somente em 1988. O empreendimento foi regulamentado por um convênio entre as Prefeitura deste município e o de Florianópolis. No convênio ficou assegurado que a comunidade de Forquilha, localidade onde seria implantada a usina, seria beneficiada com a pavimentação da estrada (cerca de 10 Km) que dá acesso à usina e liga esta localidade à sede do município.

Na inauguração, a comunidade mobilizou-se, impedindo o acesso dos caminhões e dos convidados às instalações. O não cumprimento do acordo provocou problemas com a opinião pública quanto à credibilidade do poder público dos dois municípios. Argumento também utilizado pela população de Santo Antonio de Lisboa. Como consequência disso o lixo da capital continuava sendo depositado no mangue do Itacorubi. Aos poucos a Prefeitura de São José foi encaminhando seus resíduos para a usina.

Com esse panorama bastante comprometido, a desativação do "Lixão" foi novamente exigida pela população em setembro de 89. As comunidades da bacia do Itacorubi (Itacorubi, Jardim Anchieta, Flor da Ilha, Jardim Santa Mônica, Parque

São Jorge, Córrego Grande) cercaram o "Lixão" e impediram a entrada dos caminhões de coleta de lixo exigindo uma solução definitiva para a questão. Exigiam que o mangue não recebesse mais os resíduos da cidade.

Evidencia-se que as soluções foram analisadas por aqueles segmentos sociais, pelos impactos e danos que causariam às populações e ao meio ambiente local. Os argumentos referente à qualidade de vida, fizeram parte das manifestações populares. <sup>15</sup>

Estas situações, colocam Estado e sociedade civil como atores em confronto e com novas posturas que, ao final podem levar ao surgimento de políticas públicas com a participação da população. Os movimentos reivindicatórios urbanos representam claramente as demandas de cidadania social estruturadas e determinadas pelo momento histórico de recuperação da democracia. (JACOBI, 1989 E 1990; VIOLA E MAINWARING, 1978 entre outros)

Paralelamente, no interior da Comissão, algumas propostas continuaram a ser defendidas. O Programa Viva Melhor, que inicialmente fora concebido como projeto de pesquisa do MEL e da UFSC, trazia a idéia inovadora numa perspectiva ecológica e de desenvolvimento comunitário. Almejava trazer solução para o problema do lixo, assim como esgoto, lazer e construção de baixa-renda. Era na essência, um projeto de intervenção comunitária utilizando estruturas alternativas.

Aquele projeto foi submetido à aprovação na Comissão e foi recomendado ao Prefeito. (COMCAP, 1986). Sendo

---

<sup>15</sup> Manifestações semelhantes já ocorreram em Florianópolis. Para ilustrar, recordemos o que ocorreu entre 1976 e 1980 na atuação do Conselho Comunitário da Lagoa, onde conclui Machado(1990) que o movimento mostrou-se com uma crítica ao modelo de crescimento econômico adotado no bairro/município e no estabelecimento de uma nova forma de expressar-se frente às agressões, à qualidade de vida da localidade.

prontamente endossado e institucionalizado através da COMCAP. Os motivos que levaram ao apoio do projeto fica expressa na opinião de Abreu, um dos autores:

*Parecia que o Governo Sarney, dirigia-se à descentralização e ao fortalecimento dos movimentos comunitários, e isso encontrava repercussão em todas as instâncias do poder. O governo Andrino que era já um produto dessa mentalidade nova, surgiu como administração participativa e descentralizada... Mas contudo, na Comissão houve uma dificuldade de conseguir que se comungasse de uma filosofia ampla para as propostas de solução para o lixo. Aquilo foi uma utopia que foi construída. A gente ficou perseguindo idealmente objetivos mais amplos, mas não resistiu a realidade...quando o projeto foi para a COMCAP, apesar de ser um esforço nosso, pois seria difícil mantê-lo fora de uma estrutura, não foi fácil colocá-lo no andamento geral do tratamento convencional dado ao lixo dentro da COMCAP.*

Em 1988, a COMCAP encaminha um projeto ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social), solicitando recursos que possibilitassem a implantação deste modelo em 37 comunidades de baixa-renda. O município foi beneficiado com o financiamento pelo FINSOCIAL com a quantia de US\$200.000 (COMCAP, 1988). Paralelamente, esperava-se que a Prefeitura injetasse recursos para as demais regiões não contempladas pelo financiamento.

Nesta situação o que ocorre é uma não aceitação da realidade como dada, instituída, prevalecendo o arriscar-se numa nova forma de tratar os problemas que afetam a população, da participação nas coisas públicas, garantindo com esta exigência novos moldes de relações entre população e poder e também das relações sociais, sendo permeadas pela valorização das relações democráticas entre esses agentes.

Deve-se entender que democracia não se caracteriza somente por eleições livres e diretas, é uma forma de

regime político sem dúvida, mas deve-se entender democracia de forma mais ampla, no convívio social sem dominação e/ou exploração, estando presente nas relações entre Estado e população e também nas relações sociais.

Também evidencia-se a idéia de qualidade ambiental que surge no debate político através dos movimentos ecológicos, que aparece predominantemente na formulação e avaliação de políticas públicas, vinculadas à preocupação com as gerações futuras.

Por qualidade ambiental prevalece a noção de que esta deve refletir condições ambientais, sociais, culturais, econômicas e políticas que favorecem a qualidade de vida das populações, e deve-se levar em conta indicadores desta qualidade na avaliação de políticas públicas. (VIOLA E LEIS, 1991; VIOLA, 1990; PÁDUA, 1990)

Vê-se na problemática tratada, que além da atuação dos movimentos ecológicos dos municípios ocorre a apropriação da temática ecológica por grupos sociais não identificados formalmente com o ecologismo, que Pádua trata por "ecologismo informal". <sup>16</sup>(1990, p.152)

Parece-nos que todas as mudanças decorrentes deste momento político trazem repercussões no cotidiano dos atores sociais, das relações no interior dos grupos, entre os grupos e destes com o meio ambiente natural.

---

<sup>16</sup> Nas cartas elaboradas no Encontro Nacional de ONGs-RIO 92 pode-se destacar alguns pontos(n 12 e 20) do Tratado sobre a questão urbana recuperando o que estamos debatendo:" 12. A ativa participação da sociedade civil, especialmente dos movimentos sociais, das entidades e associações populares, introduz novos atores como agentes decisivos na construção de um novo modelo de desenvolvimento e requer dos organismos internacionais e dos governos que estes os aceitem como interlocutores legítimos e se abram à participação comunitária. "(p.2-3); "20. (Propostas) Articulação dos poderes públicos, dos agentes privados e setores sociais criando mecanismos participativos para a formulação de políticas públicas aproveitando tecnologias e processos alternativos que possibilitem o máximo aproveitamento dos Recursos Naturais e materiais dentro da perspectiva social e de sustentabilidade."(p.4)

### 2.3 A CONTÍNUA BUSCA DE SOLUÇÃO

Em janeiro de 1989, assumem novos prefeitos em Florianópolis e São José. O convênio referente à usina não recebeu aceitação destes. O prefeito da capital abandonou então a possibilidade da usina e indicou como solução a privatização de serviço de destino final dos resíduos. Coube à empresa contratada, o transporte e o tratamento final dos resíduos, através de um aterro sanitário de propriedade desta.

A área escolhida para aterro localizava-se no município de Paulo Lopes. O município dista cerca de 60 km da capital. Novamente eclodiram manifestações populares relativas à questão. As associações de moradores locais, movimentos ecologistas, UFECO (União Florianopolitana de Entidades Comunitárias), Vereadores, UFSC, IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), manifestaram-se questionando aspectos ambientais da solução apresentada. Estas manifestações culminaram em debates públicos objetivando rever a solução dada, entretanto as obras de implantação continuaram no município vizinho. As conclusões dos debates podem ser resumidas em documento da época:

...não existe uma solução e sim um conjunto de soluções complementares, simultaneamente indispensáveis para lidar com a questão do lixo. Essa é a razão principal que exige a elaboração de um Plano Diretor do Lixo, isto é, de uma estratégia do município para o tratamento de resíduos. Diversas providências devem ser adotadas, nos planos Técnico, Jurídico e Educacional,

para encaminhar as soluções que deverão ser implantadas a curto prazo, médio e longo prazos. (IBAMA et al, 1990)

Esses debates parecem não ter influenciado o poder público municipal, pois a referida empresa continuou a depositar os resíduos no local, trazendo comprometimento ambiental à área conforme vinha sendo alertado. O ano de 1991 foi vivido com denúncias de irregularidades no aterro, que não se mostraram suficientes a ponto de impossibilitar o Poder Municipal da continuidade do destino final dos resíduos naquele local.

Com o fechamento do Lixão do Itacorubi para o despejo dos resíduos domésticos, já se observava o melhoramento visual na região, que no entanto continuava a receber despejo de entulhos. No local foi construída a Estação de Transbordo, onde os caminhões da COMCAP fazem o descarregamento do lixo dentro dos caminhões desta empresa e em seguida dirigem-se ao destino final. Ao trabalho desenvolvido pela empresa, a Prefeitura paga por tonelada de resíduo CR\$ 27.140.007,19 (COMCAP, dado referente a abril de 1994). Estes valores têm sido considerados altos por uma parcela de pessoas que se interessam pela questão.

No ano de 1992 a imprensa noticiou que o lixo da capital não estava mais sendo levado a Paulo Lopes. O novo destino foi Biguaçu, em área, também de propriedade da empresa. Estariam sendo depositados resíduos deste município, de Palhoça, Governador Celso Ramos e São José e de Florianópolis. Autoridades locais e a população vizinha ao aterro denunciaram a poluição do rio Inferninho, ocasionado pelo despejo dos resíduos.

Problemas também surgiram com o lixo hospitalar, que desde o fechamento do "Lixão do Itacorubi" está sendo aterrado, em valas na Colônia Santa Teresa, no município de

São José. A população manifestou-se contra este procedimento e tem exigido da COMCAP e da Fundação Hospitalar de Santa Catarina uma solução para o caso.

Vale lembrar que no local está instalado desde 1988 um incinerador de lixo hospitalar que ainda não foi colocado em funcionamento. Quanto à usina de Lixo, situada em São José, foi locada até dezembro de 1992 por aquela Prefeitura, por preço simbólico, como disse o Prefeito à época. Atualmente está desativada.

Quanto ao Programa Beija-Flor, somente em abril de 1990, um novo bairro foi beneficiado com o sistema. Faltaram recursos da contrapartida municipal ao financiamento federal, o que prejudicou as ampliações, como exemplo, o deslocamento de técnicos e materiais até os bairros beneficiados ficou dificultado. Por outro lado, o não envio de um projeto solicitando a reestruturação do financiamento por parte da prefeitura ao BNDES, culminou no bloqueio dos recursos, e também a falta de empenho em buscar recursos junto a outras agências financiadoras (como exemplo, no Ministério da Ação Social) comprometeram o desenvolvimento do Programa.

O Programa Beija-Flor vinha sendo alvo de inúmeras pressões de movimentos comunitários e ecologistas exigindo a sua continuidade (principalmente nos anos de 90-91-92). No entanto isto não resultou em ampliações generalizadas. Pode-se notar o descomprometimento institucional com o Programa nos bairros, prejudicando a participação efetiva na triagem dos resíduos.

Contudo nestes anos, houve ampliação na forma de atendimento com os PEVs (Postos de Entrega Voluntária) em ruas e escolas e com a coleta seletiva de praias. Em dezembro 1991 e início de 1992 novos projetos foram



incorporados à proposta inicial do Programa, como o Projeto de Coleta Seletiva nas Praias, o Projeto de Postos de Entrega Voluntária-PEVs e o Projeto de Reciclagem nas Escolas Públicas e Particulares do Município. O Projeto de Praias consiste em divulgar e possibilitar a proposta de reciclagem e de limpeza das praias junto a veranistas, utilizando lixeiras padronizadas favorecendo o reaproveitamento dos resíduos.

O Projeto de PEVs consiste na instalação de um conjunto de 4 lixeiras padronizadas para metal, papel, vidro e plástico, em locais estratégicos (supermercados, praças, escolas) com o intuito também de divulgar e possibilitar a reciclagem assim como "favorecer a alteração de hábito da população em relação aos resíduos sólidos nas regiões onde a coleta seletiva domiciliar ainda não está implantada." (COMCAP 1989)

O Projeto de Reciclagem nas Escolas objetiva "a mudança nos hábitos dos alunos com relação ao destino final do lixo, levando-os a transmitir seus conhecimentos a seus familiares, vizinhos etc...tende a comprometer alunos, pais, professores e funcionários com a qualidade ambiental e a preservação dos recursos naturais."(idem) O lixo tanto é separado na própria escola como também é trazido já triado pela família.

Tanto o Projeto de Praias como o Projeto-PEVs contaram com a participação, através de algum tipo de apoio, do empresariado local. Outras formas de apoio à ampliação da valorização dos resíduos podemos detectar na atuação da Câmara de Vereadores através das leis aprovadas ou que tramitam relativas à questão como: Lei 3.541 que trata da separação de lixo nas escolas públicas e particulares e Lei 3.824 da separação de resíduos sólidos.

Em março de 1994, já com nova administração, o município de Florianópolis recebe a ampliação da coleta seletiva para o perímetro urbano. Este sistema atende em torno de 60% da população do município e pretende recolher em torno de 60 ton./semana de resíduos recicláveis.

Com os dados apontados acima, observa-se que as ações do poder público no setor provocaram reações nas populações envolvidas, através de seus representantes, organizações comunitárias, movimentos de defesa do meio ambiente. A solução descentralizada de coleta e tratamento dos resíduos, configurou-se como a única solução a partir da Comissão de 86 que foi viabilizada. Ao concluir, lembro as conclusões de Vaz em 1990, que com certeza são ainda bastante atuais para o município de Florianópolis:

As instituições de planejamento urbano e regional, sujeitas aos ventos da política partidária frequentemente limitada aos imediatismo vêm seu horizonte reduzir-se temporalmente aos mandatos do poder executivo municipal ou estadual. Padecem de persistente distanciamento em relação às comunidades a que devem servir(...). Em Florianópolis, como em quase todo o país, as rotinas de planejamento urbano ainda ensaiam uma abertura à participação dos cidadãos, ou seja, o processo de divulgação de informações e discussão pública dos problemas urbanos é embrionária. (p.02 e 46)

#### 2.4 UMA NOVA FORMA DE ENCARAR OS RESÍDUOS

Os elementos históricos apontados, nos colocam a situação problemática que gira em torno da destinação final dos resíduos urbanos. Esta realidade vivida em Florianópolis é na verdade reflexo de ausência ou carência de políticas públicas que levam em consideração o

saneamento, a saúde, a participação política e social e o respeito ao cidadão.<sup>17</sup>

É perceptível a concentração de poder de decisão dos prefeitos. A prioridade na gestão das cidades não segue um planejamento amplamente discutido e definido com a coletividade e seus representantes.

As dificuldades que surgem na aplicação das propostas apresentadas pelo poder municipal em Florianópolis, no decorrer de uma década, deveria alertar as autoridades para a necessidade de se considerar a participação da sociedade civil na discussão dos problemas e soluções para a questão. As formas de apoio ou de crítica e impedimento às soluções apresentadas, pelos movimentos populares, ecológicos e pela população em geral, têm demonstrado que a participação da sociedade civil tem sido exigida no encaminhamento desta questão.

Aparentemente, as impossibilidades e dificuldades na implementação de projetos, pelo poder público municipal, resultam da falta de apoio político e de uma representatividade de base popular. As questões decorrentes desta problemática mostram-nos razões que se configuram para que as soluções apresentadas pelo poder municipal não conseguissem ser viabilizadas.

Parece acertado que um dos grandes desafios da humanidade está em saber conciliar os avanços científicos e tecnológicos com a organização sócio-política e a convivência tranqüila no planeta. Os desequilíbrios ambientais resultam em geral do desenvolvimento desordenado

---

<sup>17</sup> Em documento produzido durante o Fórum Internacional de ONGs e Movimentos Sociais. No Tratado sobre Resíduos, destaca-se: "Item 12: O primeiro impacto causado pelo resíduo urbano é local e a solução desse problema deve ser iniciado à nível local com a introdução de alternativas ambientalistas seguras. A tomada de decisão deve incluir a participação popular, não deve estar sob o controle exclusivo das autoridades."(p.1)

que desencadeia os problemas sociais (falta de moradia, alimentação, condução, saúde).

As conseqüências ao meio ambiente dizem respeito às formas como nossa sociedade se reproduz em termos econômicos e sociais. A luta pelo meio ambiente passa pela justiça econômica e social e deveria fazer parte da política municipal. Os municípios, os bairros, as comunidades deveriam assumir que fazem parte, a nível global, das transformações sócio-políticas e terem autoridade para discutir as formas de desenvolvimento em seus municípios.

A população de Florianópolis vem se deparando com inúmeros problemas causados pelo desenvolvimento desordenado. Observa-se na cidade o incentivo ao turismo, sem planejar o que se quer da cidade. A ocupação urbana faz a cidade crescer segundo um modelo de desenvolvimento discutível, onde prevalecem aspectos econômicos em detrimento dos aspectos cultural, biológico e político.

Há que se reavaliar as soluções dadas aos problemas locais. Algumas já não conferem com a atual situação econômica, social e ambiental da cidade. São inúmeros os problemas criados por uma estrutura urbana onde o poder público não responde proporcionalmente à demanda de infraestrutura como: rede de esgoto, comunicação, energia elétrica, limpeza pública, entre outros. A falta de um atendimento adequado contribui para a deterioração da qualidade de vida. Isto representa uma gama de problemas que se traduzem em comprometimento social e ambiental. Basta refletir na observação que faz Viola (1987) de que,

**A ausência de esgotos para a maioria da população e o tratamento inadequado para o lixo (tanto pela população que o joga irresponsavelmente em qualquer lugar quanto pelas agências públicas que raramente dispõem de sistemas de**

tratamento adequado) transforma as cidades em um 'campo minado' desde o ponto de vista da saúde pública.(p.83)

O processo de degradação ambiental parece ser o ônus que a sociedade paga por um consumismo inadequado, sendo também de sua responsabilidade a adoção de práticas que permitem a recuperação da qualidade de vida.

Pode-se dizer que, a destinação final dos resíduos sólidos requer uma solução baseada em uma política de planejamento global. A produção de resíduos não é constante através dos tempos, o desenvolvimento material da humanidade e as conseqüentes mudanças na vida econômica-social vêm alterando substancialmente a quantidade de resíduos gerados pelas atividades humanas. (OGATA, 1983, p.19)

Em Florianópolis, a capital está inserida no processo de produção principalmente através de um incentivo ao turismo. O bem natural que dispõe, vem sofrendo abusos devido, principalmente, à falta (ou falha) no planejamento da cidade. Ou ainda a forma de explorar os recursos, apenas pensando no lucro imediato, tem proporcionado uma aceleração na contínua problemática dos resíduos.

Normalmente são conferidos aos resíduos urbanos adjetivos como "inúteis" e "desprovidos de valor", devendo desaparecer a qualquer custo. A população e as administrações públicas em geral têm feito, muitas vezes, da eliminação destes resíduos algo bastante simples: basta lançá-los em uma lixeira, um terreno baldio, em um curso d'água, ao mar e o problema está resolvido.

Observam-se, entretanto, tendências que buscam destino mais adequado para os resíduos, fruto da visível degradação

do meio ambiente, da pressão dos movimentos ecologistas e da existência concreta de um enorme volume de resíduos, sejam eles industriais, urbanos, agrícolas ou de qualquer natureza. Estas tendências advêm de um novo modo de vida eleito, que a população envolvida exige do poder local e de seus pares. Entre elas esta pesquisa procura destacar uma nova forma de encarar os resíduos presentes em Florianópolis, a partir de 1986, o Programa Beija-Flor.

Partindo da Comissão Interdisciplinar para estudos de soluções da destinação dos resíduos sólidos de Florianópolis, em agosto de 1986 os responsáveis pelo projeto Viva Melhor, fizeram estudos para aplicação em 3 áreas com níveis econômicos diferenciados: Edifícios da Beira-Mar, Costeira do Pirajubaé e Morro da Caixa ou do Mocotó (a ser definido).

O Projeto objetivava: 1. solucionar o problema da destinação final do lixo a nível de bairro ou comunidades, com a recuperação destes a partir da triagem domiciliar. 2. propiciar a organização dos moradores na tentativa de solucionar problemas cotidianos; 3. melhorar a qualidade de vida, através do fornecimento de alimentos essenciais à população a preço de custo; 4. aumentar a representatividade das associações de moradores e 5. diminuir os custos da coleta convencional. (COMCAP, 1986)

Este projeto foi apresentado à direção da COMCAP, almejando a implantação. Os esforços seguiram-se na tentativa de conseguir que os moradores das 3 áreas separassem o seu lixo, em vista do tratamento diferenciado que seria dado aos resíduos, considerando as diversas peculiaridades existentes, pois os edifícios da Beira-Mar localizam-se em zona residencial nobre da cidade, enquanto que as outras áreas podem ser consideradas economicamente carentes.

Através de relatórios do trabalho desenvolvido na Beira-Mar, vê-se que a proporção de apartamentos em que os resíduos foram triados é satisfatória e que a constância de triagem aponta numa direção coerente com os objetivos do Projeto. Os recursos advindos da venda dos materiais ficavam com as zeladoras dos prédios. Este estudo piloto ocorreu durante 3 meses (nov./dez/86 e jan. 87).

O Projeto como um todo sofreu modificações. O bairro da Costeira foi substituído por um conjunto habitacional da COHAB-Monte Verde, localizado no bairro Saco Grande, pois problemas internos da comunidade da Costeira, em relação a grupos políticos dificultaria o trabalho, acreditavam os idealizadores da proposta. Acreditava-se que o novo bairro ofereceria maior receptividade à proposta.

Os trabalhos de implantação prosseguiram no bairro Morro do Mocotó e no Conjunto Habitacional Monte Verde. Em abril de 1987 iniciou o novo sistema de coleta. Paralelamente, foi encaminhado projeto ao BNDES solicitando financiamento para implantação em 37 comunidades carentes, conforme já foi dito. Em junho de 1988 foi assinado convênio entre BNDES e Prefeitura Municipal, abrindo possibilidades para o beneficiamento deste tipo de coleta para aproximadamente 73.850 hab. do município. <sup>18</sup>

O Monte Verde era representado junto à Prefeitura pela APROCOM (Associação Pró-Comunidade do Monte Verde). Segundo informações obtidas com a presidente da entidade na época, Denise Zavarize, a localidade foi escolhida pela Prefeitura porque já estava trabalhando com a descentralização da limpeza geral do bairro. Por isto, acreditavam que no bairro seria mais fácil a implantação do novo sistema de

---

<sup>18</sup> Comunidades de famílias com renda até 3 salários mínimos

tratamento dos resíduos, devido à organização comunitária e à sua relação com a Prefeitura. A maior parte das atividades pioneiras daquela administração aí começaram (como fiscal comunitário de transporte urbano, reavaliação de currículo, mercadão popular, e a própria descentralização da limpeza).

Na proposta apresentada, a questão do lixo estava inserida num dos aspectos, pois continha proposições sobre o saneamento, a habitação popular, e criação de pequenos animais e hortas comunitárias. Pode-se observar no depoimento do integrante do MEL, que assessorou a COMCAP no assunto, os objetivos da proposta:

*Com o projeto pretendia-se construir um grande projeto com habitação, auto-construção e criação de animais. Mas chegamos a conclusão que deveríamos atuar por partes. O lixo seria uma iniciativa que iria avaliar a qualidade do trabalho e a receptividade. O lixo era a questão que nos motivou inicialmente. A gente percebeu a complexidade da ação comunitária em torno da questão e que também envolvia uma rede de interesses. (FERREIRA)*

No Monte Verde a opção pelo Programa foi a partir de reflexões aprofundadas dos membros da APROCOM: "Na época não conhecíamos nada igual", nos diz a presidente:

*...não tinha um membro da diretoria da APROCOM que não tinha assumido a proposta...contudo houve resistências: Fizemos mais de mil visitas e as pessoas diziam: "eu vou separar" daí quando passava a coleta o lixo estava misturado. E os argumentos eram sem razão: falta de tempo, variedade de sacos; as pessoas criavam resistências e inventavam desculpas à nível racional.*

Ainda mais, avalia:



*...as pessoas não querem lidar com lixo, não querem saber, ver, não querem raciocinar sobre lixo. Você falou em lixo, você falou em uma palavra como estupro, em coisas socialmente não aceitas...contudo houveram mudanças à nível individual, hoje elas tem noção de educação diferente, mais ecológica. Após a entrada do Programa mudaram a concepção do lixo. (D. ZAVARIZE)*

Mesmo assim alcançaram-se na época índices altos de participação. No primeiro semestre a média foi de 80% de separação. Havia oscilações, os moradores não persistiram no hábito e as visitas da APROCOM provocaram uma certa saturação nos moradores do bairro, interpreta Zavarize. Ainda em suas palavras pode-se notar o nível de envolvimento e conhecimento conseguidos sobre a questão, advindo da participação da comunidade numa questão que até então, fora entendida como "propriedade" dos técnicos.

Pode-se ainda, avaliar com esses depoimentos, que um dos objetivos do projeto estava sendo alcançado: a participação da população na questão. Com a sabedoria desse depoimento pode-se arriscar a dizer que, as populações que viram-se afetadas com as propostas de usinas (principalmente Santo Antonio), tinham em si, a dificuldade de conviver com os resíduos, como nos lembra Zavarize em seu depoimento.

Aliado ao componente psicológico e cultural a respeito do lixo, temos ainda a não credibilidade nas ações do poder público, fruto do desgaste da política no Brasil.

Com o Programa no bairro, a Associação fortaleceu-se perante seus moradores, ficou conhecida, apresentou-se com competência, efetivou contato direto com os moradores. O projeto almejava esse fortalecimento das entidades. Com o depoimento a seguir tem-se a confirmação deste objetivo:

*Hoje ficou o orgulho de saber que na história da separação do lixo nós ocupamos um espaço. Acredito que não há nenhuma solução real que não envolva separação do lixo como parte dela, apesar de ser um trabalho de longo prazo, mas valeu a pena ter começado. Nós pagamos o preço por sermos pioneiros, mas eu pagaria de novo. (D.ZAVARIZE)*

A comunidade do Morro do Mocotó, surgiu como outra possibilidade para a concretização da proposta. A Associação de Moradores do Morro do Mocotó vinha solicitando junto à Prefeitura auxílio no equacionamento de problemas com entupimento de valas, provocado na maioria dos casos por despejo inadequado de lixo pelos próprios moradores. Diga-se de passagem que o local não comportava coleta de lixo feita por caminhão. Os moradores tinham que encaminhar seus resíduos até a "boca" do morro.

Diante de tal dificuldade, a Prefeitura sugeriu aos líderes comunitários a implantação do Programa, na tentativa de solucionar o problema com uma coleta porta-a-porta do lixo dos moradores daquela favela. A coleta seria feita com balaios, pois devido à acidentabilidade da região, nem mesmo um micro-tractor poderia ser utilizado.

Mundialmente busca-se solução para os problemas decorrentes da produção de resíduos. Em tempos de reflexão das consequências maléficas provocadas pela humanidade que acreditava que os recursos naturais fossem infinitos, surgem propostas na esperança de minimizar a catástrofe. Entendo que, a recuperação dos materiais lançados como sobras de nosso cotidiano, possa ser uma das maneiras de passarmos a instituir a preocupação e o cuidado com o meio natural.

A problemática dos resíduos urbanos no município de Florianópolis envolveu a população de certa forma, mas certamente os moradores dos bairros que participavam do

Programa Beija-Flor puderam se confrontar com uma política diferenciada e valorativa para estes resíduos. Alguns bairros, como Rio Tavares, manifestaram-se contrariamente quando cogitado a instalação do aterro sanitário naquele local, e para tanto argumentaram que já vinham dando solução para o seu lixo através do Programa de coleta seletiva. (anexo foto)

Assim como os moradores do Rio Tavares, outros bairros passaram a ter com o Programa aspectos diferenciadores em termos de discussão em torno da questão Lixo/Meio Ambiente/Qualidade de Vida. Pressupondo que o senso comum na sociedade seja o de encarar os resíduos como repugnante e destituído de valor, questiona-se como estariam os novos valores sendo incorporados e avaliados por estes bairros? Como essa política pública foi entendida a nível de população? Foram alcançados os objetivos?

### 3 "RECICLANDO" O COTIDIANO : A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

#### 3.1 O COTIDIANO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao estudar-se o cotidiano esta-se, na verdade, querendo enfatizar o caráter ativo, reflexivo, da conduta humana. Por adentrar-se por esta vertente, há uma crítica subliminar à tendência de ver o comportamento humano como o resultado de forças que os atores não controlam nem compreendem. Em nossa compreensão, as práticas sociais estão na raiz da constituição do sujeito, suas capacidades reflexivas como ator humano, estão envolvidas num contínuo, no fluxo da atividade cotidiana, nos contextos da atividade social.

A cognoscibilidade dos agentes sociais, o que sabem acerca do que fazem e do porque o fazem está amplamente contido na sua forma de agir e elaborar "teorias" no seu cotidiano. Do cotidiano repleto de atividades repetidas e empreendidas no dia-a-dia, surge a recriação constante do agir no mundo.

A reflexividade da vida social moderna, encontra-se constantemente em conformidade com as informações recebidas, por meios típicos desse momento cultural, como a ciência e a filosofia, as tecnologias, e seus mecanismos de comunicação, como livros, mídia, entre outros. À medida que integram a vida social as reproduzem, constituindo assim um caráter de troca. Em todas as culturas as rotinas foram sendo alternadas devido a descobertas transmitidas às práticas sociais, mas na modernidade o conhecimento é constantemente revisado, levando a uma revisão crônica das práticas sociais.

Caberá às ciências sociais, entre elas a sociologia e a psicologia, uma permanente reflexão acerca dessa constante mudança nas práticas sociais. Os conhecimentos assimilados, ensinados, comunicados, repartidos, dão forma à nossa realidade. Para Moscovici, o ser humano relaciona-se com esses conhecimentos exteriores, através da formulação de Representações Sociais e "...devemos encará-las de um modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior(...) é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos." ( )

Para Moscovici (1984), o termo representação social, deve ser reservado a uma categoria especial de conhecimentos e crenças, principalmente àquelas que emergem na comunicação cotidiana e cuja estrutura corresponde a essa forma de comunicação (p.952). Elas norteiam a ação do indivíduo na sociedade e dão significado à realidade da vida cotidiana.

O fenômeno das representações sociais tem "... um carácter moderno, na medida em que na nossa sociedade, ele ocupa o lugar dos mitos, das lendas e das formas mentais correntes das sociedades tradicionais. Sendo seu substituto e seu equivalente, ele herda de uma só vez certos traços e certos poderes." (1989, p.83)

### 3.2 O NASCIMENTO DE UM CONCEITO

O termo Representação Social foi cunhado pelo psicólogo francês Serge Moscovici. Com este conceito o autor começava então a desenvolver uma psicossociologia do conhecimento. O seu primeiro trabalho nesta perspectiva foi

um estudo sobre o fenômeno da apropriação da psicanálise pela sociedade parisiense: *La Psychanalyse, son image et son public* (1961).<sup>19</sup>

Tomando um caminho em oposição ao psicologismo reinante na psicologia social da época, que fundamentava-se na dicotomia indivíduo-sociedade culminando num conhecimento fragmentado do ser humano, Moscovici busca na sociologia de Durkheim o conceito esquecido de *Representações Coletivas*.

Durkheim formulou a teoria da realidade psicossocial coletiva. Processo pelo qual o homem produziria e comunicaria simbolicamente sobre os objetos, dentro de uma dinâmica de relações sociais, reais ou imaginárias. Segundo Moscovici, Durkheim "...revelou o lado social da consciência, mas não explicou sua especificidade, diluindo-o em um fenômeno unicamente social." (SAWAIA, 1993, p.77)

Moscovici aponta razões que o levaram a substituir o termo Coletivas por Sociais. Primeiramente por descartar a oposição, presente no conceito de Durkheim, entre indivíduo e coletivo. Moscovici contrapõe com uma perspectiva diversa que pressupõe a interdependência de surgimento e reprodução de ambos. Difere-se também quanto à homogeneidade do contexto histórico-social e a visão por vezes generalizante da realidade social implícita nas Representações Coletivas.

Moscovici observa também que as aplicações que Durkheim faz se referem a sociedades ditas primitivas. As incursões na sociedade moderna constituem sobretudo a exceção. (PEREIRA DE SÁ, 1993). Conclui Moscovici que "...Na verdade, foi a necessidade de pensar a representação como ponte entre o mundo individual e social e compatibilizá-la

---

<sup>19</sup> Esta obra foi publicada no Brasil em 1978 com o título: *A representação social da psicanálise*.

com uma visão de sociedade em mudança constante, que levou a substituição da terminologia." (MOSCOVICI apud SPINK, 1989, p.4)

Mesmo considerando desta forma o conceito de Durkheim, Moscovici vislumbrava-o como uma referência inicial para suas novas formulações, pois a característica intrínseca de considerar a presença de categorias simbólicas na regulação social, mostrava-se favorável para as suas teorizações. Resgatando-o, deu-lhe nova vida. Tornou-o assim, o ponto de partida para a elaboração de sua teoria das representações sociais.

As representações sociais apontam para uma forma de "pensamento social" e convergem da posição que os sujeitos ocupam na sociedade, na economia, de um fundo comum da cultura. O social intervém na representação social dos sujeitos através do contexto concreto em que se situam. Indivíduos ou grupos situam-se através da comunicação que estabelecem entre si, da escolaridade (bagagem cultural), através de códigos, valores e ideologias, relacionados com a situação social em que vivem.

~~Enfim,~~ a representação social é uma forma de relação com o mundo e com as coisas. As representações devem ser vistas como conteúdos socialmente estruturados, mas também como núcleos estruturantes do pensamento, e assim intrinsecamente dinâmicos. (SPINK, 1991, p.3). O que demonstra que a natureza e determinação da construção das representações sociais, situa-se na intersecção do psicológico e do social. Sendo assim, esta forma de compreender, de dar significado à realidade da vida cotidiana, ao mesmo tempo constrói esta realidade.

Entende-se também que as representações sociais devem ser entendidas à luz do contexto social. O ser humano se

exterioriza na atividade. Subjetividade objetivada, ou em outros termos, constrói-se como identidade. O equipamento psicológico é um produto social. Nem o organismo nem o Eu podem ser compreendidos fora do contexto social em que foram formados. O organismo estabelece limites ao socialmente possível. Para Jodelet (1986, p.475): "O ato de representação é um ato de pensamento por meio do qual um sujeito se relaciona com um objeto...não existe nenhuma representação social que não seja de um objeto, ainda que seja mítico ou imaginário."

Moscovici em 1961 lança seu livro tratando da representação social da psicanálise na sociedade francesa, mas o conceito somente vai ressurgir na década de 80. Foram necessários 20 anos para o reaparecimento do conceito no mundo acadêmico.

Na década de 60 o que predominou na ciência foram as explicações behavioristas, onde só os comportamentos "manifestos" eram considerados objetos científicos de estudo. Aí tem-se o predomínio dos estudos de atitudes e opiniões, entendidas como "...o comportamento verbal através do qual as pessoas expressam as suas preferências e aversões...". (PEDROSO DE LIMA, 1993, p.168)

Observando os movimentos ocorridos na sociedade e nas ciências sociais, pode-se notar mais recentemente um modo de buscar a compreensão da realidade social não apenas através de suas objetivações na esfera social mas também a partir das subjetivações a nível individual ou grupal. Estudos buscando valorizar a interface indivíduo/sociedade, procurando superar os reducionismos do psicologismo extremado onde a realidade social é vista como somatório de individualidades, ou no sociologismo absoluto, onde o indivíduo é determinado pela sociedade que o precede e transcende. (SPINK, p.400 ANPEP)



É neste contexto que ressurgem as formulações de Moscovici. Atualmente os estudos de representação social estão vinculados a outros domínios do saber, como a história com Le Goff, Duby, a sociologia com Bourdieu, a antropologia com Godelier.<sup>20</sup>

As representações sociais foram introduzidas como um novo enfoque na psicologia social. Acreditava Moscovici que assim estaria oferecendo um critério de dinamização, ao englobar nos conceitos já existentes um caráter intersubjetivo, por vezes não privilegiados por essa disciplina. O *social* proposto por Moscovici pretendia ir além daquele entendido como fruto das relações intra-individuais (como o sujeito processa a informação) ou intra-grupais (como os grupos a processam), ou ainda sociais (as ideologias, mitos e crenças que circulam em uma determinada sociedade). (SPINK, 1991/1993) "É necessário entender, sempre, como o pensamento individual se enraíza no social (remetendo, portanto, às condições de sua produção) e como um e outro se modificam mutuamente." (idem, 1993, p.89)

Superando a abordagem individualista das perspectivas teóricas tradicionais, as representações sociais incentivavam o diálogo com disciplinas afins, situando a psicologia social na interface entre fenômenos individuais e coletivos. Para Jodelet (1983) o behaviorismo e o marxismo de tipo mecanicista foram responsáveis pelo esmagamento da teoria das representações sociais naquele tempo.

Pode-se relacionar também a revitalização do interesse pelas representações sociais no campo das ciências sociais, ao desenvolvimento da corrente marxista althusseriana que postulava, entre outras coisas, a autonomia da instância

---

<sup>20</sup> Estes domínios não serão aqui explorados pois entendo não ser pertinente para o estudo neste momento.

ideológica (da qual emergem as representações sociais), e o caráter da prática ideológica (o efeito de conhecimento que ela produz). As representações sociais tornaram-se, assim, um meio através do qual a subjetividade pode ser pensada nas ciências sociais. (SPINK, 1989, p.8/9)

As representações sociais, constituem-se em uma noção "carrefour", isto é, situada num ponto de encontro de múltiplas disciplinas. Configura-se como uma teoria com claras conotações interdisciplinares e não mais uma teoria psicossocial, como quando formulada por Moscovici. Por abordar um problema central para as ciências humanas - a construção social do conhecimento - exerce um poder aglutinador, que extrapola a psicologia social, sendo melhor apreendida a partir de uma ótica interdisciplinar.<sup>21</sup>

Importa dizer ainda, que como definição mais geral, as representações sociais conceituam os elementos da vida cotidiana como relevantes para análises sociais e psicológicas. Afirma Jodelet (1986), que essa noção situa-nos no ponto onde intersectam o psicológico e o social, e assim devem ser abordadas, como o produto e o processo de uma elaboração psicológica e social.

Esta forma de conhecimento dá ao pesquisador a maneira como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as informações que circulam, as relações sociais, ou seja, "...o conhecimento espontâneo, ingênuo que tanto interessa na atualidade as ciências sociais, isso que habitualmente se denomina conhecimento do sentido comum, pensamento natural, por oposição ao pensamento científico." (JODELET, 1986, p.473)

---

<sup>21</sup> A interdisciplinariedade é colocada e entendida aqui de uma maneira simplificada, embora tendo conhecimento da enorme gama de estudos dedicados à essa questão, optei por utilizá-la assim somente com o intuito de oferecer ao leitor um esclarecimento das possibilidades da categoria de representações sociais, aqui utilizada.

Esta forma de pensamento social que são as representações sociais, "...constituem modalidades de pensamento prático orientados para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal...servem na interação com o mundo e com os outros." (idem p.474). Sendo elaborada e compartilhada dentro de um contexto social, pode-se ainda vê-la como uma forma peculiar de construir uma realidade comum a um conjunto social.

### 3.3 A ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS : OS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO

Inúmeros estudos têm utilizado a categoria de representações sociais, o que Spink(1993, p.90/91) credita a diversidade presente na abordagem das representações sociais, que se apresenta através da dupla face, ou seja como *processo* e como *produto*. As representações sociais como *produto* da maior ênfase na determinação social do conteúdo representativo, constituindo, portanto, o pólo sociológico do estudo das representações.

Nesta perspectiva as representações sociais são focalizadas como campos socialmente estruturados e a pesquisa visa simultaneamente identificar os conteúdos representativos (as informações, imagens, crenças, valores, opiniões etc. e buscar os elementos organizadores destes conteúdos (os organizadores sócio-culturais e os modelos normativos decorrentes da inserção social e da história de uma dada sociedade).

Como *processo* as representações sociais são destacadas pela ênfase na elaboração no pólo psicológico, são

estudadas como pensamento constituinte ou núcleos estruturantes. Nesta perspectiva toda representação traz a marca do sujeito e de sua atividade. O que está em pauta é o caráter construtivo, criativo e autônomo da representação elaborada por um indivíduo ou por um grupo. (SPINK, 1993, p.90/91)

As pesquisas sob esse segundo enfoque examinam os mecanismos que intervêm na elaboração cognitiva; buscam explicitar as determinações sociais das representações decorrentes da posição que ocupam os atores sociais, ou explicitar os modelos coletivos disponíveis para que o indivíduo possa dar sentido a sua experiência social. Para percorrer esse caminho de pesquisa, se faz necessário analisar os processos através da *Ancoragem* e da *Objetivação*.

Os dois processos complementares de elaboração das representações sociais são postulados por Moscovici (1981 in: Forgas). A *ancoragem* caracteriza-se pela inserção de novos elementos, ainda estranhos, no pensamento já constituído a partir de pressões do grupo. Remete à função das representações de tornar o que é estranho familiar. A *objetivação*, diz respeito a constituição formal do conhecimento, transforma os conteúdos abstratos em conteúdos concretos.

Como o social transforma um conhecimento em representação e como esta representação transforma o social?

São necessários estes dois processos (*ancoragem* e *objetivação*) para organizar as representações sociais em nosso cotidiano. Para entendermos como essas se estruturam, precisa-se entender como Moscovici caracterizou os dois processos formadores. "A função de duplicar um sentido por

uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, 'naturalizá-lo', foi chamada de 'objetivar'. A função de duplicar uma figura por um sentido, fornecer um contexto inteligível ao objeto, interpretá-lo, foi chamada de 'ancorar'. (PEREIRA DE SÁ, 1993, p.34)

Se ancorar significa ligar o novo ao pensamento já constituído, a uma referência reconhecível, ao ser incorporado à nossa própria rede de categorias, o objeto ou idéia assume suas características. "Ancoramos, portanto, o desconhecido em representações já existentes." (SPINK, 1989, p.6) E, afirma Moscovici,

*Mesmo que haja algum conhecimento de uma certa insubstancialidade ou do caráter imperfeito da reconstrução, ela é mantida enquanto ela preserva alguma coerência entre o que é conhecido e o que não é conhecido...Ao categorizar o não categorizável ou nomear o não nomeável, nós já o estamos representando. De fato a representação é basicamente um processo de classificação e nomeação, um método de estabelecer relações entre categorias e rótulos.* (1981, p.193)

Já o segundo, a *objetivação*, é um processo mais ativo, "...é responsável por domar o não familiar." (idem, p.198). É sobretudo uma operação que forma imagens e estruturas, para poder se tornar o novo algo compreensível. Caracteriza-se pela habilidade de materializar alguma entidade inicialmente abstrata, mostra-se no esforço de equivaler algum conceito em imagem. Moscovici enfatiza que, "em nossa sociedade, uma enorme quantidade de palavras circula em torno de um objeto específico, e nós somos constantemente urgidos a associá-la com um significado concreto. Uma vez que supostamente palavras não lidam com 'nada', tenta-se, ligá-las a algo." (idem p.199)

O conhecimento mobilizado por nós, na comunicação informal da vida cotidiana, reveste-se de diversidade e

demanda compreensão. Na tentativa de tornar compreensível o desconhecido fazemos um esforço de articulação entre valores, informações, desejos advindos de experiências anteriores. Elaboramos por assim dizer, teorias do senso comum, ao elaborarmos nossas realidades sociais.

Nesta forma de pensamento, o processo criador tem lugar nas mesmas circunstâncias (e ao mesmo tempo) em que se manifestam. "...os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros 'portadores' de ideologias ou crenças coletivas..." (PEREIRA DE SÁ, 1993, p.28) As representações sociais apresentam-se então como teorias internalizadas que servem para organizar nossa realidade. Forma-se representações sociais para compreender-se o mundo.

Por certo, a primeira tentativa de compreensão (de tornar familiar o não familiar) que se faz estará baseada em elementos já conhecidos do nosso cotidiano. O novo traz desconforto e nos leva à confrontá-lo com o já conhecido e portanto seguro. "O que quer que seja dito ou feito tende a reconfirmar as suposições e significados, a afirmar em vez de contradizer...como resultado, a memória tende a predominar sobre a lógica, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e a imagem sobre a 'realidade'". (MOSCOVICI, 1989, p.189) E assim passa-se a julgar o desconhecido, e ao fazer-se a fusão do já conhecido, familiar com o novo, esta se torna real e significativa, permeada agora de mudança de valores e sentimentos.

E como fazem-se as escolhas da forma como as novidades irão se incorporar em nossas realidades? Moscovici nos diz serão determinadas pelas imagens, conceitos e linguagens intercambiadas em nosso grupo social. A realidade objetiva não é dada a priori, que cabe ao homem absorver, ela é

produto das objetivações da subjetividade, ela é resultado da subjetivação da objetividade. (SAWAIA, 1993).

Sawaia lembra que Moscovici criou o conceito de representação social para enfatizar o caráter ativo e criativo do sujeito na sociedade. Para Moscovici, "na relação com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a realização de suas necessidades, dentro de um determinado conjunto de relações sociais e de uma cultura específica, o indivíduo cria sua representação das coisas e fixa o aspecto fenomenal da realidade. (MOSCOVICI apud SAWAIA, 1993, p.76)

Pode-se fazer três perguntas para tentar elucidar como que se dá o processo de incorporação de novos conhecimentos e experiências em determinado grupo social: Como se confere sentido ao novo objeto da representação? Qual o papel das representações sociais na instrumentalização do saber? Como se dá o processo de integração da novidade?

O sentido dado ao objeto surge da imposição de valores a partir do grupo social, o que leva a uma necessidade de decodificação dos modelos veiculados pela sociedade. O saber, a classificação comum ao grupo permite a comunicação partilhada e sendo assim influencia a ação. O enraizamento da novidade no sistema de pensamento se dá em um terreno já fertilizado pelo saber da ciência ou por outras representações.

O processo de *ancoragem* situa-se em uma relação direta com a objetivação e articula as três funções básicas da representação: 1. função cognitiva de integração da novidade; 2. função de interpretação da realidade; e 3. orientação das condutas e relações sociais. (JODELET, 1986 p.486)

A cristalização de uma representação remete à *objetivação*, à constituição formal do conhecimento. Objetivar é transformar uma abstração em algo quase físico, reproduz o desconhecido, materializa uma entidade abstrata. "Este poder é baseado em nossa habilidade de mudar uma representação, a palavra de uma coisa na coisa da palavra." (idem, p.199)

O processo de objetivação, para Jodelet (1986), implica em três etapas: a) A *seleção e descontextualização* dos elementos de uma teoria em função de critérios normativos e culturais próprios. "Estas informações são separadas do campo científico a qual pertencem, do grupo de teóricos que as concebeu e são apropriadas pelo público que, ao projetá-las como fatos de seu próprio universo, consegue dominá-las." (p.482); b) A *formação de um núcleo figurativo* ou seja, uma estrutura de imagem que reproduz, de maneira figurativa, uma estrutura conceitual, e a *naturalização*, que transforma estas imagens em elementos da realidade, integra os elementos da ciência em uma realidade de sentido comum.

Em primeiro lugar, diz Moscovici, temos que descobrir o aspecto icônico ou simbólico de uma idéia ainda não objetivada. O ícone ou imagem deve ser assemelhado com o conceito. Esta espécie de descentralização faz com que os elementos da linguagem científica passem a ser linguagem corrente. Mas vale ressaltar que assim procedido, essa nova linguagem obedece a novas convenções. (MOSCOVICI, 1976, p.111)

Nesse sentido Lane (s/d, p.6) orienta que:



Para que possamos chegar, através da análise, à constatação dos movimentos e dos estados da consciência é preciso partir de dados empíricos, de manifestações objetivas da subjetividade compreendida dentro da consciência...Todas as verbalizações se apresentam como representações que o indivíduo constrói para orientar-se em suas ações no seu meio social.

#### 1.4 AS REPRESENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

No terreno das representações sociais o conhecimento no cotidiano é entendido como produto social, engendrado nas relações sociais e "sendo uma forma de conhecimento, é inevitável que o estudo das representações sociais esteja fortemente ancorado à esfera cognitiva." (SPINK, 1993, p.93) E, "ao dar sentido, dentro de um incessante movimento social, a acontecimentos e atos que terminam por ser-nos habituais, este conhecimento forja as evidências de nossa realidade consensual, participa da *construção social de nossa realidade...*" (JODELET 1985 p.473) <sup>22</sup>.

E assim sendo, só pode ser analisado dentro do contexto em que foi produzido e reproduzido. Para que se possa compreender a construção do conhecimento, deve-se perseguir a perspectiva de integrar ou entender como se dá a articulação entre o social e o individual.

Jodelet(1989), destaca em sua obra a necessidade de englobar tanto aspectos cognitivos como afetivos para que se possa avançar em direção a uma concepção do ser humano como ser social. Alerta no sentido de que, "...as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado

---

<sup>22</sup> Os grifos da autora alertam que este conceito refere-se à obra e ao conceito formulado por Berger, P. I. e Luckmann, T. em 1966.

da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre as quais elas vão intervir." (p.41)

Berger e Luckman(1991), antes mesmo de Moscovici, apontaram para a perspectiva construtivista da realidade social. Esta concepção foi destacada pelos autores pela relação dialética entre a esfera individual e social, entre pensamento e atividade. Com esta abordagem, comunicam sua visão da realidade humana como construída coletivamente, a qual, por sua vez, produz o homem, sendo que:

A expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifesta-se em produtos da atividade humana, que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum. (p. 53)...o processo de tornar-se homem se efetua na correlação com o ambiente. (p. 71) <sup>23</sup>

Berger e Luckmann(idem) sublinham para a compreensão do modo como a realidade é construída pelos atores sociais e como é também articulada no senso comum. Como Moscovici, diferenciam o conhecimento do senso comum daquele construído pela ciência e filosofia. Apontam a ordem social como um produto humano, estabelecida pela "necessidade antropológica"(p.76) de exterioridade da atividade humana. Intrinsecamente relacionada, a ordem social só existe na medida em que a atividade humana continua a produzi-la. Para estes autores, na sociedade moderna, outras formas de conhecimento passaram a exercer o mesmo poder simbólico antes exercido por religiões como é o caso da ciência e tecnologia.

---

<sup>23</sup> Esta vertente teórica de auto-produção do homem também pode ser encontrada em Marx (A ideologia alemã) e em Sartre (Crítica de la razón dialética)

Em Moscovici (1989) vamos encontrar algo neste caminho, quando afirma que:

Cada vez que um saber é gerado e comunicado, ele torna-se uma parte da vida coletiva, nos diz respeito. Em particular logo que os saberes servem à solução de qualquer problema social ou a explicação de qualquer evento: aparição de uma epidemia, a AIDS tão presente, catástrofe como a de Chernobyl. Em resumo tudo que tem ligação com a idealização coletiva nos toca ao nível de um à outro. (p. 84)

A noção de representação social (MOSCOVICI, 1981; JODELET, 1986) parece apontar a forma como os acontecimentos "externos" incorporam-se à vida das pessoas, incidindo de modo decisivo no rumo dos acontecimentos. Entendem que estes conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, são fenômenos interligados a uma forma especial de se adquirir e transmitir os conhecimentos, criando assim o senso comum.

O senso comum aqui deve ser entendido como produção. É próprio da representação social, o "caráter significante", quer dizer, tanto pode restituir de modo simbólico algo ausente, como pode substituir algo presente; assim como tem a propriedade de intercambiar o sensível e a idéia, a percepção e o conceito. Sabendo-se, que as representações sociais não se configuram como simples reprodução, mas constituem-se por uma parcela de autonomia e de criação individual ou também coletiva. (JODELET, idem, p.476)

Dentro desta perspectiva, Moscovici (idem) preconiza que os "...indivíduos e grupos são qualquer coisa menos receptores passivos, e que eles pensam de forma autônoma, constantemente produzindo e comunicando representações." (p.183)

O ato da representação pretende transmutar o que é novo integrando-o com proximidade, diante de uma experiência nova, os atores a elaboram a partir de sua tradição cultural, ou seja a partir de representação que já possuem da vida social. Por isso ao estudar-se uma determinada representação, deve-se então retornar ao elemento de desconhecido (não familiarizado) que levou a ela e que a motivou. (MOSCOVICI, 1981, p.191)

Ocorre por assim dizer, "...uma fusão real e socialmente significativa, com uma mudança de valores e sentimentos" (idem, p.189) que correspondem a elementos simbólicos e práticos que participam na produção/reprodução desta prática. Essas elaborações recebem influência da ciência, da técnica e da filosofia, e se constituem em seu prolongamento, e em oposição a elas. "Portanto, tem-se que encarar a representação social tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura." (1978, p.45)

Para Berger e Luckman (idem), a vida cotidiana aparece como uma realidade interpretada pelos homens e por eles dotada de sentido, ao organizar um mundo decifrável, coerente para eles, de elementos rotineiros ou mesmo quando da integração de novos conceitos na rotina diária.

Devido a esta complexidade, as respostas humanas não podem ser compreendidas fora do particular contexto social em que foram formadas. "A auto-produção do homem é sempre e necessariamente um empreendimento social. Os homens *em conjunto*, produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas." (idem p.75)

Dentro deste contexto de formação da realidade, o ser humano se vale de ações tornadas habituais nas suas

objetivações. Essa institucionalização da ação ocorre tendo em vista a busca de uma certa segurança psicológica. Na medida em que serve de referência para seu acervo geral de conhecimentos, auxilia na tomada de decisões que devem ser vivenciadas no cotidiano. (idem p.78).

Nessa direção a cristalização pode, com o passar do tempo, ser experienciada pelo indivíduo não mais como produção sua, mas como coercitiva, mas "é importante ter em mente que a objetividade do mundo institucional, por mais maciça que apareça ao indivíduo, é uma objetividade produzida e construída pelo homem." (idem p.87) Esta relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, constitui-se como sendo, afirmam Berger e Luckmann, uma relação dialética, onde o homem e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro.

## 4 A POPULAÇÃO DEFRONTA-SE COM NOVOS VALORES

### 4.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo contém uma análise dos dados obtidos a partir do discurso dos atores entrevistados. A partir das entrevistas foram destacados alguns temas para análise. No primeiro item busco descrever o contexto em que se deu a pesquisa de campo. Creio que uma pequena descrição do *habitat* dos entrevistados possa transmitir um pouco da realidade vivida, e que certamente influenciam a formulação de suas representações sociais.

Os demais temas aqui expostos seguem nessa ordem: A População, o Bairro e o Poder Público, agrupará elementos que destacam a identidade dos moradores com o bairro onde moram, os problemas que identificam e como buscam soluções para esses problemas. Discutirá também a relação com o poder público na participação de uma política pública. A análise destas categorias tende a buscar como se comportam frente ao poder, que espécie de representações são utilizadas nesta relação

O item Ecologia, Saneamento e o Lixo Doméstico, tratará do conhecimento que têm sobre destino do lixo do município, como definem lixo e a repugnância em relação ao lixo. Educação Ambiental para o Lixo, buscará resgatar como se deu o trabalho desenvolvido pela COMCAP nos dois bairros pesquisados, no que se refere à abordagem da população para participar do Programa.

E finalmente, Enfrentando Novos Conceitos-O Lixo Revisitado, pretende elucidar o conhecimento sobre o

programa de coleta seletiva nos bairros, as razões que a população busca para separar o lixo, o entendimento que tem dos resultados do Programa e fundamentalmente as mudanças que ocorreram em relação ao conceito de lixo.

Tentarei através destes temas reconstruir o conteúdo do sistema cognitivo e afetivo destes cidadãos. O conteúdo das entrevistas foram sendo analisados, levando em conta o processo de elaboração de suas representações, onde estas são consideradas com um processo de construção do real que orienta-os em suas dinâmicas do cotidiano.

Reconheço de antemão que, os dados referentes ao universo da pesquisa fez-me perseguir o objetivo de tratar apenas alguns aspectos considerados mais relevantes para esta dissertação, embora saiba que outras possibilidades de análise desta realidade poderiam ainda ser explorados. Entretanto, vejo-me na encruzilhada de pôr fim a uma etapa de trabalho, contudo, conhecendo os riscos de simplificar a vivência destes atores sociais.

#### 4.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

A população entrevistada reside em dois bairros de Florianópolis. Ambos localizados na região continental do município, sendo um dos bairros de classe média-baixa, o Balneário; e o outro de classe menos favorecida economicamente, o Loteamento Ilha-Continente. Os entrevistados dos dois bairros mostraram-se disponíveis para as entrevistas. (anexo modelo do questionário aplicado)

Geograficamente o bairro Balneário faz divisa com a baía do continente, defronte para a baía norte da região insular e do outro lado situa-se o Estreito, maior bairro da região continental. Possui em torno de 1.800 residências, habitantes que produzem cerca de 5 toneladas ao dia de resíduos domésticos.

O bairro vem perdendo suas características de bairro residencial horizontal, devido à construção de prédios. Vem também sofrendo com a inexistência de demarcação da área de expansão do comércio local, que já adentra o bairro, não se limitando às ruas já tradicionalmente destinadas ao comércio no Estreito. Paralelamente, também nota-se que os residentes em casa já vêm progressivamente transformando suas garagens e salas em pequenos comércios.

A amostra foi constituída de onze pessoas, sendo oito do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idade variando de 16 a 68 anos, sendo a maioria acima de 30 anos, casados, com segundo grau completo e com profissões definidas. A situação sócio-econômica da população entrevistada neste bairro, caracterizou-se por um situação de renda familiar que varia de cinco a vinte salários mínimos. Esta população é beneficiada com os serviços básicos urbanos, como escolas, transporte, limpeza, lazer, comércio, saúde.

As pessoas entrevistadas se dizem bastante satisfeitas em morar no bairro. Demonstram identidade com o estilo de vida que o bairro propicia. O fator de satisfação que mais apareceu nas respostas foi a tranqüilidade que o bairro oferece, nas suas palavras: "para criar os filhos", ou mesmo "viver a aposentadoria". Isto pode ser observado nas praças locais, onde crianças brincam tranqüilamente e aposentados conversam e jogam dominó.



O bairro oferece comércio, duas praças, várias escolas. As residências são em sua maioria bem cuidadas, assim como as ruas, que possuem passeios e estão continuamente sendo limpas; observou-se que mesmo os moradores cuidam desse serviço.

No bairro não há organização comunitária, ou seja, algum tipo de associação de moradores. Algumas pessoas reúnem-se em grupos na igreja, no entanto os entrevistados têm pouco conhecimento sobre como funciona, na sua maioria não participam dessas reuniões.

No Loteamento Ilha-Continente a situação social dos moradores apresenta-se bastante diferenciada da descrita acima. Esses moradores foram assentados nessa área, onde hoje residem em torno de 250 famílias, sendo que, cadastradas para o assentamento em 1982, estão somente 148, as demais foram aos poucos coabitando ao lado dos limites do Loteamento.

Os entrevistados apontam a regularização da terra ou propriedade como o maior problema que enfrentam. Afirmam que essa situação têm provocado insegurança ao não possuírem algum documento que os torne efetivamente proprietários do local onde residem. Essa situação, argumentam, tem dificultado pensar no futuro, fazer melhorias nas casas, no cercado, pois sentem receio de serem despejados a qualquer momento.

Os moradores organizam-se em torno de um Conselho Comunitário, onde os problemas da comunidade são discutidos. Os projetos atualmente em andamento, administrados por essa entidade são a posse da terra, o CPP (Centro de Profissionalização Popular), e o Programa Beija-Flor. Encontra-se em obras, uma creche que atenderá as crianças que ali moram.

A situação sócio-econômica da população varia de um e meio a quatro salários mínimos. A amostra foi constituída por informantes em sua maioria do sexo feminino-9, e duas do sexo masculino. Somente um dos entrevistados cursou o primeiro grau completo, os demais não completaram o primeiro grau. A idade variou de 13 a 58 anos, sendo que a informante de 13 anos é a que possuía primeiro grau completo.

Em anexo, dois mapas mostram como se localizam os bairros. Também algumas fotos mostram um pouco dos bairros e o sistema de coleta seletiva oferecida para o bairro.

#### 4.3 A POPULAÇÃO, O BAIRRO E O PODER PÚBLICO

Os moradores do bairro Balneário, são unânimes ao se declararem satisfeitos por residirem naquele bairro. Enquanto que, os moradores do Loteamento apresentam diferentes avaliações a respeito do local onde moram. As perspectivas são diferenciadas.

Uma moradora do Loteamento declarou ter dificuldades de convívio devido à forma como sua família não a visita porque mora numa "favela". Justifica que devido a sua procedência estar vinculada a condições de vida do interior, a família, e também ela própria, não aceita viver em comunidade com "pessoas um tanto suspeitas", em condições precárias.

Observa-se que, em sua maioria, as pessoas que gostam de morar no local, também são as que efetivamente praticam a participação comunitária, comparecendo às reuniões do Conselho Comunitário. Este comportamento de participação

reflete-se também na participação ao Programa de coleta seletiva. Pode-se compreender a relação entre satisfação e participação buscando as representações sociais que embasam este comportamento. Ao terem efetiva participação nos rumos, lutas e programas do bairro anunciam a sua identidade com o bairro, e/ou com os vizinhos e amigos.

Algumas pessoas expressaram essa satisfação com o local. Uma moradora enaltece a vista para mar que desfruta. Avaliam positivamente a possibilidade de um local próprio, embora ainda não possuam os papéis definitivos da terra, os serviços básicos que dispõem, como coleta de lixo, ônibus, hospital, escolas e empregos relativamente perto do local de moradia.

Os moradores dos dois bairros referem-se ao problema de esgoto como o grande problema que enfrentam. Parte do bairro Balneário é favorecido com rede, enquanto que a maior parte, ainda possui sistema de fossas. No Loteamento há uma canalização do esgoto, embora seja considerada precária por alguns moradores. Quando das visitas pude observar que o bairro não apresenta odores fétidos, nem ocorrem as conhecidas alternativas de valas abertas, um sistema bastante presente em favelas no município. Esta situação embora não ideal, traz um aspecto visual positivo para o local.

Possuem maneiras diferenciadas de buscar solucionar os problemas dos bairros. As tentativas dos moradores do Balneário se configura através do contato direto com os órgãos da Prefeitura, principalmente por telefone. Não se utilizam de vereadores ou pessoas que possam encaminhar os pedidos. Este comportamento esclarece uma face da cultura política por vezes clientelista de classe média brasileira. Ocorrência deflagadora de representações sociais de um povo

"habituação" a receber "favores", às vezes pessoais, dos órgãos públicos.

Cabe ressaltar aqui que este bairro estando situado no continente, é beneficiado por uma estrutura institucional da Prefeitura, através da Secretaria do Continente, localizado naquela região do município e que atende, com uma pequena estrutura, aos problemas dos bairros ali localizados.

Quando da implantação do Programa no bairro, a Secretaria serviu de intermediária, no entanto, a inserção dela no local mostrou-se bastante deficitária no aspecto de mobilização social. A grande contribuição veio através do secretário à época. Ele aproveitou-se de um espaço em uma rádio local, onde discutia com os moradores do continente os problemas locais e, algumas vezes, ofereceu apoio ao programa, divulgando e alertando os moradores do Balneário para participarem do Programa.

Esta informação foi registrada em uma das entrevistas desta pesquisa, quando uma moradora afirma que recebeu informações sobre o Programa através de folhetos entregues em sua casa e do programa de rádio.

Os moradores do Loteamento são representados por uma diretoria eleita do Conselho Comunitário e se valem daquela organização para procurar soluções para seus problemas. Diversos contatos são feitos pela organização, no sentido de garantir alguns benefícios para os moradores locais, como através do CAPROM (Centro de Apoio e Promoção do Migrante), Secretarias da Prefeitura, do Governo Estadual e mesmo com a iniciativa privada. A creche está sendo erguida por uma construtora, que beneficiou-se de uma parte da área destinada ao Loteamento, em troca da construção da creche.

Outra face da cultura política brasileira, pode ser buscada na atuação dos movimentos sociais, ONGs (Organizações Não governamentais), que vêm construindo um arcabouço de representação coletiva frente ao poder através de suas ações reivindicativas. Esta forma de relação, tem por certo, engendrado a história de grupos organizados e das lutas sociais no Brasil. Ações do poder público nos dois bairros são solicitadas tendo em vista os diferentes aspectos de suas representações. Os moradores do Balneário não têm se mobilizado conjuntamente em favor do sistema de esgotos para o bairro. Utilizam-se do telefone para fazer suas reivindicações e reclamações.

No Loteamento, a posse da terra é a luta histórica desses moradores. O presidente do Conselho há 5 anos (desde sua criação), afirma que os moradores já trabalharam muito neste sentido, assim como na busca de melhorias, por sinal alcançadas, como água, alargamento das ruas, creche, entre outras. Creio que isto criou determinadas condições, advindas como tradição cultural, para a elaboração das representações sociais, em termos da relação com o poder público. O entendimento de estarem organizados enquanto coletivo no bairro aparece na avaliação de uma entrevistada. Ela conta o que fazem para melhorar a situação do bairro:

*...porque prá você procurar esses órgãos assim você tem que estar já com tudo organizado. (Moradora do Loteamento)*

Parece-me que a forma como os moradores dos dois bairros avaliam a atuação dos políticos oferece material para reflexões acerca da relação estabelecida com o poder público, fundamentada nas representações engendradas

historicamente. Sobre a problemática de saneamento básico, em melhorias no sistema de esgoto aparece o descrédito em soluções advindas de "promessas de políticos", em soluções pautadas em compromissos voltados às eleições.

Algumas das melhorias alcançadas são percebidas como passageiras, conseguidas em função de eleições ou promessas e que podem ser esquecidas quando não forem mais convenientes para determinado político ou administrador do serviço público. Não acreditam que as condições possam ser definitivamente garantidas. São vistas não como responsabilidade do poder público mas como favor. Definitivamente essa concepção clientelista seria umas das formas de relação com o poder público mais facilmente detectáveis com um estudo de representações sociais, vale lembrar, em inúmeras situações do cenário brasileiro. Esse tipo de comportamento apareceu com mais frequência no Balneário, mas no entanto no outro bairro em alguns depoimentos também está embutido essa representação social do poder público:

*Aqui passaram um esgotozinho político, que é um caninho de 4 polegadas e que eles chamam de 100, colocado na beiradinha da cerca e que pode ser arrancado de uma hora para outra. É um favor político, assim o esgoto fica fácil de tirar. Se fosse uma alta tubulação era uma coisa mais fixa. (Desempregada residente no Loteamento)*

*Os políticos procuram a gente principalmente em épocas de eleições, ficam aí prometendo. Promessa de político a gente já conhece demais, né. Depois passa e eles esquecem. Eles esquecem da população, os bairros que precisam nunca mais passam. A gente vai ligando prá Prefeitura. (Militar aposentado residente no Balneário)*

Reclamam dos políticos, da falta de estrutura, de esgotos, praias poluídas, do pagamento de impostos, e da espera na resolução de problemas. Entretanto colaboram com uma política do poder municipal sem esperar nada em troca. Como entender esta dinâmica?

#### 4.4 ECOLOGIA, SANEAMENTO E LIXO DOMÉSTICO

A partir do evento da Eco-92, as questões ecológicas poderiam estar sendo entendidas de uma forma mais complexa, mas por certo, as informações dos meios de comunicação não registraram a abrangência das discussões por ocasião daquele evento.

As informações transmitidas muitas vezes limitaram-se a mostrar as "perfumarias" do evento. Somente as entidades que estavam mais integradas aos trabalhos, puderam verificar que, os debates buscavam discutir a complexidade da questão ambiental considerando as relações desta com o desenvolvimento e a pobreza.

"O Que o Brasileiro Pensa da Ecologia", pesquisa desenvolvida no início de 1992, destaca que os formadores de opinião, que possuem o que se chamou de um "ideário ecológico", defendem que a problemática ambiental brasileira inclui necessariamente esta questão.

Já a pesquisa que se deu com uma amostra representativa da população revelou que foram citados com maior freqüência os elementos naturais e menos citados os sociais. Há aqui o predomínio de um conceito 'naturalizado' de meio ambiente e uma certa dificuldade em situar o próprio homem e seu *habitat* como parte da natureza.

Nas comunidades onde ocorreu minha pesquisa encontrei uma realidade em conformidade com essa visão. Os seus problemas de saneamento, habitação etc. não recebem correspondência como sendo de natureza ambiental. Certamente esta sincronia explica-se pelas informações e educação recebida, que levou-os a perceber problemas desta forma. Esse enfoque transmitido regularmente tende para uma avaliação equivocada de que os problemas não são decorrentes de um planejamento da vida social, por vezes, desvinculada do meio ambiente físico.

Quando questionados sobre o conhecimento que tinham de problemas ecológicos, as respostas foram relativamente superficiais. A maioria não soube responder. Entretanto, em algumas entrevistas onde obtiveram-se respostas, estas caracterizaram-se por informações generalizadas e distantes dos problemas cotidianos:

*Matas queimadas, essas usinas que despejam tudo no rio, isso é uma tragédia. Esses lixos de hospitais que não é colocado num local certo, isso também aí prejudica a população. (Atendente de farmácia, moradora do Loteamento)*

Cabe aqui destacar que a entrevistada reside numa região onde há poucas árvores, não há áreas de lazer e situa-se abaixo de uma via movimentada de veículos (Avenida Ivo Silveira). Busca para explicar os danos com o ambiente, situação estereotipada de matas, usinas, mas ao mesmo tempo, relaciona preocupação com o lixo proveniente de sua atividade profissional.

Esta aparente contradição nas suas representações, explica-se pelas próprias características dessa modalidade



de pensamento. No exercício de formular novas representações, guardam-se ainda aspectos de representações passadas. Situação que aparece quando as representações são buscadas para avaliação, como neste caso.

Buscando o detalhamento pertinente à pesquisa, tentarei elucidar o papel das representações na orientação dos comportamentos e na comunicação, e sua força cognitiva para acolher novas informações. Por este caminho gostaria de alcançar o impacto que a ecologia e seus pressupostos, tiveram (ou têm) na elaboração das representações de grupos ou indivíduos.

Sendo por definição "teorias implícitas" que dão conta das operações do pensamento na interação cotidiana com o mundo, e em particular na integração das novidades, as representações sociais funcionam como sistemas geradores de atitudes, de posições sociais e de mudanças ou não. São elas parte de um processo dinâmico e histórico.

Deve-se entender as representações sociais nas mudanças sociais, contribuindo nos novos pensamentos sociais compartilhados. Tal emaranhado de informações, contribuíram certamente nos processos constitutivos das representações sociais do meio ambiente dessa população.

A partir da fala dos atores entrevistados, pode-se destacar as suas práticas efetivas, vislumbradas como comprovação das modificações ou permanência de valores. Creio que ao participarem das tarefas inerentes ao Programa, como observar cuidados com os resíduos, selecioná-los e dispor em dia e horário determinados, trouxe-os para uma reflexão acerca das possíveis relações desse comportamento com problemáticas mais globais da relação do homem com a natureza.

Quando buscam relacionar os problemas ambientais provocados pela disposição inadequada de lixo surgem referências à poluição do mar e rios, assim como problemas advindos da contaminação das águas. Quanto aos problemas vinculados ao lixo, nota-se que trazem à tona o conhecimento que possuem sobre as consequências dos "lixões". Temem que o lixo enterrado possa trazer problemas de contaminação dos lençóis freáticos. Esta conotação da poluição ligada a água também foi notada quando perguntamos à cerca dos problemas ambientais que conheciam. Aí percebe-se a vinculação de problemas ambientais e degradação por má disposição dos resíduos.

Pode-se ilustrar com alguns depoimentos dos entrevistados. Algumas declarações foram surpreendentes quanto à relação intrínseca ao ato de separar o lixo e as consequências para o meio ambiente:

*Porque o lixo reciclado ele ajuda a mata. O lixo reciclado já é uma árvore a menos derrubada, então isso aí ajuda. O lixo reciclado ajuda o ar puro também. (Morador do Loteamento)*

*A separação do lixo ajuda na despoluição dos rios, que quando chove muito carregam muito lixo, causando transtornos para o município. Porque os lixos eram jogados nos rios? Agora esse material que está sendo reaproveitado está deixando de ir para os rios. (Morador do Balneário)*

Os problemas de lixo e sua relação com o saneamento, ou a saúde, são entendidos através de uma questão mais abrangente, ou melhor da forma como se fala comumente, quando fala-se de saneamento entende-se preferencialmente

da problemática de esgoto. E assim respondem. Reclamam da ausência ou fragilidade do sistema de esgotos dos bairros.

Relacionam saúde e saneamento com higiene. Chamam de higiênica a forma adequada de tratar os resíduos, a prática de não deixar lixo nas ruas, em terrenos baldios. Identificam a separação domiciliar como higiênica, no sentido que não mistura os resíduos orgânicos com os demais. Admitem sentir repugnância quando o lixo está misturado:

*Lixo tem problema com doenças, lixo dá muito problema de cheiro, muito mosquito, mosca.* (Moradora do Loteamento) <sup>24</sup>

*Quanto menos lixo tiver uma comunidade pobre como a nossa menos problema de doenças, rato que é uma coisa que contamina muito, a urina do rato é incrível, né o que pode projetar sérias doenças numa criança. Então tudo isso envolve o projeto, então tudo isso é muito bom...No meu modo de pensar evita poluição, evita tudo. Porque o lixo se nós acumular o lixo aqui, a água arrasta e o lixo vai se entupindo os esgotos, e além de prejudicar, ele vai poluindo outros lugares. E onde tem muito lixo vai prejudicar até germinar alguma coisa, que o plástico é uma coisa que não apodrece tão cedo. Então isso tudo vai prejudicar sim.* (Gari, presidente do Conselho Comunitário do Loteamento)

---

<sup>24</sup> Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (1966,1976), faz um estudo antropológico onde interpreta, através de mitos e crenças os rituais de poluição de vários povos e culturas. Avalia que a sujeira não é absoluta, ela existe aos olhos de quem a vê. "A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente."(p.12) De forma geral, nossa idéia de sujeira é composta, nos diz, de duas coisas, cuidado com higiene e respeito por convenções, que as idéias de sujeira também expressam nossos sistemas simbólicos, que se ligam ao campo simbólico de pureza.

Os depoimentos presentes nas entrevistas do Loteamento refletem problemas pertinentes a locais severamente precários de moradia, realidade que certamente viviam antes de se instalarem naquele local, que apresenta algumas condições mais favoráveis, diversas de outras favelas do município e adjacências.

Quanto à possibilidade de participar individualmente na resolução ou mesmo auxiliar no equacionamento de problemas ambientais, nota-se que há predisposição a nível de discurso, ou mesmo ética, no sentido que definem como norma para a sociedade. No entanto, a maioria transfere para o poder público essa responsabilidade.

Duas entrevistas surpreenderam contrariamente esta posição. Apontam na possibilidade de atitudes individuais. Quando perguntei para uma moradora do Loteamento, que participa dos movimentos locais, a quem cabia resolver os problemas ambientais, ela respondeu prontamente:

*A própria pessoa, o próprio ser humano é culpado de tudo isso. Falta de consciência, falta de calor humano, sabe de si próprio e pelo próximo também. Isso não é só do governo e do presidente não, é do ser humano também" (Lavadeira moradora do Loteamento)*

Outra declaração de uma moradora do Loteamento, também acresce neste sentido:

*Falar não adianta. Eu a minha parte eu faço, ajunto o lixo, guardo e separo o que é prá colocar eu já coloco na caixinha e o lixeiro passa e leva. (Doméstica, imigrante do Paraná, moradora do Loteamento)*

Guattari(1990) indica, para este contexto onde surgem novas problemáticas sociais, uma nova referência, que chamou de Ecosofia. Esta configura-se como sendo uma articulação ético-política entre meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. À ecosofia, por ele proposta, caberia formular novas linhas de recomposição das práxis humanas e coletivas "...naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reivenção da democracia..."(p.15) A Ecosofia provocaria uma reconstrução e recomposição das práticas sociais e individuais.

**Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. (p. 27)...E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época. (p.55)**

Ao fazer referência à problemática de destinação dos resíduos na cidade, a maioria dos entrevistados demonstrou desconhecer-la ou ter pouca informação sobre o assunto. Embora em sua maioria, sabe que os resíduos estão sendo depositados em algum local fora do município, e não têm crítica sobre o procedimento aplicado pelo poder público. Pareceu-me que este assunto não faz parte de seu cotidiano.

É sabido que quando o município se viu às voltas com o problema, o assunto foi debatido por alguns setores da sociedade, assim como, divulgado pela imprensa. Alguns bairros, viveram mais concretamente essa questão com o poder público, justamente por já terem recebido os resíduos, ou porque foram cogitados para ser o recebedor.

O poder municipal já anunciou as mais variadas possibilidades de áreas para o destino final, vale lembrar bastante controvertidas. No entanto, parece-me que só se tornou notícia de fato, nos bairros onde apresentou-se como possibilidade ao estarem diretamente envolvidos. Diga-se de passagem que, a pergunta do questionário, possivelmente teria outra repercussão, se fosse aplicada a moradores dos bairros de Itacorubi e Santo Antônio de Lisboa, bairros mais comprometidos com o problema.

Nota-se que quando os moradores refletem sobre problemas de lixo trazem situações como a falta educação do povo, o desrespeito, como por exemplo, jogar papel no chão. Alguns ouviram pela TV notícias sobre problemas nos bairros acima citados, mas não têm opinião sobre o assunto, ou ainda fazem confusão, suas informações não conferem com os fatos.

Afinal não sabem ao certo que destino vem sendo dado aos resíduos do município. Nem mesmo têm conhecimento acerca do destino dado aos resíduos por eles triados em seus domicílios. A informação que tem, ou melhor a suposição que fazem, é que o lixo triado deva ser aproveitado de alguma forma, supõem inclusive que deva ajudar os garis, ou quem precise deste tipo de auxílio.

Para onde o lixo é levado:

*Acho que é para crianças carentes, não sei, mas acho que é, deve ser para alguma sociedade, alguma pessoa que tá fazendo isso prá ajudar outras pessoas, mas eu não sei...Se é para o bem de outras pessoas que necessitam porque não fazer. Acho que tá certo. (Moradora do Balneário)*

#### 4.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O LIXO

Entendo que a educação ambiental é uma filosofia da educação que visa formar o cidadão na sua relação com o meio ambiente. A partir da idéia que se tem do meio ambiente será a prática da educação ambiental. As representações sociais, como já disse encontram-se entre as pessoas, apresentam-se no senso comum orientando as ações das pessoas. Por certo, não encontraremos um consenso no que diz respeito à determinada representação, tendo em vista a singularidade da vida de cada sujeito.

A teoria das representações sociais orientou-me, na forma de olhar os resultados alcançados nesses bairros tendo em vista a educação ambiental para o lixo praticada pela COMCAP, e também para observar como as informações cotidianas, advindas em especial do evento mundial da ECO, ocorrida no Rio de Janeiro no ano de 1992, foram representadas por essas coletividades. Cremos que a coleta seletiva de lixo introduziu elementos que despertaram nas pessoas a avaliação de uma ação concreta que vise melhorias ambientais.

As palestras, visitas domiciliares, panfletos e outros instrumentos utilizados pela COMCAP, assim como as informações veiculadas pelos meios de comunicação, ao que parece, foram absorvidos pelos entrevistados de uma forma particular, tendo em vista as vivências. A abrangência desse potencial modificador alcançado pela coleta seletiva, também serviu de mediação num processo mais amplo de educação ambiental.

Estas novas informações se articularam com a cultura tradicional, provocando um determinado tipo de representação social, com as particularidades de

articulação entre crenças, conhecimentos, senso comum e novas informações advindas de elaborações científicas e filosóficas diferentes do então presente. Por certo, "...o que existe de individual e único numa pessoa é excedido, em todos os aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, de ações que sobre ela se exercem e que lhe são inteiramente exteriores." (QUEIROZ, 1987, p.283)

As informações obtidas na COMCAP, acerca do trabalho desenvolvido nos dois bairros estudados, esclarecem algumas indagações quanto à presença de diferentes informações advindas da população entrevistada sobre lixo. As informações que dispõem sobre o Programa, chegaram até esses moradores de maneiras distintas.

No bairro Balneário o trabalho de divulgação e educação ambiental foi mais massificado que no Loteamento. Este recebeu um tratamento mais intensivo devido suas próprias características, que vieram a facilitar o trabalho de divulgação da proposta.

Inicialmente foi aplicada pela COMCAP uma pesquisa nesses bairros através de um material padronizado, intitulado: Questionário Sócio-Cultural a Respeito do Lixo (modelo anexo), este trouxe algumas informações à equipe técnica, para que fosse iniciada a divulgação da proposta. Pude observar através das respostas oferecidas na ocasião pelos moradores, que eles já tinham a dimensão das possibilidades de reciclagem de resíduos. Alguns depoimentos trouxeram o exemplo da cidade de Curitiba, que já se tornara conhecido. A primeira pergunta: O que é lixo, foi respondida em quase sua totalidade por *sujeira*. A pergunta seguinte, O lixo pode ser aproveitado? respondiam que sim, como reciclagem, adubo, sucateiros, gás... Mas a



maioria na ocasião não sabia como colaborar enquanto comunidade.

Aparece aqui a constante relação entre as representações originais, antes do desenvolvimento do Programa no bairro e o movimento de influência de uma nova ética relacionada aos resíduos sólidos e conseqüentemente ao meio ambiente. Esta ambigüidade é denunciada nas suas práticas e aparece nos seus discursos.

No Balneário, o sistema de divulgação que predominou foi a entrega de folhetos (anexos). Oferecia informações acerca da coleta seletiva, tratava da importância desta e ensinava a triar os materiais em seus próprios domicílios. Esses moradores receberam informações pelo rádio e jornais quando da implantação no bairro. Esses veículos foram utilizados com objetivo de firmar a informação dos folhetos, pretenderam incentivar e envolver a população a participar do programa separando seu lixo.

Não há neste bairro uma associação que represente os moradores. Não havendo esse interlocutor, a equipe técnica da COMCAP dirigiu-se aos moradores sem que houvesse o elemento do bairro por intermediário, que favoreceria o conhecimento no intuito de ampliar as possibilidades de inserção da proposta.

Os edifícios residenciais, o comércio e as escolas receberam um programa específico de divulgação. Foram feitas reuniões dirigidas a cada setor desses para que eliminassem os problemas e conseguissem participar efetivamente da proposta.

No Loteamento Ilha-Continente, foi utilizado como canal de comunicação, uma entidade comunitária local. Esta foi fundada com o objetivo de reunir as pessoas que ali

moram na luta pela terra e por outras necessidades, particularmente frutos de sua condição social. Entre outras reivindicações, esta organização solicitou à prefeitura a instalação do Programa Beija-Flor naquele local, projeto que já conheciam em outros bairros e por informações de entidades que congregam as entidades de bairro, como a UFECO e CAPROM.

No Loteamento, o Conselho Comunitário serviu de intermediário entre COMCAP e moradores. Esta organização facilitou o acesso da equipe técnica e conjuntamente implantou a proposta no local. Esta mesma organização obteve legitimidade nos 5 anos anteriores, como dirigente nas lutas locais.

A coleta seletiva de lixo foi mais uma melhoria, na visão dos representantes locais, já que não é possível o acesso de caminhões coletores pelas dificuldades geográficas. Ainda mais, vêm como vantagem a utilização do adubo orgânico pela comunidade e os recursos provenientes da comercialização.

Os moradores do bairro Balneário relacionam informações obtidas em programas da TV (como o programa da Rede Globo de domingo à noite, amplamente assistido-Fantástico), quando questionados sobre as razões por que fazem a triagem dos resíduos. Também comentam sobre programas com menores carentes que já ouviram falar, ou sobre famílias que sobrevivem com recursos advindos da comercialização de sucatas para sustentar ou mesmo justificar seu comportamento de triar os resíduos conforme solicitado. Também buscam exemplos de outras cidades que fazem trabalhos semelhantes.

Já estas explicações são pouco presentes no Loteamento. Nesta localidade, foram feitas reuniões com a

comunidade, onde a equipe da COMCAP apresentou filmes, slides, e discutiu com moradores o Programa e suas aplicações. Ainda é presente para alguns moradores esta experiência:

*Passaram um vídeo, depois um slide sobre separar o lixo, daí montaram o Beija-Flor. (Estudante de 13 anos moradora do Loteamento)*

*A COMCAP fez reunião com a gente, explicou, passaram slide e foi levado o pessoal da comunidade prá fazer cursinho onde já existia o Projeto Beija-Flor. Nesse sentido se desenvolveu e está desenvolvendo muito bem. (Presidente do Conselho Comunitário do Loteamento)*

O presidente do Conselho avalia assim o início do Programa naquela comunidade:

*As pessoas gostaram, deu um pouco de confusão na ordem de separar o lixo, as pessoas tava acostumada a misturar o lixo. Mas de repente a gente foi esclarecendo que não precisava tanto saco prá botar o lixo prá reciclar, já botava papel, lata num só, o lixo orgânico num outro. Agora não, foi distribuída lata, agora as pessoas estão tranqüilas, estão acostumadas, agora não tá dando mais problemas.*

Tendo em vista as dificuldades financeiras desta comunidade, e que pouco fazem compras em supermercados, valendo-se de pequenos comércios que não oferecem sacolas que pudessem ser usadas para acondicionar o lixo, a COMCAP

e o Conselho distribuíram latas de tintas e óleo para serem reutilizadas pelos moradores como lixeiras.

Torna-se um tanto difícil avaliar os conhecimentos que já possuíam sobre o aproveitamento do lixo. Alguns entrevistados recordam que já guardavam alguns materiais para dar a "carroceiros" ou vendiam, ou ainda levavam para os feirantes, como no caso de um morador do Balneário. A forma como esse comportamento tornou-se um hábito na vida das pessoas pode ser verificado neste depoimento:

*Eu acho que nós pegamos foi um vício, como diz o ditado, cavalo ensinado já sabe o caminho do dono. Quando tem lixo seco, eu vou direto pro lixo seco.*  
(Morador do Balneário)

O novo hábito adquirido de separar os resíduos tem sido colocado por estes entrevistados como uma espécie de descoberta de novas possibilidades para as futuras gerações. Como destaque, pude notar que a incorporação deste novo hábito tem exigido um redimensionamento em termos de organização familiar, dos serviços domésticos e sobretudo das representações que embasam estes comportamentos:

*Na verdade acho que nunca pensei muito sobre lixo, acho que a conscientização ecológica me trouxe isso...Minha filha já vai crescer com essa consciência. O que ensino dentro de casa, ela vai fazer fora, porque cria um costume, cria um hábito.* (Advogada, moradora do Balneário)

Certamente a concomitância do trabalho desenvolvido pela COMCAP nos bairros e a veiculação de programas e

apelos ambientais trouxeram conseqüências favoráveis para a incorporação deste novo hábito e da prevalência de representações sociais valorativas aos resíduos e ao meio ambiente. Em anexo apresento os materiais utilizados para divulgação da proposta nos bairros, pois acredito que esses serviram, juntamente com os contatos pessoais (palestras e visitas domiciliares) para a elaboração das novas representações.

#### 4.6 ENFRENTANDO NOVOS CONCEITOS - O LIXO REVISITADO

...Mas há questões muito mais profundas sugeridas na relação entre ser humano e natureza, pela qual a partir de determinado momento algo recebe o valor de lixo. Essa é uma dimensão da qual o discurso técnico funcional não pode dar conta. (EIGENHEER, 1992, p.37)

Nossa amostra de maneira geral, apresentou-se bastante favorável à proposta de separação domiciliar dos resíduos, presente no seu próprio hábito e na valorização que impõe ao indicarem este projeto como exemplo a ser expandido para outros locais. Ainda ressaltam a importância desta prática para escolas e praças, através do uso de lixeiras adequadas para a reciclagem dos materiais.

Quantitativamente, pode-se observar que os dados apresentam-se assim: 99% da amostra mostrou-se favorável a separar os resíduos em domicílios, referendando este comportamento diariamente. Apenas 1% mostrou-se com dificuldades de executar o procedimento no seu dia-a-dia, embora considere importante. Demonstraram ter dificuldade de mudar o hábito, e consideram outras alternativas mais viáveis.

Um dos depoimentos no Balneário, afirma que encontra dificuldades em suportar os resíduos em sua casa, não admitindo amontoar coisas, por isso logo deixa os resíduos na lixeira do prédio onde reside. Nota-se nesta entrevista que o lixo recebe um valor significativamente negativo, devendo ser eliminado no menor tempo possível.

A convivência com os resíduos passa a incomodar a quem trata os resíduos de maneira que os torna repugnantes. Paralelamente a este comportamento, pode-se observar a desinformação desta entrevistada quanto às possibilidades e os objetivos do aproveitamento dos resíduos, de questões ambientais em geral. A problemática ambiental dos resíduos é desconhecida por esta entrevistada.

Em entrevista no bairro popular uma moradora relata preferir queimar seus resíduos ao lado de sua casa. Afirma preferir esse hábito pois não precisa acondicionar o lixo:

*...assim fica mais fácil, tenho pouco tempo, e logo vou jogando ali do lado e depois quando tenho tempo queimo.*

O comportamento de incinerar resíduos já foi uma prática bastante utilizada em tempos passados quando não havia coleta regular de resíduos. Nas cidades do interior ainda nota-se que esta prática é bastante utilizada. Em Florianópolis, mais precisamente no interior da ilha, ainda encontram-se antigos habitantes que praticam este costume, mesmo tendo o serviço de coleta de resíduos na porta de suas casas.

Pode-se tentar elucidar esta reação como sendo um comportamento influenciado pela tradição da assepsia, que combate elementos nocivos, como bactérias etc através do

calor, do fogo. Se é atribuído ao resíduos um significado de provocador de problemas sanitários, nada como eliminá-lo de vez em chamas incandescentes. (Pode-se aqui fazer alusão à explicação cristã, onde o fogo do inferno castiga os pecadores) <sup>25</sup>

Pode-se enumerar algumas dimensões privilegiadas presente na definição de lixo. A relação que estes entrevistados estabelecem com o lixo, o significado simbólico que a ele remetem, torna-se interessante quando se observa a distinção que fazem entre os resíduos. Elaboraram uma espécie de classificação entre "lixo e não-lixo". Sendo lixo passível de se ter nojo, enquanto ao não lixo:

*Sucata que pode ser aproveitado; essas coisas como garrafa, papel limpo, plástico... pode ser lidado sem problemas, podendo tocá-los, manejá-los sem que traga doenças. (Dona de casa, moradora do Balneário)*

*...selecionando o lixo tu começa a viver mais de perto do lixo e deixa de ser repugnante, um negócio que tu joga fora, passa a ser uma outra coisa, tu sabe o que tá fazendo, é um trabalho consciencioso. (Engenheiro, morador do Balneário)*

*Lixo tem muito significado. Lixo que ainda é aproveitável e lixo que não se aproveita. Lixo que para mim não é aproveitado para outro pode ser. (Técnico de segurança, morador do Balneário)*

Ao mesmo tempo apresentam dificuldade em traduzir verbalmente o que entendem por lixo. Sentem que mudaram o

---

<sup>25</sup> "Limpar, é agir sobre agentes invisíveis... limpar é, acima de tudo, 'proteger' "( Vigarello, 1985, p. 161)

que pensam em relação ao lixo depois que passaram a participar com a separação domiciliar dos resíduos. Antes não se preocupavam com o lixo, simplesmente se livravam dele, agora preocupando-se com a separação ampliaram seus conhecimentos sobre o assunto. Acreditam ser um desenvolvimento pessoal.

Ao serem indagados sobre o que entendem por lixo, a maioria dos entrevistados demonstrou surpresa pela pergunta admitindo nunca ter pensado sobre o assunto. Devido à insistência da entrevistadora, com esforço eles oferecem uma resposta. Colocam primeiramente situações de "sujeira", referem-se ao lixo como provocador de doenças. É este raciocínio que os leva a encarar os resíduos como algo repugnante.

O antropólogo José Carlos Rodrigues (1992, p.8) alerta que as preocupações com o lixo têm uma existência bastante recente. "Nas cidades medievais, o 'lixo' (restos de comida, excrementos, cadáveres de animais...) era em grande parte jogado nas ruas." Ressalta também no seu artigo que naquele contexto o lixo certamente não poderia significar o mesmo que representa para nós. <sup>26</sup>

O lixo tornou-se objeto de atenção e estudos nas últimas décadas por meio de ambientalistas preocupados com o esgotamento contínuo dos recursos naturais. Chamam a atenção para as conseqüências já bastante conhecidas, alertam para o desencadeamento do desperdício e mau gerenciamento dos recursos naturais.

---

<sup>26</sup> Dentro dessa mesma perspectiva Georges Vigarello (1985), em seu livro: *O Limpo e o Sujo*, relata historicamente a higiene do corpo desde a idade média. "...nascem progressivamente, a partir de 1780, as premissas de uma 'higiene pública', prefigurando o que se irá desenvolver no século XIX." (p.117) . A história da higiene relaciona-se, na sociedade ocidental, ao imaginário do corpo, aos espaços habitados e aos grupos sociais.



Hoje, o lixo já se tornou ponto de alerta para administradores municipais, senão por preocupações ecológicas, pelo menos pela crescente geração de rejeitos. A observação mais cuidadosa do comportamento dos entrevistados desses bairros torna-se reveladora de um tipo de atitude em relação ao lixo.

O que pode ser vislumbrado por uma moradora do Balneário a respeito das mudanças que ela vê ocorrendo? O que mudou em sua vida após ter começado a participar do Programa? Diz:

*A preocupação. A onda ecológica eu acredito que vai deixar de ser uma onda, isso vai ficar na tua vida tão tranqüilo que de repente não tem mais que se preocupar: Ah! é um problema ecológico. Sabe, a coisa vai vertendo de um modo natural, assim como tu passa a varrer a casa todo o dia porque tu tem necessidade de limpar, por questão de higiene.*

Ou ainda, outra moradora declara como aprendeu sobre o assunto de lixo e meio ambiente:

*Acho que foi o tempo, né. A gente vai mudando né, conforme, com o jeito da gente, convive com muitas pessoas...estudo prá isso eu não tive né, porque eu estudei pouquinho, mas com o tempo né. (Atendente de farmácia, moradora do Loteamento)*

A ausência de estudos faz com que esta moradora entregue ao tempo e às suas relações sociais o aprendizado que teve. A teoria das representações sociais levou-me a compreender como se organizaram as percepções, a cognição e o aprendizado no senso comum destes autores. O referencial

teórico foi por mim escolhido por entender que poderia contemplar o conhecimento, abrangendo as trocas que os indivíduos estabelecem nas suas relações sociais. Esta forma de conhecimento específico, que são as representações sociais, trouxe-me, como pode-se observar, o saber do senso comum expressando mudanças no cotidiano dos entrevistados.

Para os teóricos, como Jodelet e Moscovici, toda representação surge da necessidade de transformar o que é estranho em algo familiar. Assim vê-se o cotidiano estudado. O estranho, como um novo hábito sugerido pela campanha da reciclagem, trouxe para o cotidiano dos atores algo que precisava ser traduzido, de forma a ser incorporado e ser inteligível nos afazeres diários. O ato de triar os resíduos quando incorporado recebe por parte desses moradores uma compreensão. O que compreendem, na medida em que, efetivamente participam da proposta?

Para Moscovici, "...os grupos produzem representações a fim de agir como filtros para a informação que provém do ambiente e a fim de moldar cada comportamento individual. É um tipo de manipulação do processo do pensamento e da estrutura da realidade." (MOSCOVICI apud JODELET, 1989, p.)

Quando um dos atores sociais naturaliza este fato ou fenômeno, e ao se apropriar deste conceito, ele o traz para o seu cotidiano de uma maneira particular. A maneira de captar para tentar resolver esta espécie de problema que a ele se apresenta, é influenciada pelo contexto histórico em que ele vive, e que finalmente vai determinar suas atitudes.

Assim pode-se afirmar que as representações sociais formam-se em consonância com o pertencimento da classe social do indivíduo. O meio em que vive, as condições sócio-culturais interferem sobremaneira sobre sua

personalidade. Ou seja, em linhas gerais, como resultado da interação com o meio, o homem constrói seus valores.

Procurando elucidar ainda mais essa realidade, pode-se buscar em Reigota (1992, p.12), uma possível luz para este entendimento. Conclui Reigota que estando a temática ambiental bastante difundida nos meios de comunicação de massa, na ciência, no debate político etc., provoca diversos tipos de representações sociais da mesma. Heterogeneidade observada no discurso desses atores.

Por certo, tendo em vista a temática que me restringi dentro da questão ambiental, pode-se notar algumas maneiras *sui generis* de conceituar os resíduos. Assim como observar, a presença de uma espécie de *conflito interno*, ao conceituar lixo. Fato que credito, como já observei, à presença, trazida pelo Programa, de uma conceituação anunciada pelo trabalho educativo desenvolvido nos bairros.

Mereceu destaque, a representação que os atores elaboram sobre lixo. Certamente ainda nota-se um compromisso com a noção tradicional de resíduos. Embora perceba-se que os entrevistados já conferem ao lixo, ou a parte dele um significado novo. Está-se aí diante de um conflito entre um conceito formulado historicamente e um novo conceito que valoriza os resíduos.

Compreende-se que as representações sociais, lembrando Moscovici, não se dão de forma isolada, mas sim em cima de um campo de representações já estabelecido, podendo unir-se ou contrapor-se a ordem de significados já existentes. Esta nova noção de resíduos que se apresenta para essa população se dá em um campo de resistência, onde a noção anterior muitas vezes prevalece a nível de discurso. A nova noção de lixo, ligada a valores ecológicos, parece estar em processo de transformação no conteúdo vivencial dessas populações.

Na representação que os atores elaboram sobre o lixo, a contradição de significados algumas vezes tornou-se evidente para o entrevistado no momento mesmo da entrevista, mas outras vezes, eles não fizeram relação ao materiais colocados no lixo como podendo ser de alguma forma aproveitados:

*Coisas podres assim é lixo, né? Mas também como papel, coisa assim não sei se pode ser chamado lixo, né? Papel, lata essas coisas assim não sei se pode. Lixo é tudo que vai juntando, né? Aí a gente diz lixo, não sei se é a palavra certa. Não sei dizer a palavra certa. (Dona de casa, moradora do Loteamento)*

Esta aparente ambigüidade tem nos oportunizado refletir sobre a questão, não somente sobre os aspectos ecológicos, educacionais, higiênicos, mas também em termos simbólicos. Parece haver, em relação ao lixo, uma visão e uma prática ambivalentes da educação e de posturas sócio-ecológicas de um lado, e de outro o desprezo irresponsável. O lixo faz parte, parece-me, de uma gama de coisas que deixamos de lado, como cidadãos e como humanos.

A importância deste comportamento pode estar também na possibilidade da crítica gerada a práticas onde ocorre o desperdício de materiais, em outros sistemas de coleta e destino final dos resíduos, como usinas, aterros ou incineradores.

Quando ocorre a seleção de materiais há uma redução de resíduos na própria fonte produtora, pois deixa de ser lixo o que pode ser aproveitado. Está-se aqui deixando de considerar outras tantas formas de diminuição de resíduos, como nas indústrias, no uso exagerado de embalagens, e

outros tantos hábitos que levam à produção de um enorme volume de resíduos. O reaproveitamento, em especial a reciclagem, não deve servir de álibi para mascarar comportamentos de desperdício, que trazem problemas, na maioria das vezes, irreversíveis ao meio ambiente.

Parece, na visão dos moradores, que aproveitando assim o lixo estão contribuindo para alguma coisa, embora não saibam bem para quê. Acreditam que a solicitação vinda do poder público deva favorecer de alguma maneira algum setor, que ao certo não sabem citar. Parece, ao meu ver, que as informações recebidas foram convincentes, na medida em que solicitavam a separação dos resíduos e isto foi feito.

Observa-se que, nos discursos, a representação de lixo ligado à saúde, é bastante presente, mas uma outra representação, que traz a novidade ao relacionar os resíduos à ecologia, já faz parte, de alguma forma, mesmo que frágil, ao senso comum dos entrevistados.

*Não sei para onde o lixo vai, mas acho que estou ajudando. Em termos de ajuda imediata eu não consigo ver, mas acho que no comportamento é que muda. Acho que a partir do momento que a gente começa a se preocupar e separar o lixo, cria em volta de ti algo diferente, eu vejo reflexo imediato nas minhas filhas. (Funcionária pública, moradora do Balneário)*

O que aparece aqui? Ao descobrirem as possibilidades da reciclagem do lixo, vislumbram que este deva ser aproveitado. Entretanto não se importam, ou não questionam sobre os fins dados aos resíduos pelo poder público. O que parece estimular a participação é a certeza do seu aproveitamento.

Quando foram requisitados, durante a pesquisa, a refletir a respeito do seu comportamento, declaram que o hábito de triar os resíduos não tem provocado transtornos ou custos, e que acima de tudo acreditam que esta ação deva estar ajudando de alguma forma a Prefeitura ou possibilitando alguma forma de assistencialismo.

A possibilidade de contribuição a nível mais global, tendo em vista benefícios ambientais, também apareceu nas respostas. Assim como a ajuda que acreditam estar oferecendo ao gari, facilitando seu trabalho, no entendimento de alguns declarantes talvez tivessem que triar o lixo misturado pelos moradores. Ou ainda, observa-se nas respostas, a idéia de poder estar oferecendo algum tipo de ajuda assistencial (menores carentes, creches, indigentes...). Comparam este sistema de coleta com o trabalho, já consagrado, dos catadores de rua, pedintes de papel, vidro, os chamados *ferro-velhos*<sup>27</sup>, que por vezes sustentam suas famílias com a comercialização destes materiais.

A nível de representações sociais, na tentativa de compreender, dar um sentido para seu ato, buscam na sabedoria corrente argumentos explicativos. Creio que a explicação pode ser buscada na descrição de um certo contexto que mostrarei a seguir.

A maioria dos programas de reciclagem de lixo no país têm como uma de suas finalidades o aspecto social, entendido por vezes, como assistencial. Programas bastantes divulgados pelos meios de comunicação, entre eles o de Curitiba, oferecem os resíduos coletados para

---

<sup>27</sup> São pequenos comerciantes de sucatas. Passam nos bairros comprando ou pedindo garrafas, jornais e revistas, latas que comercializam com atravessadores da indústria da reciclagem. Normalmente são desempregados que possuem carroça, ou ainda famílias inteiras que sobrevivem desta maneira.

entidades de assistência social. E assim também outras iniciativas que envolvem destino dos resíduos sólidos têm, na maioria das vezes, um apelo social. Faz-se freqüentemente caridade com os resíduos. Sem sombra de dúvida é uma das maneiras mais baratas de expiar os deveres tanto do poder público quanto do cidadão, com a pobreza que nos rodeia.

Arrisco interpretar esta situação, com base em inúmeros programas de aproveitamento de resíduos que conjugam destinação final com algum tipo de assistência às classes menos favorecidas economicamente. Estes programas, atendem desde a catação em lixões até programas de reciclagem. É comum, sempre que se fala em lixo, relacioná-lo a algum benefício dito social, mesmo nos meios técnicos e políticos. Por que faz-se comumente esta relação?

Quanto ao âmbito de minha pesquisa, pude observar que, primeiramente há diferenças neste aspecto nos dois bairros estudados. O aspecto assistencialista, como era de se esperar, apareceu mais freqüentemente no bairro de classe média, enquanto que no Loteamento o ideário ambiental do Programa estava mais fortemente presente. Entendo o aspecto da representação, que elaboraram da proposta, com interrelação a suas vivências, advindas de sua cultura de classe, informações transmitidas pelos meios de comunicação, pela experiência de vida, através da presença constante de *ferro-velhos* no bairro de classe média, entre outras coisas.

Entretanto pude perceber que de maneira geral, os resultados da educação ambiental provocada pelo ideário ambiental do Programa, já vem fazendo parte da cultura desses dois bairros. Os entrevistados passaram a refletir sobre a quantidade de resíduos que produzem diariamente, assim como as formas de diminuir a produção ou mesmo formas

de recuperação dos resíduos. Fazendo a classificação desses materiais nos seus domicílios, eles deixam de ser designados como lixo, passando a serem vistos como possibilidades de reutilização. Para exemplificar, uma moradora de Balneário, junta seus vidros e oferece aos feirantes ou ainda outras exemplificam possibilidades para a indústria da reciclagem e para a agricultura.

Na temática da mudança em relação à conotação que empregam ao lixo ("Mudou alguma coisa no que pensa sobre lixo depois que começou a participar do Programa?"), os entrevistados responderam afirmativamente. Mudanças se deram no sentido de valorização dos resíduos, principalmente questionamentos acerca do volume produzido diariamente e a importância do reaproveitamento. Questionados se concordam com a proposta de aproveitamento respondem afirmativamente. Isso demonstra que entendem a importância do seu ato doméstico. Reflexões como estas a seguir destacam o entendimento e as mudanças ocorridas:

*Lixo prá mim são as sobras. São coisas que a gente imaginava que não fossem aproveitadas. Antes a gente pensava assim: lixo é lixo, não presta prá nada. Hoje em dia não. Hoje, a gente tem outro conceito de lixo. A gente desenvolveu-se, cresceu e chegou a conclusão que nada não possa ser aproveitado. Tudo é reaproveitado. É transformado e aproveitado. (Professora aposentada, moradora do Balneário)*

*Sobre a conceituação de lixo, eu mudei bastante quando comecei a fazer o trabalho de seleção de lixo. Então eu li sobre o problema da degradação da natureza, aí tu começa a pensar, pô realmente, papel, tão jogando papel fora, né. Vai ter que cortar mais madeira prá fazer papel. Realmente comecei a pensar um pouco mais sobre o problema do lixo. Sei que é importante fazer seleção do lixo. (Engenheiro, morador do Balneário)*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as administrações municipais têm-se confrontado com a problemática causada pela geração e tratamento dos resíduos urbanos e com uma sociedade civil preocupada com alternativas inadequadas, trazendo cada vez mais, a exigência de políticas ambientalmente corretas para o setor, pode-se indicar que a coleta seletiva têm-se configurado como uma possibilidade grandiosa, que reúne compromisso social por parte dos governantes e exercício da cidadania da sociedade civil.

Ao documentar a intervenção do Programa Beija-Flor em Florianópolis, pude perceber a importância que este teve a nível de uma das soluções para a problemática dos resíduos. Embora de pequena abrangência, este tem se configurado como uma alternativa viável e solidificada pela sociedade civil e até pelo poder local. Historicamente pode-se notar que desenvolveu-se em três administrações municipais, e diga-se de passagem com posturas ideológicas distintas (PMDB de 1986 a 1988; PDS/PFL de 1989 a 1992; FRENTE POPULAR de 1993 até os dias atuais).

A coleta seletiva tem sido a alternativa que as administrações estão tendo que utilizar para amenizar o volume dos resíduos produzidos. É de fundamental importância que programas como este sejam avaliados das mais diferentes formas para que assim possam contribuir para o aprimoramento e eficácia destas iniciativas, assim como estimular a implantação de futuros sistemas como este.

Sendo este um dos meus objetivos, adentrei por uma via ainda nova no setor: avaliar como foi incorporado pela população, que certamente é o elo fundamental deste tipo de

proposta, os valores ecológicos. <sup>28</sup> Demonstrou esse Programa que, sem necessitar de algum tipo de recompensa, pode-se conseguir participação da população, advinda do investimento em educação ambiental, utilizando-se de recursos didáticos como palestras, diálogo e aprendizado. <sup>29</sup>

Confesso, que os dados alcançados na pesquisa de campo surpreenderam-me positivamente. Não esperava que esses valores estivessem assim explicitados e entendidos por estas populações. Talvez porque quando a gente constrói nossos sonhos, muitas vezes pensa estar sonhando sozinho. Vale lembrar que quando o Programa iniciou em 86 ainda não se falava de ecologia no Brasil, e a equipe de educação levava conceitos "exóticos" para o interior destas comunidades.

A avaliação da importância que o Programa têm para essas populações tem se revelado também quando a COMCAP tem tentado substituir esse serviço por uma coleta convencional de lixo misturado, o que tem provocado fortes manifestações populares intencionando a garantia da continuidade dessa política pública.

Hoje já é sabido dentro da COMCAP que os recursos advindos da comercialização dos resíduos não têm estimulado a separação, também não encontrei outros benefícios pessoais nas respostas que pudessem impulsionar tal ação, então, creio que o que vem alicerçando o interesse pelo

---

<sup>28</sup> Na revisão bibliográfica encontrei alguns artigos que apresentavam estudos com as populações em cidades, conjuntos etc. que participam de programas de coleta seletiva. Todos esses estudos foram desenvolvidos em locais fora do Brasil (Kambur, Maclaren,.....) A maioria desses verificaram componentes como: lixeiras mais apreciadas pelo usuário, assistência do administrador, organização de programas em edifícios, apreciação do público de embalagens recicladas....

<sup>29</sup> Nessa direção encontrei alguns estudos que avaliam essa direção, por: Vining e Ebreo, Hopper e McCarl Nielsen, Burn e Oskamp, Young, Humphrey, et alli e Maclaren.

Programa seja, sem dúvida, a valorização de uma ética ecológica, de responsabilidade social com as gerações futuras e com a vida na terra.

O trabalho de educação ambiental da COMCAP foi alcançado por estes bairros e esta metodologia merece, por certo, ainda ser aperfeiçoada, e pretendo traduzir aqui um pouco dos resultados conseguidos e que ainda não tinham sido sistematizados.

As avaliações feitas pelos atores me fizeram refletir e acreditar sobre as possibilidades de trabalhos de educação ambiental com programas que parecem somente dar certo em cidades de primeiro mundo, e que em nossa realidade, um apelo dessa natureza, não teria eco. Pois então, essa minha incursão pelo interior desses bairros me faz pensar positivamente. Pude verificar que a linguagem não é, por vezes, a esperada, (revelada por minhas expectativas), mas o que vi surgir foi uma linguagem onde estavam presentes valores de apreço ao meio ambiente: ao sentirem-se parte dele, ao dedicarem-se a ações eticamente ecológicas, separando o lixo, preocupando-se com a saúde do gari, ao valorizarem as mudanças na educação dos filhos, ao pensarem em solidariedade social.

O descaso dos atores urbanos com a municipalidade vai se distanciando ao deixarem de jogar lixo nas ruas e não aceitar desperdícios e, a partir daí, passar a perceber que outros continuam a ter o descaso de sujar a cidade, de poluir mangues, rios, encostas, "envenenando" matas e quintais, movidos por uma irresponsabilidade egoísta.

"A gente desenvolveu-se, cresceu". Representação social da realidade. Busca de captar as mudanças ocorridas, interpretar discursos na tentativa de traduzir o cotidiano. Estes foram alguns dos caminhos percorridos para poder

olhar com olhos de pesquisadora, o que os moradores fizeram com a oportunidade que tiveram de contato com novos valores em relação ao meio ambiente, como reorganizaram junto de seus valores já enraizados, um novo olhar para o meio social e físico.

Por certo muitas outras mudanças, ou mesmo superação das antigas representações podem e devem ainda ser buscadas. A nível de representações sociais dos resíduos, que levaram a modificar a relação com o meio, ocorreram marcas diferenciadoras nestas populações e que foram avaliadas tendo em vista o contexto social e cultural, assim como aspectos diferenciados da educação ambiental desenvolvida nos bairros trabalhados.

A presença de uma redefinição de valores, comportamentos e princípios orientados na formulação de uma nova ética de desenvolvimento e, conseqüentemente, de vida, parece-me estar alicerçada em especificidades de cada população na busca de um entendimento do que seria um equilíbrio sócio-ambiental. Creio que a base do Programa, de responsabilidade do cidadão e de buscar o valor da solidariedade com as gerações futuras, ambientou-se ao lado do pluralismo cultural destas populações, o que, em conseqüência, trouxe distintas percepções do meio ambiente, como pude observar, pelos diferentes grupos e classes sociais.

Se na dialética entre natureza e o mundo socialmente construído, o homem se transforma, nesta dialética produz a realidade e com isto se produz a si mesmo. Tomando esta vertente conceitual, pude entender que, as construções das teorias do senso comum incorporaram, nestes grupos, elementos contextuais. Para Moscovici (1981), o ângulo através do qual um grupo irá integrar o não familiar será determinado pelas imagens e conceitos presentes no grupo.

Nestes grupos a primeira posição é rechaçar o novo, mas, à medida que exercitam essas representações num esforço de tornar familiar o não-familiar, utilizam-se de "pequenas alterações sucessivas" (p.190), o abstrato passa a se tornar algo do cotidiano.

Como o ato da representação pretende transmutar o que é novo integrando-o com proximidade, diante de uma experiência nova, os atores a elaboram a partir de sua tradição cultural, ou seja, a partir da representação que já possuem da vida social. O processo de elaboração das representações de um grupo ou indivíduo integra-se a perspectivas de múltiplos tempos, de modo a englobar aspectos históricos e interacionais.

Pode-se concluir que, a proposta do Programa Beija-Flor, está sendo incorporada nos bairros e na população em geral, de tal forma que pudemos constatar a reorganização do comportamento individual, familiar e de associações de moradores, diante do gerenciamento deste programa. Isto leva-os a defrontarem-se com valores tradicionais e valores inovadores, provocando uma interação, ora superando-os ora reproduzindo-os.

Ao perceber o rearranjo nos domicílios (separando os resíduos) e nos discursos (incorporando valores ecológicos), destaca-se que a reorganização está imprescindivelmente alicerçada em uma nova representação social do meio ambiente, que leva essas populações a formularem uma nova ética da relação dos homens entre si, e dele com o mundo natural. No meu entender, o que leva estes atores sociais a participarem desta experiência, é a antecipação de que a ação induzirá, por certo, uma gama de benefícios sociais e ecológicos. Ou seja, o Programa possibilitou que os valores ecológicos fossem fundidos na

vida das pessoas, nos pensamentos, nas condutas, nos costumes.

O Programa, ao mesmo tempo que estimula o hábito de pensar a reciclagem dos materiais, tanto no cidadão como nos governantes, traz à tona o tema da preservação dos recursos naturais, possibilita a mobilização e o engajamento da sociedade civil na questão da saúde e do meio ambiente, incorporando um compromisso social de responsabilidade conjunta, quanto à qualidade de vida, configurando-se como um indutor de educação ambiental.

Outra vertente que se pode adentrar refere-se à relação com o poder local. Tendo em vista ser esta uma iniciativa marcadamente inovadora, tanto no próprio município, como em outras cidades, surpreendentemente não se firmou como marca de determinada administração, talvez em função da precariedade das campanhas de *marketing* utilizadas pelos governos passados. Pareceu-me que os valores intrínsecos ao Programa ultrapassaram as simpatias políticas e o crédito do poder municipal, embora não há conhecimento de declarações de desgosto que estivessem interferindo na participação à proposta.

A política educacional do Programa Beija-Flor priorizou a crença na mudança de valores, creditou assim aos homens a possibilidade de ir além das condições dadas, onde pode-se vislumbrar homens diferentes em uma sociedade também diferente. Uma sociedade erguida e sustentada por relações de solidariedade e respeito entre os homens e com o mundo natural, sedimentada a partir de idéias, valores e percepções até a prática social caracterizada pela riqueza de compartilhar uma "terra boa de se viver", deixando como herança a qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, José L.C. de, FERREIRA, Francisco A. Intervenção para aumento da competência da comunidade quanto ao saneamento ambiental e melhoria da qualidade de vida. Florianópolis: 1986, mimeo.
- ABREU, José L. C.de. Controle dos Resíduos com Envolvimento de População de Baixa Renda. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v.24, n.5, 1990.
- \_\_\_\_\_. Programa Beija-Flor: Mobilização comunitária para a triagem domiciliar e reciclagem de resíduos do lixo. Florianópolis: UFSC, 1991. mimeo.
- ALENCAR, Bertrand Sampaio de. Gestão Informal de Resíduos Sólidos no Recife, Brasil. Recife: Macarthur Foundation, 1993, mimeo.
- ANICHINO, Walter. Política brasileira de saneamento. in: REMAI'91- I<sup>o</sup> Seminário Internacional de Gestão e Tecnologias de Tratamento de Resíduos e I<sup>o</sup> Encontro de Prefeitos de Metrôpoles Latino-Americanas sobre Gestão e Tecnologias de Resíduos. Documento síntese. São Paulo: 1991.
- ARRUDA, Angela. Representações Sociais: Emergência e Conflito na Psicologia Social. *Anuário do laboratório de subjetividade e política*. Rio de Janeiro: UFF, org. L.A. dos S. Baptista, ano1, vol.1, dez/1991/92.
- BARROS, Raphael T. de Vasconcelos. A problemática bioeconômica dos dejetos. Anais do 17 Congresso brasileiro de engenharia sanitária e ambiental. Natal: 1993.
- BERGER, Peter I., LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. 9<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, col. antropologia. 1991.
- BERRIÓS, Rolando. O Lixo Domiciliar e seu Destino na Cidade de Rio Claro-SP. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, v. 16/17, n.31/34. 1986/1987.
- BORGES DE CASTILHOS, Amando. Valorização de Materiais à Partir dos Resíduos Sólidos Urbanos. Florianópolis, 1992, UFSC, mimeo.

- \_\_\_\_\_. Opções de Valorização e de Eliminação dos Resíduos Sólidos Urbanos. Florianópolis, 1992, UFSC, mimeo.
- \_\_\_\_ e SILVEIRA, Sandra S. B. Caracterização física, química e granulométrica dos resíduos urbanos do município de Florianópolis. in: *Anais do Simpósio Ítalo-Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Rio de Janeiro, 1992.
- BURN, Swawn M., OSKAMP, Stuart. Increasing Community Recycling with Persuasive Communication and Public Commitment. *Journal of Applied Social Psychology*, v.16, n.1, 1986.
- CARREGAL, Lúcia T. L. O lixo, um interpretação. in: Falas em torno do lixo. (autores diversos). Rio de Janeiro: co-edição Nova/ISER/Pólis, 1992.
- CEMPRE/IBAM. Cadernos de Reciclagem. Index, 1993, Rio de Janeiro: n.1,2 e 3.
- CEMPRE. Pesquisa Ciclosft. 1993, mimeo.
- COMCAP. Projeto ENDES de Destinação Descentralizada e Recuperação dos Resíduos Sólidos em Florianópolis. Florianópolis: 1988. mimeo.
- \_\_\_\_\_. Projeto de ampliação da coleta seletiva em Florianópolis. 1993. mimeo.
- \_\_\_\_\_. Documentos diversos. Florianópolis: 1986-1993, mimeo
- \_\_\_\_\_. Pesquisa Sócio-Cultural à Respeito do Lixo. Localidades: Balneário e Loteamento Ilha-Continente. Florianópolis: 1990/91.
- COING, Henri, MONTANO, Iraida. Villes et Déchets Dans Le Tiers-Monde. França: Certes/Enpc, 1985.
- COSTA, Idadalina Farias. De Lixo Também se Vive. Massangana. Recife: 1986.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976. col. antropologia.
- EIGENHEER, Emílio Maciel(org.). Coleta Seletiva no Brasil: Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: ISER, 1993.



- ELY, Aloísio. *Economia do Meio Ambiente*. 3 ed. Porto Alegre: FEE, 1988.
- EPA Sites For Our Solid Waste: A Guidebook for Effective Public Involment. USA: 1990.
- \_\_\_\_\_. Report To Congress: Minimization of Hazardous Waste. USA: 1986
- FONSECA, Edi Xavier. Porto Alegre. in: *Coleta Seletiva no Brasil: Experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: ISER, 1993.
- FÓRUM INTERNACIONAL DE ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS-ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS. *Tratado Questão Urbana*. Rio de Janeiro: 1992, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Tratado Sobre Consumo e o Estilo de Vida*. Rio de Janeiro: 1992, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Tratado sobre Resíduos*, Rio de Janeiro: 1992, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Tratado de educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*. Rio de Janeiro: 1992, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Tratado Sobre a Questão Urbana*. Rio de Janeiro: 1992, mimeo.
- GARCIA, Ricardo. O VALOR DO LIXO. *Revista Expresso*. Lisboa/Portugal. 1989.
- GUATARI, Félix. *As Três Ecologias*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1990.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOPPER, Joseph R., NIELSEN, Joyce McCarl. Recycling as Altruistic Behavior: Normative and Behavioral Strategies to Expand Participation in a Community Recycling Program. USA: 1991, *Environment and Behavior*, v.23, n.2.
- HUMPHREY, Craig R.et al. Attitudes and Conditions for Cooperations in a Paper Recycling Program. USA: 1977. *Environment and Behavior*, v.9, n.1.
- IBAMA/UFSC/CÂMARA DE VEREADORES. *Relatório do Seminário Florianópolis e seu Lixo: Há Soluções*. Florianópolis. 1990. mimeo
- IBAM/CEF/PMF. *Consulta nacional sobre gestão do saneamento e do meio ambiente urbano. (versão preliminar)* Florianópolis. 1994

- IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico-PNSB. 1991
- IPEA/CNDU/CETESB. Proposições básicas para uma política de limpeza pública. Brasília. 1977
- JACOBI, Pedro. Movimentos Reivindicatórios Urbanos, Estado e Cultura Política: reflexão em torno da ação coletiva e dos seus efeitos políticos-institucionais no Brasil. in: Classes e Movimentos Sociais na América Latina (org. Sônia Laranjeira). São Paulo: Hucitec. 1990.
- \_\_\_\_\_. Movimentos Sociais e Políticas Públicas: demandas por saneamento básico e saúde-São Paulo 1974-84. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. Meio Ambiente Urbano e Qualidade de Vida: Aspectos Teórico- Metodológicos. ANPOCS, Caxambu, 1992, mimeo.
- JODELET, Denise. La Representación Social: fenómenos, concepto y teoría. in: Psicología social, pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales (org. Serge Moscovici). Barcelona: Paidós, 1986. v.II.
- \_\_\_\_\_. Représentations sociales: un domaine en expansion. in: Les Représentations sociales (org. Denise Jodelet). França: PUF, 1989.
- Jornal O Estado. Florianópolis. Edições diversas: 01/06 e 05/09/84, 05/12/85, 16/03 e 01/09/87.
- Jornal da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Junho 1988.
- Jornal do Brasil. 26/01/88. 1 caderno 6-b.
- Jornal Folha de São Paulo. 11/03/93 e 10/11/91.
- KAMBUR, P. Success with multi-family recycling. USA: 1992, *Resource Recycling*, v.11, n.6.
- KENT, E. Portney. Siting hazardous waste treatment facilities: the Nimby Syndrome. NY: Anbum house. 1991.
- KUHN, Marla F. et al. Coleta Seletiva no município de Porto Alegre: uma experiência de educação ambiental. in: 1 Simpósio Latino-Americano de Resíduos Sólidos. São Paulo: 1993.

LANE, Silvia T. Maurer. A Linguagem e as Representações Sociais. PUC-SP, mimeo.

\_\_\_\_\_. Usos e abusos da teoria das Representações Sociais. in: O Conhecimento do Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social (org. Mary Jane Spink). São Paulo: Brasiliense, 1993.

LEFF, Enrique. Ambiente y Articulación de Ciencias: Os Problemas del Conocimiento y la Perspectiva Ambiental del Desarrollo. México: Siglo Veintiuno.

LERNER, Jaime. Visão ambiental da gestão de uma cidade: o exemplo de Curitiba. in: *BIO*. Rio de Janeiro: 1991. ano 3, n.2.

LIMOEIRO, Rosana. Concepções Sócio-Culturais de uma Comunidade Favelada sobre Meio Ambiente: subsídios para um programa de educacional. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1991.

LOUREIRO, Maria Rita et al. Atores e conflitos em questões urbanas. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, mimeo.

LOYOLA, Cleuler de Barros, XAVIER, Hélia Nacif. Município, Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2 ed. Rio de Janeiro: IBAM/CDM, 1992.

MACHADO, Simone Matos. O processo de formalização jurídico-institucional dos conselhos comunitários em Florianópolis(1977-1983): um caso de oposição sistemática. Florianópolis: Dissertação de mestrado.UFSC. 1990.

MACLAREN, Virginia W. Determinants of Participation in Solid Waste Source-Separation Programs in Higt-Rise Apartment Buildings(phase 1-1988, phase 2-1989). Ontário/Canadá: mimeo.

MORAES, Silvio Paulo. A Função do Catador de Lixo na Gestão de Resíduos: O lixo também como instrumento de resgate social. Rio Grande do Sul: mimeo.

MOSCOVICI, Serge. Collective Cognition. in: Social Cognition: Perspectives on Everyday Understanding. (org. Joseph P. Forgas). European Monographs in Social Psychology 26. 1981.

- \_\_\_\_\_. Des Représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire. in: Les Représentations Sociales (org. Denise Jodelet). França: PUF, 1989.
- \_\_\_\_\_. Sociedade Contra Natureza. Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. A Representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. O que o brasileiro pensa da ecologia. Pesquisa (fascículo e mimeo). Rio de Janeiro: 1992.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Lixo e Cidadania Ecológica. in: 1 Simposio Latino-Americano de Resíduos Sólidos. São Paulo: 1993.
- O LIXO PODE SER UM TESOURO. Um monte de novidade sobre um monte de lixo. Centro Cultural Rio Cine, Rio de Janeiro: 1992.
- PÁDUA, José A. O Nascimento da Política Verde no Brasil. (org. Héctor R. Leis). Rio de Janeiro: Vozes. 1991.
- PEDROSO DE LIMA, Maria Luísa. Atitudes. in: Psicologia Social. coord. Jorge Vala e M.B. Monteiro. Lisboa/Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. 1993
- PEREIRA, Margareth C. da Silva et al (orgs.). Transformando e recriando os restos: o lixo passado a limpo. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e outros. Rio de Janeiro: 1992.
- PEREIRA DE SÁ, Nelson. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. in: O Conhecimento do Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social (org. Mary Jane Spink). São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PINTO, Paulo César. Aspectos políticos e institucionais do manejo de resíduos. in: REMAI'91- I<sup>o</sup> Seminário Internacional de Gestão e Tecnologias de Tratamento de Resíduos e I<sup>o</sup> Encontro de Prefeitos de Metrôpoles Latino-Americanas sobre Gestão e Tecnologias de Resíduos. Documento síntese. São Paulo: 1991.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Relatório da Comissão Interdisciplinar para Estudos dos Resíduos Sólidos de Florianópolis. 1986, mimeo.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. O Lixo. Porto Alegre: 1991.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível". *Ciência e Cultura*. 1987, v.39, n.3.
- RAMOS, Átila A. Memória do Saneamento Desterrense Florianópolis: Casan, 1986.
- RATTRAY, TOM. Source Reduction-An Endangered Species? 1990, *Resource Recycling*, v.9, n.11/18.
- RECICLAGEM E COLETA SELETIVA NO BRASIL. São Paulo: *Projeto Reciclagem*, ed. especial, 1992.
- REIGOTA, Marcos. O Meio Ambiente e Suas Representações no Ensino de Ciências em São Paulo-Brasil: *Unambiente*. fev/mar 91, ano 2, n 1.
- \_\_\_\_\_. Por uma Filosofia da Educação Ambiental. 1992, mimeo.
- ROUSSEAUX, Patrick et al. Estimativa da Distribuição e dos teores dos metais pesados nas diversas frações dos resíduos urbanos no Brasil. in: Anais do 15 Congresso da Abes. Natal: 1989.
- SACHS, Ignacy. The Environmental Challenge and the Promethean Dream. 1991. mimeo
- SANTOS, Yeda S. A Reciclagem e o Impasse Econômico no Brasil. *Projeto Reciclagem*, São Paulo: 1992 v.3, n.9.
- SAWAIA, Bader Burihan. Representação e ideologia-o encontro desfeticizador. in: O Conhecimento do Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. (org. Mary Jane Spink). São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SOUZA FILHO, Edson Alves de. Análise das Representações Sociais. in: O Conhecimento do Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social (org. Mary Jane Spink). São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SOUZA, Carlos Alberto, ANDRADE, Elizabeth, A.R. Santos. in: Coleta Seletiva no Brasil: Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: ISEER, 1993.

SPINK, Mary Jane Paris. O Estudo Empírico das Representações Sociais. in: O Conhecimento do Cotidiano. As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. (org. Mary Jane Spink). São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. As Representações Sociais e suas Aplicações em Pesquisa na área de Saúde. 1989. PUC-SP. mimeo.

\_\_\_\_\_. Representações Sociais, uma perspectiva interdisciplinar. 1991. PUC-SP. mimeo.

\_\_\_\_\_. Direitos sociais e saúde: um estudo sobre a representação social da cidadania. Anais do Encontro da ANPEP.

SILVA, Ana Amélia da. Reforma Urbana e o Direito a Cidade. São Paulo: Polis, 1991, n.1.

TERCEIRO SEMINÁRIO REGIONAL DE SANEAMENTO REGIONAL DE SANEAMENTO BÁSICO. Aglomerado Urbano da Grande Florianópolis: ABES. 1993, mimeo.

THOMAS, Keith. O Homem e o Mundo Natural. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Normas para apresentação de trabalhos. 3 ed. Curitiba: Ed. UFPR, 1994.

VAZ, Nelson Poppini. Reorganização da área central de Florianópolis: o espaço público ritual. Florianópolis. dissertação de mestrado. UFSC. 1990.

VEIGA, Eliana Veras da. Florianópolis-Memória Urbana. Florianópolis, Ed.UFSC, 1993, Col.Memória de Florianópolis.

VIGARELLO, Georges. O Limpo e o Sujo: 1985

VINING, Joanne, EBREO, Angela. What Makes a Recyclers and Nonrecyclers. 1990, *Environment and Behavior*, v.22, n.1.

VIOLA, Eduardo. O Movimento Ecológico no Brasil (1974-86): Do Ambientalismo a Eco-Política. In : Ecologia e Política no Brasil (org. J.A. Pádua). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

\_\_\_\_\_. A Degradação Sócio-Ambiental e a Emergência dos Movimentos Ecológicos na América Latina, in: *Classes Sociais e Movimentos Sociais na América Latina* (org. Sônia Laranjeira). São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. e LEIS, Hector L. A Evolução das Políticas Ambientais no Brasil, 1971-1991: Do Bissetorialismo Preservacionista para o Multissetorialismo Orientado para o Desenvolvimento Sustentável. Florianópolis: 1991, mimeo.

YOUNG, Raymond de. Some Psychological Aspects of Recycling: The Sctructure of Conservation Satisfactions. USA: 1986. *Environment and Behavior*, v.18, n.4.

YOUNG, John E. Reducir Desechos y Ahorrar materiales. in: *La Situación en el Mundo 1991*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1991.

**ANEXOS**



ROTEIRO PARA ENTREVISTA NOS BAIROS- (PESQUISA ARTANE)

I- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

01. Sexo Fem ( ) Masc ( )
02. Idade ( ) Anos
03. Escolaridade
04. Profissão
05. Estado civil Solt ( ) Cas ( )
06. Posição na família (mãe....., filhos - idade
07. Tempo que mora no bairro ( ) Anos
08. Tempo que mora neste domicílio ( )Anos (já morou em outros)
09. Renda familiar
10. Participação nas tarefas domésticas (como)

II. IDENTIFICAÇÃO DO BAIRRO

01. Principais problemas que identifica no bairro .
02. Como buscam soluções para os problemas .
03. Identificar associações de moradores, líderes comunitários
04. Como são vistas essas associações e líderes.
05. Ocorre participação em reuniões comunitárias
06. Conhecimento à respeito do Programa Beija-flor
07. Impacto provocado no bairro 08. Relação com vizinhos: grupos, amizades, conversas informais, troca de informações, passeios,filhos/escola
09. Existência de conflito em relação ao lixo 10. Gosta de morar neste bairro (porque) .
11. Como recebe/recebeu informações sobre a questão do lixo

### III. IDENTIFICAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO LIXO

01. O que entende por lixo
02. Escolher 3 adjetivos para lixo, em ordem.  
Lixo é: .
03. Porque pensa assim sobre lixo, o que leva a pensar assim
04. Vê alguma relação dos resíduos com a saúde, o saneamento
05. E com o meio ambiente, a ecologia .
06. Existem problemas de lixo no bairro
07. Existem problemas de lixo na cidade
08. Como os problemas de lixo afetam os moradores deste bairro
09. E deste domicílio
10. E a você.
11. Tem coleta de lixo em seu bairro
12. Como armazena o lixo antes de coloca-lo fora
13. O que faz com seu lixo
14. Sabe para onde o lixo é levado. E o que pensa disso
15. Sente algum tipo de repugnância com o lixo
16. Perturba a idéia de ter o lixo perto de você mesmo que seja para algum tipo de tratamento (usina-compostagem).  
Porque .
17. Separa o lixo em casa. Continua a separar porque
18. Já separou e parou ou não mantém a frequência. Porque
19. Quais as consequências deste comportamento
20. Se separa, como faz isso. Descrever
21. Mudou alguma coisa na sua vida depois que passou a separar o lixo. Hoje vê o lixo de forma diferente
22. Mesmo que não separe o lixo, acha que o lixo pode ser aproveitado para alguma coisa. Porque
23. Quais as dificuldades em separar o lixo
24. Concorde ou não com a proposta de reaproveitamento do lixo. Porque
25. Está satisfeito ou não com o sistema de coleta de lixo, convencional ou seletiva .....
26. Existem catadores de lixo nas ruas do seu bairro. O que pensa disso.

27. Qual a melhor solução para o problema do lixo. Como resolver. Quem deve resolver
28. Como você poderia participar na solução do problema.
29. Está disposto. Porque.
30. Quais os problemas ambientais que conhece.
31. Como poderiam ser resolvidos. A quem cabe resolver. Acha que poderia fazer alguma coisa também. Tem interesse por isso
32. O que acha que poderia , que atitudes pessoais, fazer para ajudar a melhorar o meio ambiente em que vive
33. Isto custaria para você. Porque.

**FOLHETOS, CARTAZES E PESQUISAS UTILIZADOS PELA COMCAP NO PROGRAMA DE  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**“A natureza  
também  
pertence aos  
que ainda estão  
para nascer.”**

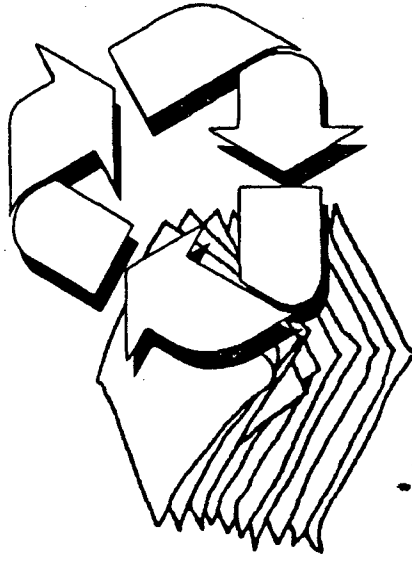
Pense nisso!



44.3588



**“Na natureza,  
nada se cria,  
nada se perde,  
tudo se  
transforma”.**



Laurent Lavoisier tinha toda razão.  
Hoje, passados 200 anos desse ditado,  
vemos com mais clareza que é necessário  
conservar as reservas naturais da terra.

**M**atas, minérios, petróleo e outros produtos da natureza, ao contrário do que é dito, podem se extinguir se o homem não preservar e ter consciência de que é responsável pela manutenção de sua qualidade de vida. Mas como fazer isso?

**U**ma das formas de colaborar com a natureza é reciclando e reaproveitando materiais como papel, metais, vidros, plásticos e matérias orgânicas.

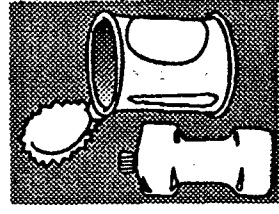
**A**s consequências desse reaproveitamento são a diminuição de áreas usadas para aterros sanitários, redução da poluição do ar, solo e água, maiores espaços para habitação e lazer, diminuição de doenças e a economia de energia e de recursos naturais não renováveis.

## Coleta seletiva de lixo: caminho curto para a preservação

A reciclagem do lixo, a partir da coleta do material previamente separado, é o caminho mais curto para a preservação dos bens naturais.

## Os cidadãos devem separar o lixo em 3 tipos

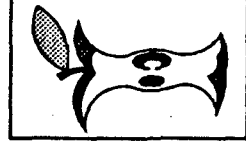
**1** Latas, papéis, vidros, plásticos e metais compõem o chamado lixo seco. Esses



materiais podem ser reindustrializados, voltando como novos produtos para nosso uso.

Quanto mais limpo for o lixo seco, melhor e mais fácil é sua reutilização. Portanto, antes de depositar na lixeira, lave latas, plásticos, etc.

**2** Restos de comida, cascas de frutas e legumes, folhagens e restos de poda de grama e pomares compõem o lixo orgânico. Esses materiais servem como adubo orgânico.

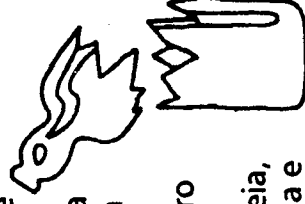


**3** O lixo de banheiro, por suas características patogênicas deve ir para a coleta convencional, onde será dado destino adequado – enterrado ou incinerado.

**A**GORA ATENÇÃO: restos de remédio, tintas, solvente, pilhas, venenos, baterias e outros resíduos perigosos são o que chamamos de lixo tóxico. Coloque esse material junto com o lixo de banheiro.

**A** atitude de separar o lixo é o primeiro passo para a manutenção da qualidade de vida do homem. Veja o exemplo do quanto se poupa com boa vontade:

Cacos de vidro e garrafas são reutilizáveis pela indústria. Para a fabricação de 1 tonelada de vidro consome-se 1,2 toneladas de areia, calcário, barrilha e feldspato. Com o reaproveitamento do vidro usado economiza-se energia e matéria prima.



**E**sta realidade exige o esforço de cada um, ninguém pode se omitir.

## QUESTIONÁRIO

1. É morador desta Comunidade? SIM ( ) NÃO ( )

Há quanto tempo?

Conhece as pessoas que a compõem? SIM ( ) NÃO ( )

Nome e moradia de 3 pessoas que são conhecidas de toda a comunidade?

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

2. O Sr. ou Sra. assiste TV? SIM ( ) NÃO ( )

Qual Canal?

Programa Preferido?

Horário que sempre assiste? :

Assiste os comerciais? SIM ( ) NÃO ( )

O Sr. ou Sra. já comprou algum produto que a TV, rádio ou jornal anunciou?

3. O Sr. ou Sra. ouve rádio?

Qual rádio? SIM ( ) NÃO ( )

Programa preferido?

Quem apresenta?

Horário que ouve?

4. O Sr. ou Sra. compra e/ou lê jornal? SIM ( ) NÃO ( )

Quantas vezes na semana?

Qual o jornal?

Qual parte que mais lê?

5. Participa de reuniões comunitárias? SIM ( ) NÃO ( )

Onde:

6. Frequenta a igreja? SIM ( ) NÃO ( )

Qual a religião?

7. Se você fosse convocado para uma reunião onde será discutido um problema importante da cidade e uma solução você irá?

SIM ( ) NÃO ( )

Qual o dia horário mais adequado?

8. Qual horário que toda a família está em casa?

9. A Sra. ou Sr. ouve as informações que os filhos trazem da escola? SIM ( ) NÃO ( )



QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL À RESPEITO DO LIXO

01. O que é lixo?

---

---

02. O lixo pode ser aproveitado? SIM  NÃO  Como?

---

---

03. O que você faz com seu lixo? Dá para os animais  , usa na horta  ,  
é vendido  , joga no quintal  , ou no terreno baldio  entrega  
todo ao caminhão  .

04. O caminhão coleta o lixo na comunidade? SIM  NÃO

05. Passa em todas as ruas? SIM  NÃO

06. Quantas vezes por semana? 01  02  03

07. A coleta é boa? SIM  NÃO  Por que?

---

---

08. Para onde o caminhão leva o lixo?

---

---

09. O que você acha do lixão do Itacorubi?

---

---

10. Existe outra solução para o lixo? SIM  NÃO  Qual?

---

---

11. Quem deve resolver o problema do lixo? Como?

---

---

12. Como a comunidade poderia participar na resolução do problema do lixo?

---

---

---

13. O que você acha da criação de uma horta comunitária que aproveitasse o  
material orgânico como adubo e fornecesse verduras para a comunidade?

---

---

---

14. Existe áreas de terra para fazer uma horta aqui? Quem é o proprietário?  
Onde está localizada?

---

---

---

PESQUISA DE AVALIAÇÃO DO PROGRAMA NA COMUNIDADE:

Bairro - BALNEÁRIO

01. Quantas pessoas moram em sua casa?

- até 02 pessoas
- até 03 a 05 pessoas
- mais de 06 pessoas

03. Como você entrega seu lixo?

- separado
- misturado

05. A separação do lixo contribui para melhorar a vida das pessoas?

- Sim
- Não

Por que?

- preserva a natureza
- o lixo não é desperdiçado
- melhora o serviço de coleta
- o lixo pode ser vendido
- trouxe educação ambiental p/os moradores
- melhora a saúde pública
- ajuda a resolver o problema de lixo da cidade
- não muda nada a vida das pessoas
- não traz benefício nenhum
- somente dá trabalho para o morador
- somente ajuda a Prefeitura

06. Tem dúvidas quanto à separação do lixo?

- Sim
- Não

Quais?

02. Quem faz o trabalho doméstico?

- o casal
- dona da casa
- empregada doméstica
- filho (a)
- outros (especifique)

04. Entrega o lixo misturado por quê?

- não sabe como separar
- acha difícil separar
- não tem tempo de separar
- não vê motivo
- falta embalagem
- esquece
- falta informação

07. Existem falhas na Coleta do Lixo Seco?

- Sim
- Não

08. Sugestões para melhorar a coleta.

---

---

---

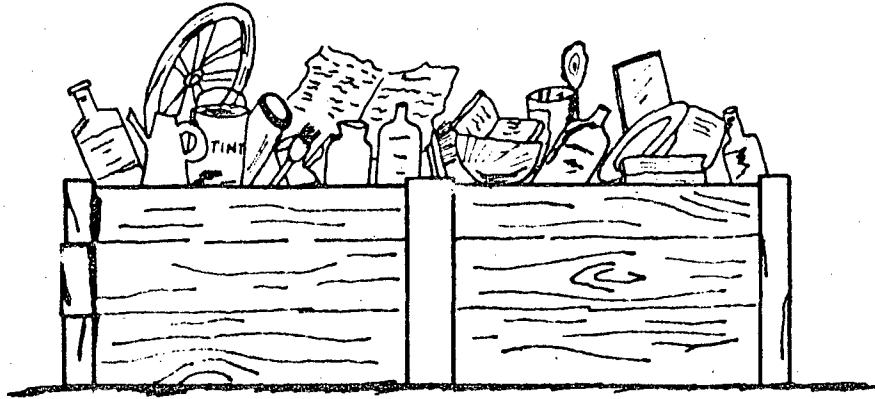
---

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Quem aplicou a pesquisa: \_\_\_\_\_

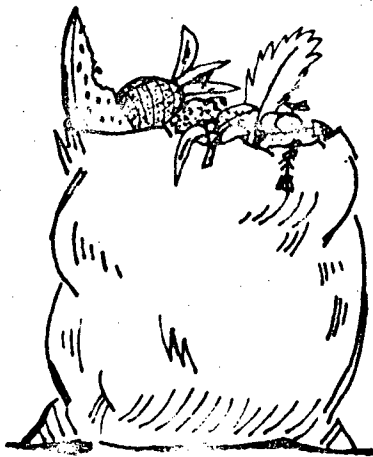
# LIXO SEPARADO É RIQUEZA

Como Separar o seu lixo



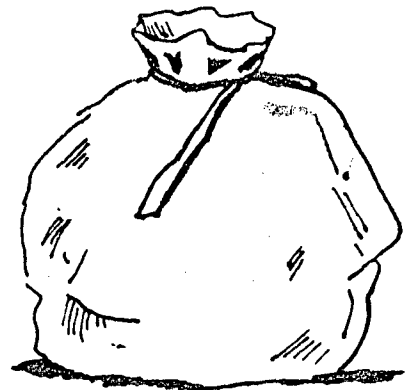
## LIXO SECO

Papel, papelão, garrafas, cobre, alumínio, vidros, latas, ferro, plástico.



## LIXO ORGÂNICO

Restos de comida, cascas de frutas e legumes, folhas de verduras e de árvores, cinzas.



## LIXO DE BANHEIRO

Deve ser queimado.

## Por que separar ?

Latas, plásticos, papéis, vidros, ferros, etc são vendidos.

O lixo orgânico (que apodrece) vira adubo.

Dias de coleta:

# SEPARAÇÃO DOMICILIAR PARA RECICLAR

## PORQUE RECICLAR O LIXO

Quando o que sobra em nossa casa (vidro, papel, jornal, caixa, lata, plástico) é reciclado pelas indústrias e é transformado em novos materiais que são necessários ao nosso dia-a-dia, preservamos os recursos naturais.

## COMO PRESERVAMOS ?

Por exemplo :

Menos árvores serão derrubadas para fazer papel novo, pois o papel usado também pode virar papel novo.

E ainda mais ...

Fazendo papel novo do papel usado gasta-se menos energia.

**Reciclar também é economizar energia.**

PROGRAMA  
BEIJA-FLOR



comcap



FLORIANÓPOLIS  
VALE A PENA

INFORMAÇÕES : 44-35-88

# LIXO SEPARADO É RIQUEZA

## Coleta seletiva no Balneário - Dia 19-03-90

O lixo que é produzido por nós, se tiver um destino adequado, pode ser transformado em riqueza. Com a participação de todos o lixo pode ser reaproveitado. Pensando assim, a COMCAP implantará a partir do dia 19 de março a coleta seletiva no Balneário.

### O QUE É COLETA SELETIVA?

É aquela que recolhe o lixo separado. Neste processo a dona de casa separa seu lixo em dois tipos: orgânico e seco. Este lixo pode ser reaproveitado pela indústria ou ser transformado em adubo.



LIXO SECO

Papel, papelão, garrafas, cobre, alumínio, vidros, latas, ferro, plástico.



LIXO ORGÂNICO

Restos de comida, cascas de frutas e legumes, folhas de verduras e de árvores.



LIXO DE BANHEIRO

### COMO EMBALAR O LIXO?

O lixo orgânico deve ser colocado em sacos plásticos bem fechados. O seco em caixas de papelão ou mesmo latões.

Para evitar mau cheiro mantenha sempre os dois tipos em lugar bem arejado.

### PORQUE REAPROVEITAR O LIXO? ⑤

Você sabe que a grande maioria dos produtos utilizados pelo homem vem da natureza. Assim, o plástico, é feito de petróleo, o papel de madeira, o vidro de areia. O reaproveitamento destes materiais ajuda a preservar a natureza e a manter nossas riquezas. Para você ter uma idéia cada 50 quilos de papel usado transformado em papel novo evita que uma árvore seja cortada.

## AGORA ATENÇÃO

Nas segundas e sextas feiras a COMCAP recolherá o lixo seco. Nas terças, quintas e sábados é a vez do lixo orgânico, e o de banheiro.

Separe seu lixo. Mantenha a cidade limpa.

Preserve a natureza utilizando bem as riquezas que ela nos oferece.

INFORMAÇÕES 443588



Programa  
Beija-Flor

# MORADOR DO BALNEÁRIO ESTÁ DE PARABÉNS!!

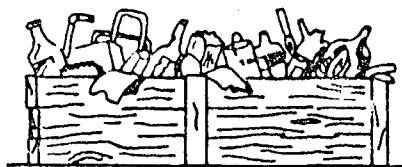
Porque vem dando um exemplo de participação na solução de um problema da humanidade :

O que fazer com o lixo .

## E AINDA MAIS

O morador do Balneário participa de um programa que soluciona o problema preservando os recursos naturais, economizando matéria - prima da natureza (árvores, areia, metais, petróleo ... )

Continue separando seu lixo em 3 tipos :



LIXO SECO

Papel, papelão, garrafas, cobre, alumínio, vidros, latas, ferro, plástico.



LIXO ORGÂNICO

Restos de comida, cascos de frutas e legumes, folhas de verduras e de árvores.



LIXO DE BANHEIRO

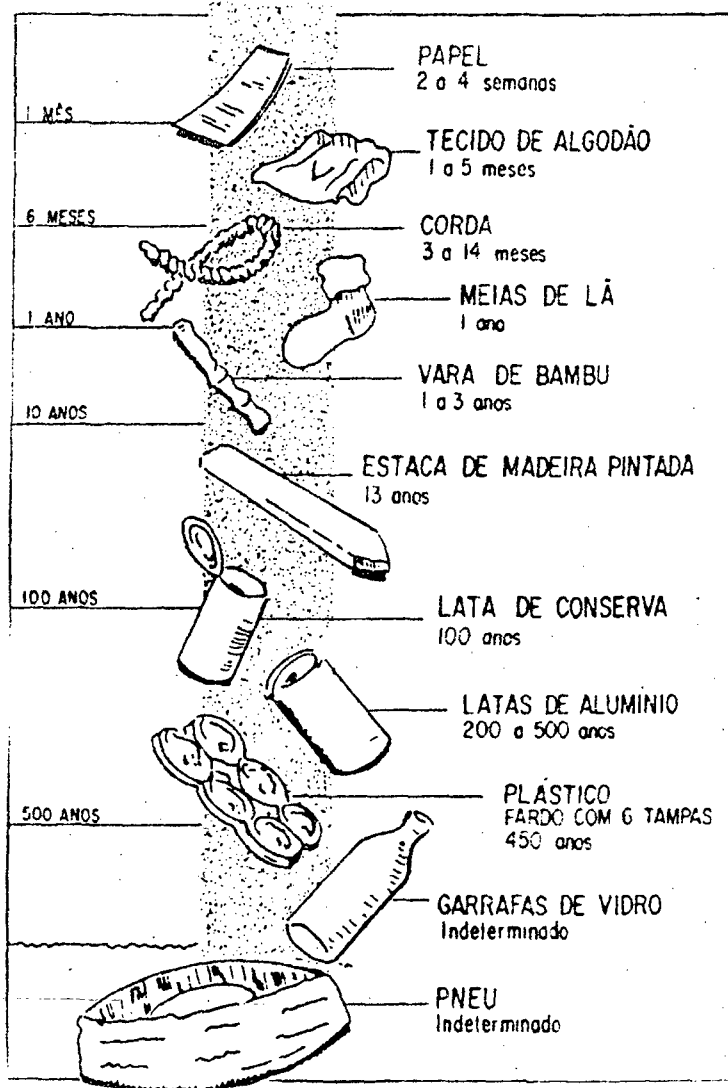
PROGRAMA  
BEIJA-FLORES



COMCOP

INFORMAÇÕES : 44-35-88

## QUANTO TEMPO LEVA NOSSO LIXO PARA SE DECOMPOR ?



**comcop**

COMPANHIA MELHORAMENTOS DA CAPITAL

## MORADOR DO BALNEÁRIO PENSE NISSO!!

**S**eparar o lixo é apostar numa vida melhor para todos.  
Não permita que seus resíduos provoquem um problema ambiental.

**T**ome uma atitude ecológica. A coleta seletiva de lixo em seu bairro lhe dá a oportunidade de contribuir com a preservação da natureza.

**S**eparar o lixo custa muito pouco. Tente uma vez e veja como é fácil. É só se habituar.

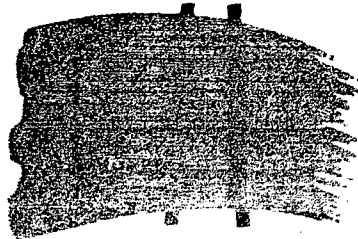
**E**ntregue seu lixo seco nas SEGUNDAS e SEXTAS pela manhã.

SE VOCÊ JÁ SEPARA SEU LIXO - PARABÉNS!!



COLETA SELETIVA  
TELEFONE: 44 3333

FLORIANÓPOLIS



DE TODOS  
ADMINISTRAÇÃO POPULAR



---

**ATENÇÃO**

FACILITE A COLETA DE LIXO SECO (INORGÂNICO) - PROGRAMA BEIJA-FLOR-DO SEU BAIRRO,  
COM UM PEQUENO GESTO:

COLOQUE SEU LIXO PARA A COLETA DA SEGUINTE MANEIRA:

SEGUNDAS E SEXTAS - SOMENTE LIXO SECO (INORGÂNICO)

TERÇAS, QUINTAS E SÁBADOS - LIXO ORGÂNICO, DE BANHEIRO E OUTROS REJEITOS

- Siga as INSTRUÇÕES

PROGRAMA BEIJA-FLOR  
COMCAP

INFORMAÇÕES: 443588

## MORADOR DO BALNEÁRIO

Os cidadãos de Florianópolis receberão a partir de 24 de março o sistema de coleta seletiva de lixo, há muito tempo esperado. Esse sistema recolherá os resíduos triados pelos moradores da região urbana do município.

O Balneário foi o bairro pioneiro em coleta seletiva no município e agora precisará sofrer modificações devido à ampliação do sistema.

Em toda a cidade a coleta seletiva passará uma vez na semana em cada bairro. Assim, o Balneário passará a ter coleta seletiva apenas sextas-feiras e não mais segundas e sextas como foi até essa data.

Guarde seu lixo separado e entregue apenas nas sextas-feiras pela manhã.

A natureza agradece!!!

Informações fone: 44-3588

COMCAP/PMF

# Participe da Coleta Seletiva do Lixo

Veja como separar o lixo

## LIXO RECICLÁVEL

Garrafas, copos, cacos de vidro, jornais, revistas, caixas, cadernos, latas, tubos de pasta dental, tampas de garrafas, pregos, papel alumínio, sacos e embalagens plásticas.

Uma vez por semana o caminhão da "COLETA SELETIVA" passa na sua rua.

## O OUTRO LIXO

Restos de comida, cascas de frutas e legumes, papel higiênico, guardanapos, lenços de papel, absorventes, fraldas descartáveis, tocos de cigarro e cinzas, pó de limpeza caseira, bombril, pilhas, tecidos, sarrafos, isopor, borrachas e couros.

Este lixo continua sendo recolhido como sempre.

Preserve  
Florianópolis.



Separe o lixo.



TELE-RECICLAGEM  
1529



A Coleta Seletiva  
de Lixo acontece  
nesta rua todas  
as sextas-feiras.

*Preserve  
Florianópolis.*



*Separe o Lixo.*



## ATENÇÃO

**AGORA O SEU PRÉDIO TEM UMA  
NOVIDADE ECOLÓGICA!!**

**UTILIZE O LATÃO PARA O LIXO  
RECICLÁVEL.**

### DEPOSITE:

.Papel/ papelão  
.Plásticos em geral  
.Vidros em geral  
.Metais (latas/alumínio)

### NÃO DEPOSITE:

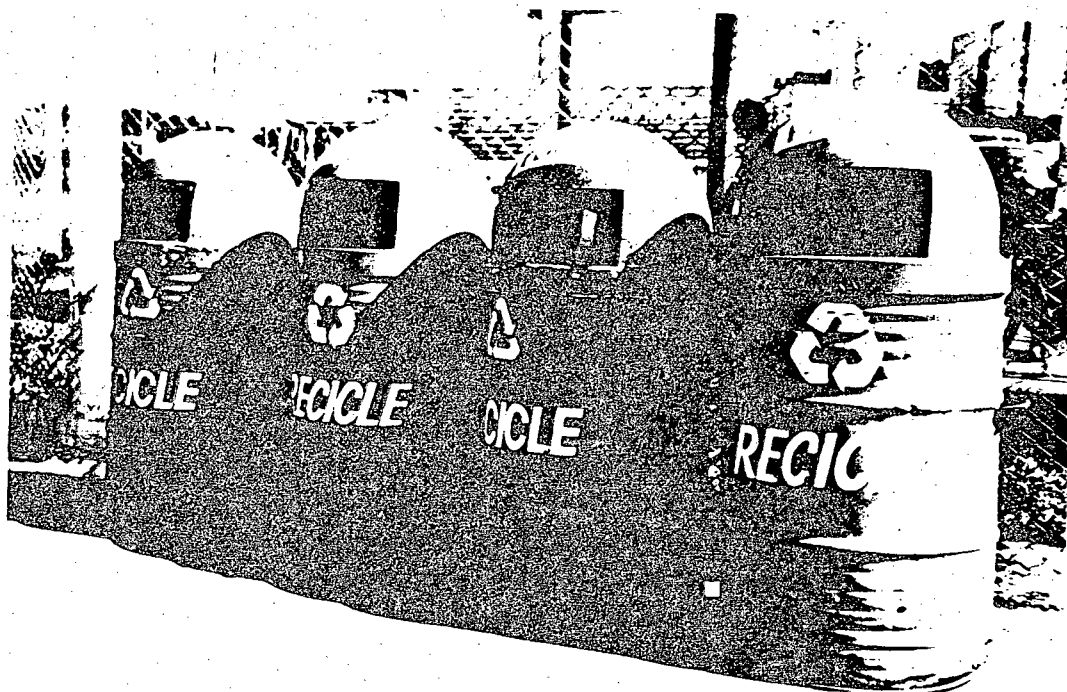
Lixo orgânico, louças, madeiras, papel higiênico  
e guardanapo, embalagem longa vida e a vácuo,  
papel carbono, lâmpadas, pilhas e fraldas descartáveis.

\* Esse lixo deve ser entregue para a coleta  
convencional nas terças, quintas e sábados.

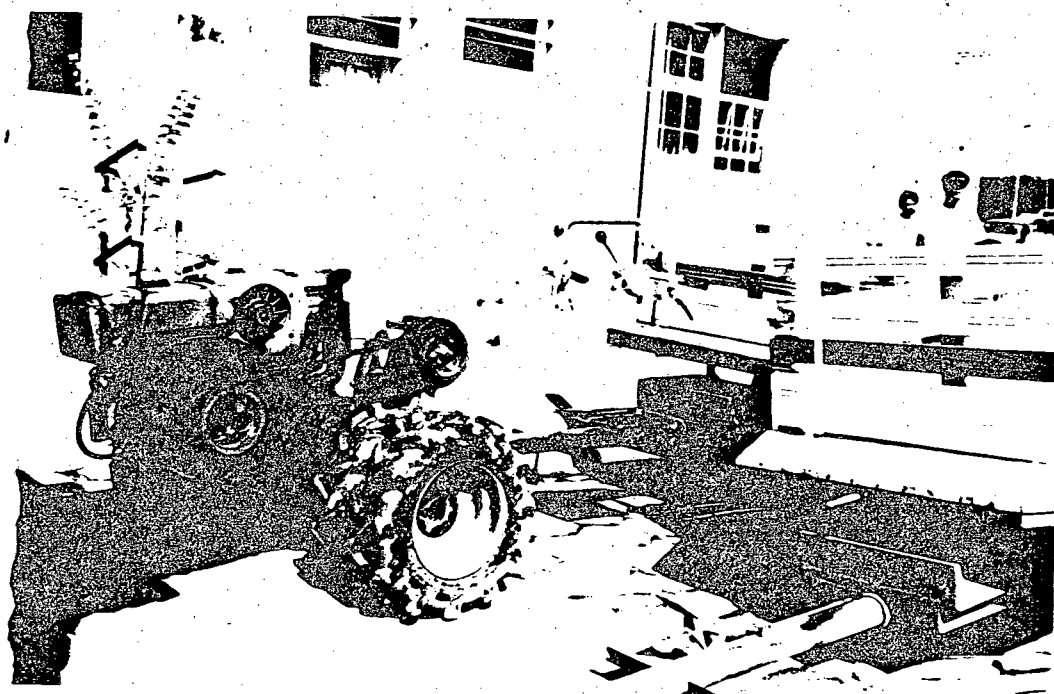
Dúvidas fale com o síndico ou ligue para  
COMCAP - COLETA SELETIVA  
FONE: 44-3588 - 44-5422

**MAPAS DOS BAIRROS PESQUISADOS**

FOTOS DO SISTEMA DE COLETA NOS BAIROS



Postos de Entrega Voluntária-PEVs



Micro-Trator Acoplado com Carreta Utilizado Para Coleta



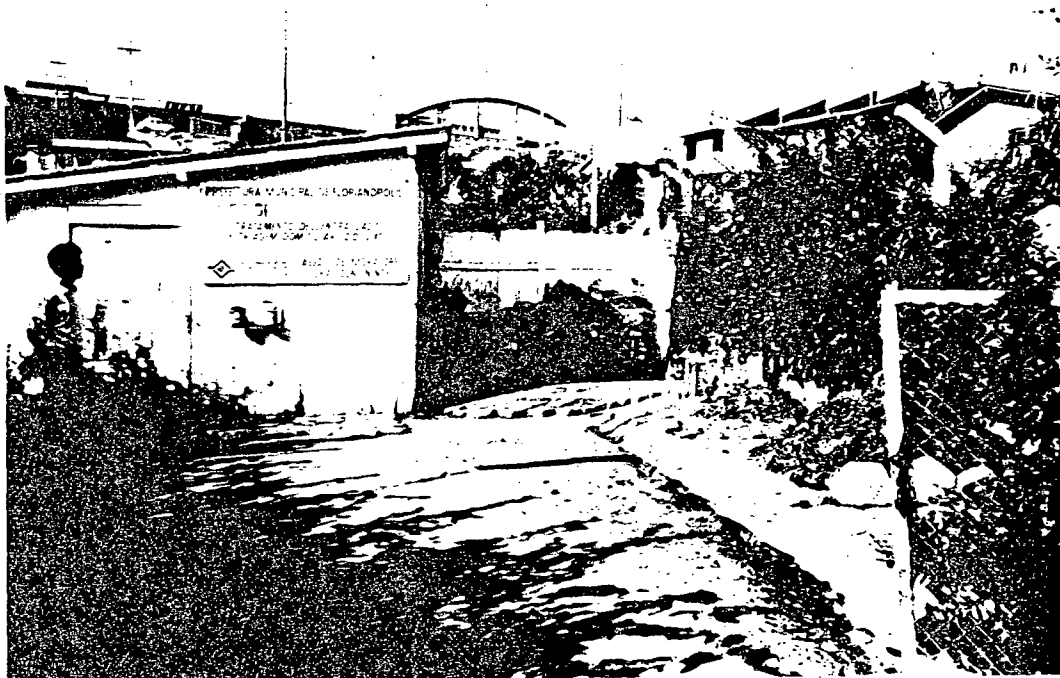


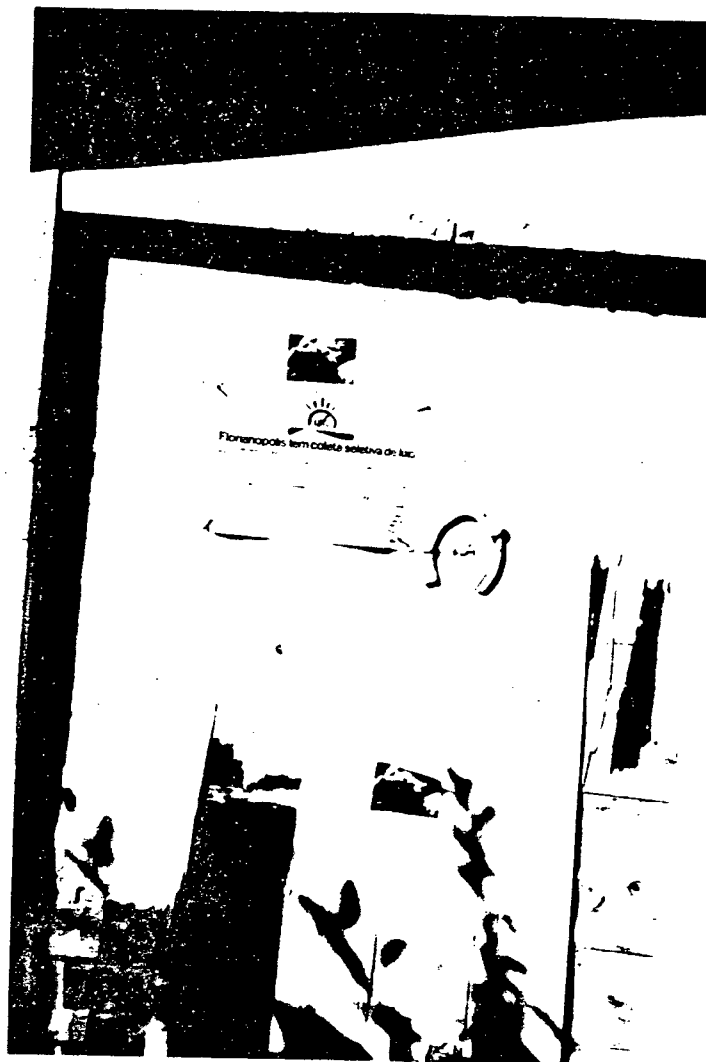
Vista Parcial Do Loteamento Ilha-Continente





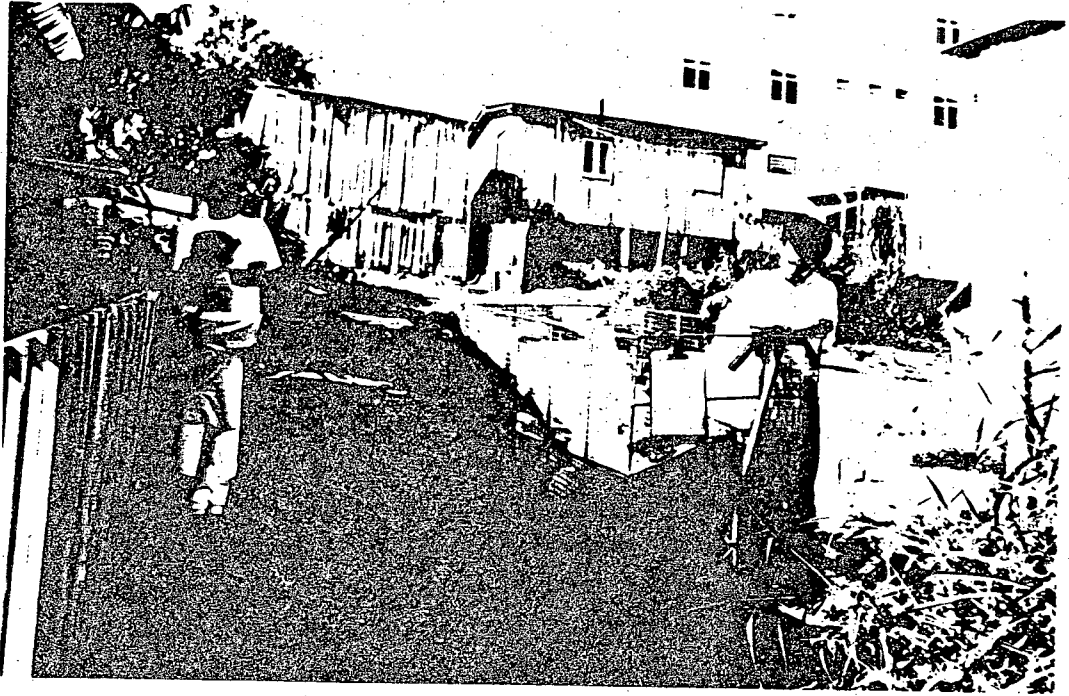
Instalações Do Programa Beija-Flor No Bairro (Abrigo Para Materiais Recicláveis e Pátio de Compostagem)



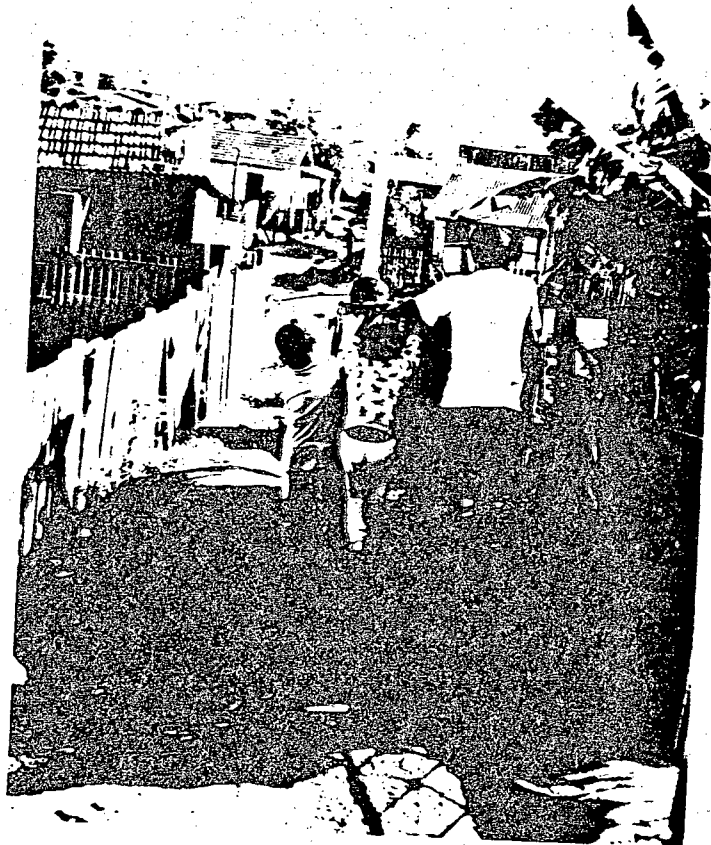


Armazenamento de Materiais Recicláveis No Abrigo





Carrinho Utilizado Por Funcionário Para  
A Coleta No Loteamento

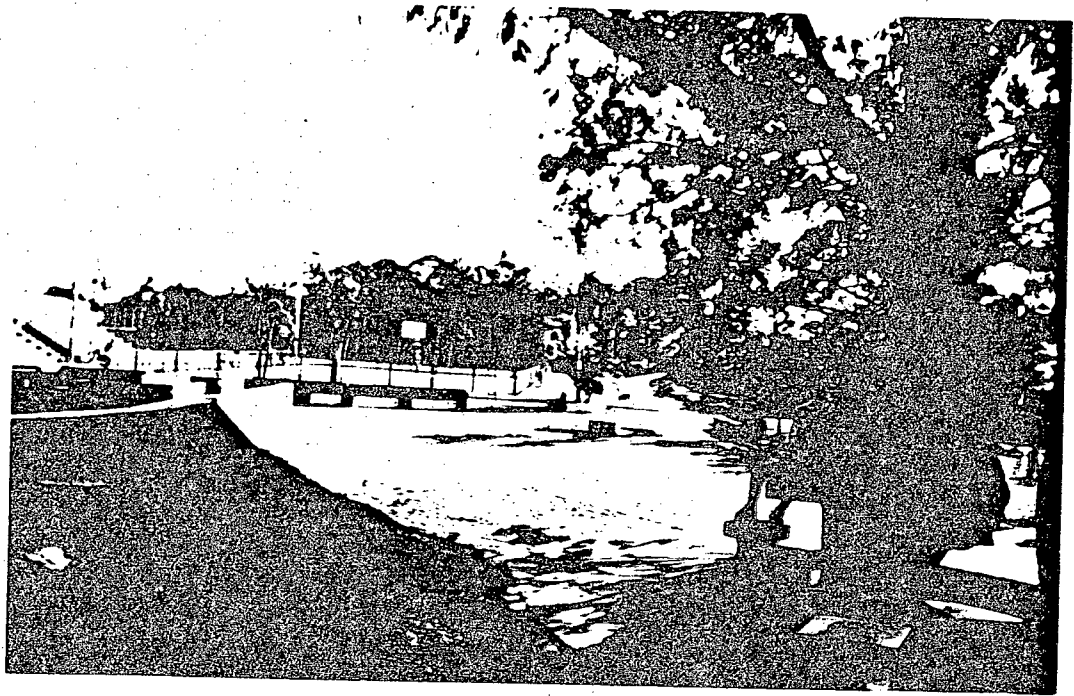




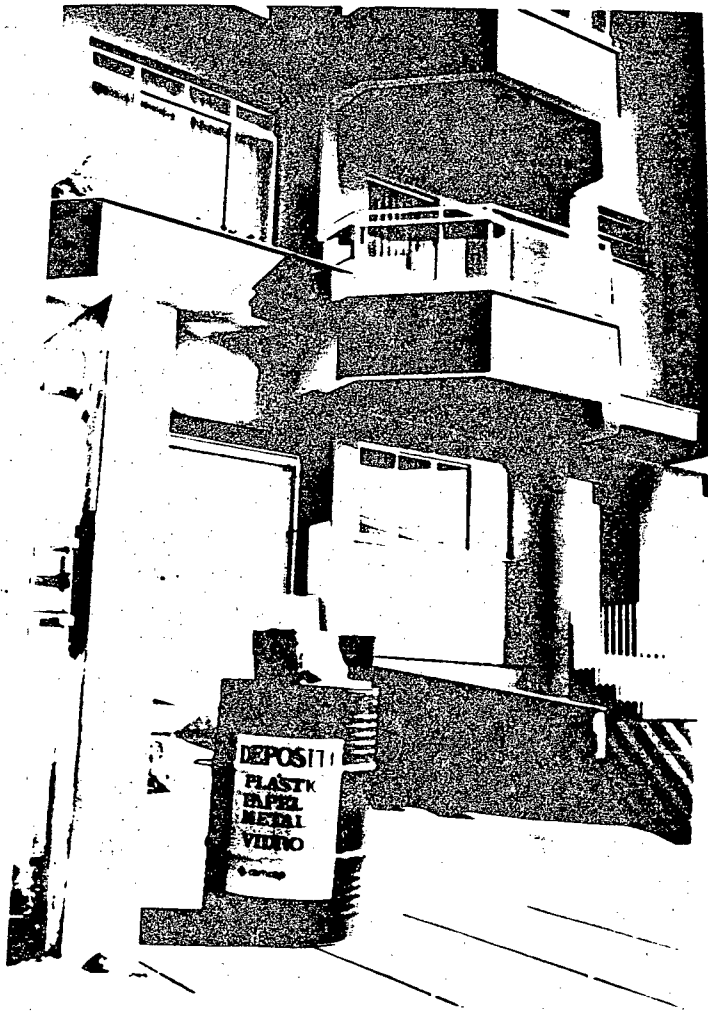
Sistema De Coleta Com Balaio No Loteamento



Centro De Profissionalização Popular Que Oferece Oficinas  
Para Os Moradores Do Loteamento



Vista Parcial Da Praça Do Balneário



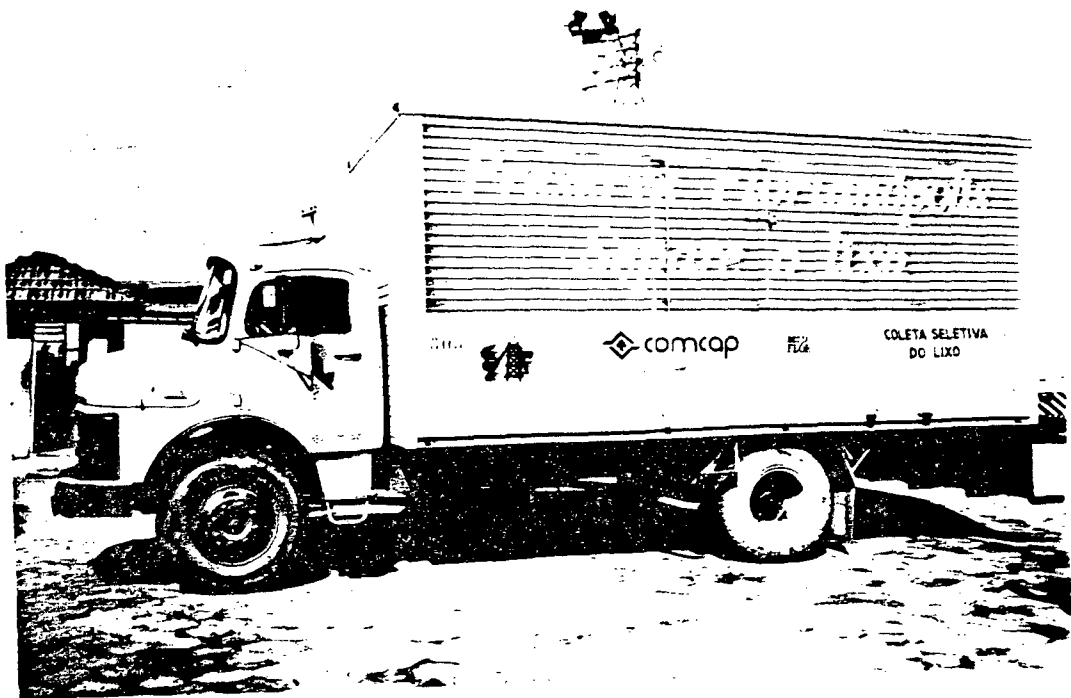
Latão Utilizado Nos Prédios Do Balneário Para Acondicionar Resíduos Recicláveis



Resíduos Recicláveis Acondicionados Para A Coleta Seletiva No Bairro Balneário



Catador de Lixo No Bairro Balneário



**Caminhão Utilizado Para A Coleta Seletiva  
No Bairro Balneário**

